

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas

Camila Andrade dos Santos Canuto

**A EDUCAÇÃO FEMININA POR MEIO DOS JORNAIS DIAMANTINENSES NA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

Diamantina

2021

Camila Andrade dos Santos Canuto

**A EDUCAÇÃO FEMININA POR MEIO DOS JORNAIS DIAMANTINENSES NA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas – da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Pereira Lage

Diamantina

2021

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

C235 Andrade dos Santos Canuto, Camila
2021 A EDUCAÇÃO FEMININA POR MEIO DOS JORNAIS DIAMANTINENSES NA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX [manuscrito] / Camila Andrade dos
Santos Canuto. -- Diamantina, 2021.
113 p.

Orientadora: Prof.^a Ana Cristina Pereira Lage.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Humanas) --
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Diamantina,
2021.

1. Imprensa. 2. Educação Feminina. 3. Diamantina. I.
Pereira Lage, Ana Cristina. II. Universidade Federal dos Vales
do Jequitinhonha e Mucuri. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFVJM
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecário Rodrigo Martins Cruz / CRB6-2886
Técnico em T.I. Thales Francisco Mota Carvalho



CAMILA ANDRADE DOS SANTOS CANUTO

**A EDUCAÇÃO FEMININA POR MEIO DOS JORNAIS DIAMANTINENSES NA SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, nível de Mestrado, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em CIÊNCIAS HUMANAS.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Cristina Pereira Lage

Data de aprovação: 08/03/2021.

Rogério Pereira de Arruda
ROGÉRIO PEREIRA DE ARRUDA

(Doutor - UFVJM)

James William Goodwin Jr.
JAMES WILLIAM GOODWIN JR.

(Doutor - CEFET- Minas Gerais)

Alage
ANA CRISTINA PEREIRA LAGE

(Doutor - UFVJM) - Orientadora

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre colocar pessoas maravilhosas em meu caminho, as quais me fazem acreditar em um mundo melhor e me encorajam a prosseguir. Obrigada por nunca soltar a minha mão e me guiar em todos os momentos.

A minha mãe, Eva, agradeço do fundo do meu coração por todo cuidado e amor, apesar de tantas dificuldades, nos ensinou o verdadeiro significado de família. Aos meus irmãos Carol e Rian, que nunca mediram esforços para me ensinar o caminho do bem, e sempre me apoiaram em todas as etapas da minha vida. Sem vocês, eu não chegaria até aqui. Muito obrigada por tudo! O amor que sinto por vocês é incondicional. Agradeço a toda minha família. Obrigada por acreditar no meu sonho e sempre me motivar a seguir em frente. É muito bom saber que posso contar com vocês em todos os momentos. Amo vocês!

A minha professora, Louise Lopes Nascimento Rocha (*in memoriam*), por acreditar nesse sonho. Ao longo da sua vida sempre se empenhou em transformar a vida de seus alunos através da educação. Tive a honra de compartilhar a mesma casa de seus filhos, a mesma comida, a mesma educação, o mesmo amor. Aqui estão os resultados dos seus esforços. Muita gratidão.

Ao meu companheiro, Luís Octávio, por todos os dias e noites acordado ao meu lado, me incentivando a lutar pelos meus sonhos. Obrigada pela dedicação, amor e paciência, essa conquista também é sua. Amo você!

A minha orientadora, Professora Ana Cristina Pereira Lage, pela oportunidade de realizar este e outros trabalhos. Obrigada pela confiança e por me atender com paciência todas as vezes que bati em sua porta. Agradeço por todos os ensinamentos compartilhados de forma admirável, e por me guiar nos primeiros passos desde a graduação. Sua contribuição foi essencial para a concretização de todo meu aprendizado como aluna, pessoa e futura docente. Muito obrigada por tudo!

Aos professores que integraram a banca de qualificação, Fernanda Valim e Helder Pinto, agradeço pelos ensinamentos. Aos professores Rogério Arruda e James Willian Goodwin Jr., agradeço todos os apontamentos e ensinamentos para esta dissertação.

A todos os meus amigos que estiveram ao meu lado nessa trajetória, pelos conselhos, incentivos e ensinamentos. Em especial, Heitor Bispo Jr., que compartilhou ensinamentos, casos, cafés e boas risadas. Agradeço por sempre me incentivar!

A todos os professores da minha trajetória acadêmica, pelos ensinamentos, os quais foram, são e serão muito importantes para mim e para a minha vida profissional, assim como agradeço aos funcionários, que fazem com que tudo funcione da melhor maneira possível. Em especial à professora Elaine Sodré, por cuidar de mim em um momento, sua atitude me ensinou que os desafios da docência são mais que ensinar, levarei esse aprendizado para a vida. E ao professor Túlio Lopes, que assim que soube da oportunidade nesse Programa de Mestrado, me incentivou e orientou para conseguir a vaga. Muito obrigada!

Agradeço a todos os professores da pós graduação, ao Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas, e a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, por propiciar que pessoas como eu, ingressem em uma universidade, e saiam com Bacharelado, Licenciatura e Mestrado. É um sentimento inexplicável. Muito obrigada!

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como foco principal a análise dos papéis femininos apresentados nos jornais que circularam na segunda metade do século XIX, na cidade mineira de Diamantina. Por meio da análise dos exemplares de jornais, o objetivo é compreender os espaços ocupados e os papéis designados para as mulheres em uma sociedade regida pela religiosidade católica e pelo patriarcalismo. Neste momento, o jornal era um dos espaços mais importantes para a circulação e divulgação das principais representações sociais do período para a sociedade diamantinense, uma vez que os periódicos eram os principais veículos de comunicação para a elite letrada do século XIX. Nesta perspectiva, os jornais eram responsáveis por educar e influenciar os seus leitores nas atitudes e comportamentos acerca dos papéis femininos na sociedade local. Propõe-se analisar as normas de conduta pretendidas para os diversos tipos de mulheres encontradas nos periódicos, especialmente aquelas consideradas como matronas.

Palavras-chave: Mulheres. Educação. Conservadorismo. Imprensa Periódica.

ABSTRACT

The present work has as its main focus the analysis of the feminine papers presented in the newspapers that circulated in the second half of the 19th century, in the mining town of Diamantina. Through the analysis of newspaper copies, the objective is to understand the spaces occupied and the roles assigned to women in a society governed by Catholic religiosity and patriarchalism. At this time, the newspaper was one of the most important spaces, for the circulation and dissemination of the main social representations of the period for the diamantinense society, since the periodicals were the main vehicles of communication for the literate elite of the 19th century. In this perspective, newspapers were responsible for educating and influencing their readers on attitudes and behaviors about women's roles in local society. The goal is to analyze the rules of conduct intended for the different types of women found in the newspapers, matrons, women considered to be of little virtue, wet nurses, black women, religious women, teachers and students, traders, workers, among others.

Keywords: Women. Education. Conservatism. Periodic Press.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM – Arquivo Público Mineiro

BAT – Biblioteca Antônio Torres

BND – Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Jornais diamantinenses da segunda metade do século XIX.....33

Quadro 2 - Jornais diamantinenses, legendas e redatores34

SUMÁRIO

Introdução	16
CAPÍTULO 1 - Imprensa e educação EM MINAS GERAIS.....	23
1.1 A Imprensa educadora.....	24
1.2 Os periódicos diamantinenses e a missão de instruir para a civilidade.....	33
1.3 A perspectiva jornalística sobre as mulheres.....	40
CAPÍTULO 2 - A AMPLIAÇÃO DA EDUCAÇÃO FEMININA	50
2.1 Educação não-escolar: contribuições para a base familiar	51
2.2 A expansão da Educação Escolar.....	57
2.3 A Educação feminina escolar em Diamantina	62
CAPÍTULO 3 - OS JORNAIS DIAMANTINENSES E OS PAPEIS SOCIAIS FEMININOS	66
3.1 O que era esperado das mulheres	67
3.2 Mulheres do século XIX: entre matronas e mulheres comuns.....	71
3.3 A conquista do espaço público pelas mulheres	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	86
ANEXO I.....	91
ANEXO II.....	100

INTRODUÇÃO

Entre matronas¹ e mulheres comuns, estavam postos os papéis sociais femininos apresentados pelos periódicos da segunda metade dos Oitocentos em Diamantina, Alto Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Por meio de publicações jornalísticas que serão investigadas nesta pesquisa é possível encontrar o primeiro modelo como “exemplar” e o segundo como “não exemplar”. Diante de ambas as possibilidades, a sociedade, a Igreja e a família deduziam as alternativas pretendidas para as posturas e práticas adequadas às mulheres. Dessa forma, na segunda metade do século XIX a Imprensa construiu uma espécie de “manual” acerca do que seria adequado e inadequado, associando características e condutas específicas de acordo com o gênero. Assim, a presente dissertação buscou captar a função da Imprensa enquanto educadora da sociedade diamantinense, apontando costumes, hábitos e referenciais associados ao masculino e ao feminino, atuando pedagogicamente na construção de representações sociais.

A pesquisa intentou na investigação de um período importante de transformações sociais e econômicas para Diamantina, especialmente a partir da fundação do Bispado (1863) *in loco* e a consequente preocupação de implementação ou continuidade de práticas religiosas que deveriam fortalecer a moralidade e o cumprimento dos papéis sociais destinados aos homens e às mulheres na cidade. Neste período, o projeto moralizador proposto pelo primeiro Bispo, Dom João Antônio dos Santos (1818-1905), bem como pela Igreja Católica a partir do seu discurso ultramontano², pretendia modelar o comportamento feminino, especialmente para que as senhoras exercessem as funções de fiéis esposas e boas mães cristãs.

Além disso, o momento também foi de fortalecimento da educação feminina escolarizada em Diamantina, particularmente a partir da ação do Bispado para a abertura

¹ Segundo o Dicionário da Língua Brasileira, no século XIX podemos definir a palavra “matrona” como “Mulher nobre. A mãe de família” (PINTO, 1832, p. 88). Essas mulheres representavam o bom exemplo feminino na sociedade. O seu oposto seriam as mulheres sem virtudes, aquelas que não correspondiam às expectativas para o seu gênero.

² “Nas primeiras décadas do século XIX, devido a frequentes conflitos entre a Igreja e o Estado em toda a Europa e América Latina, foram chamados de ultramontanos os partidários da liberdade da Igreja e de sua independência com relação ao Estado. O termo ultramontanismo aparecia como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, o fechamento sobre si mesma e a recusa do contato com as novas ideias” (LAGE, 2013, p. 34).

do Colégio Nossa Senhora das Dores (1866), fundado pelas Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo e, ademais, de ações públicas para a implementação de Escolas femininas de Primeiras Letras e a abertura da Escola Normal (1879-1906) para a formação de professoras. Tanto a instalação do Bispado como a implantação do Colégio Nossa Senhora das Dores, além das referidas instituições públicas, são fatores indispensáveis para compreender o espaço das mulheres nesse contexto e os discursos presentes nos exemplares dos jornais consultados. Sendo assim, pretende-se com este trabalho discutir como a linguagem expressa nos periódicos e a veiculação de notícias acerca das mulheres poderiam educá-las para determinados papéis sociais que eram pretendidos na sociedade coeva.

Este trabalho pretende dialogar com a dimensão historiográfica da História Cultural, com a abordagem da história regional³ e os domínios da história das mulheres e da Educação. De acordo com José D'Assunção Barros (2005), a História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, como também os seus mecanismos de recepção. De um modo ou de outro, a recepção é também uma forma de produção. Formada por inúmeros objetos de interesse, essa linha de pensamento pode combinar quatro elementos fundamentais (objetos culturais, sujeitos, sistemas e processos) com quatro dimensões essenciais que se multiplicam em práticas, representações, visões de mundo e expressões (BARROS, 2005, p. 4).

³ A construção da História é fruto de um trabalho coletivo. Nesse sentido, é importante citar outros autores que contribuíram tanto para a história regional, como para a Imprensa. História Regional: FERNANDES, Antônio Carlos. **Entre o turbulento e a chaminé:** a ação do Bispado no processo de constituição da modernidade em Diamantina. 1864-1917. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Departamento de História/FAFICH/UFMG, 2005. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-8WBF27>>. MARTINS, Marcos Lobato. **Breviário de Diamantina:** uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX). Belo Horizonte, Fino Traço Editora, 2014. OLIVEIRA, Livia Gabrielle de. **A presença da Igreja nas ações abolicionistas no Norte Mineiro:** o caso do bispado de Diamantina (1864-1888). Programa de Pós-Graduação em História/UFOP, 2011. Disponível em <www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/2412/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Presen%C3%A7aIgrejaA%C3%A7%C3%B5es.pdf>. OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. **O teatro e algumas diversões em Diamantina:** uma história registrada pela Imprensa (1888-1915). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer/UFMG, 2016. Disponível em <<http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Renata%20C%20S%20Oliviera.pdf>>. PINTO, Helder de Moraes. **Entre a Casa e a Rua:** uma história da mocidade de Diamantina-MG no final do século XIX. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação em Educação/UFMG, 2015. Disponível em <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-ACAGFG>>. SANTOS, Dayse Lúcida Silva. **Entre a norma e o desejo:** estudo das tensões no relacionamento conjugal em Diamantina de 1863 a 1933. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Departamento de História/FAFICH/UFMG, 2003.

Nesse caso, o interesse tem foco nas “práticas”, uma vez que estas podem se referir aos **modos de vida** (a vida em um grande centro urbano ou a vida recolhida em um mosteiro, por exemplo), aos **comportamentos** dos homens nas suas relações mútuas ou nas suas relações com a natureza, aos **sistemas normativos** que regem os relacionamentos sociais e funcionais (as normas de convivência, os papéis partilhados nas relações de gêneros e nas relações de parentesco, os sistemas de repressão ou de imposição hierárquica), às **técnicas** (procedimentos para produzir objetos culturais, ou também para utilizá-los com vista à feitura de algo), ou às **práticas culturais específicas** (leitura, escrita, ato de orar, realização de um jogo) (BARROS, 2005, p. 4). Torna-se imprescindível para a condução desse trabalho a análise das práticas sociais que eram descritas nos jornais diamantinenses com o intuito de regular o comportamento feminino e direcionar assim as posturas, as normas, as práticas educativas, as hierarquias entre homens e mulheres e, por fim, os papéis desempenhados pela sociedade local.

Sob essa perspectiva, compreender a noção de papel social é um pressuposto fundamental neste trabalho. Entendido como conjunto de atividades, comportamentos e práticas, característicos de uma dada situação social, que resulta de um processo contínuo de construção social e que é desempenhado pelo sujeito em grupos de onde se originam expectativas e sob os quais ele exerce influência. Nesse aspecto, sabe-se que cada função social é acompanhada de um conjunto de expectativas por meio do qual se prejudga ou prediz o que se espera dos diferentes indivíduos que desempenham determinado papel referente, é factível admitir que, de alguma forma, as expectativas do papel delineiam performances específicas, atitudes e comportamentos, conhecimentos, resultados, interações que compõem a visão que o sujeito tem de si mesmo e daqueles que estão num mesmo estrato social. Importa também reconhecer que a posição social sofre adaptações, posto que não é refratário às características e relações sociais próprias da organização na qual a pessoa o desempenhará (BERGER; LUCKMANN, 2004, pp. 104-105).

Sobre representações sociais, Rafael Augustus Sêga (2000) argumenta que, a representação que um grupo elabora sobre o que deve fazer para criar uma rede de relações entre seus componentes faz com que defina os mesmos objetivos e procedimentos específicos. Descobre-se um primeiro processo de representação: a elaboração, por uma coletividade, sob indução social, de uma concepção de uma tarefa que não leva em conta a realidade de comportamento social, mas a organização do funcionamento cognitivo de grupo. As representações sociais se apresentam como uma

maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e grupos para fixar suas posições em relação às situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoas; pela comunicação que se estabelece entre eles; pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural; pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que são-nos normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade (SÊGA, 2000, pp. 128-129).

Diante disso, torna-se importante analisar como as publicações veiculadas pelos jornais pretendiam condicionar representações sociais promovidas pela religião, ou educação e as diversas instituições que compunham a sociedade, de forma a garantir a manutenção das estruturas sociais postas. Para o desenvolvimento da pesquisa foram analisados vinte e um (21) periódicos publicados em Diamantina na segunda metade do século XIX e que estão digitalizados nos acervos do Arquivo Público Mineiro - APM⁴ e da Biblioteca Nacional Digital - BND⁵. Além disso, foi consultado o acervo físico da Biblioteca Antônio Torres - BAT⁶. Foram examinadas um total de 499 edições dos seguintes jornais: **17º Distrito (1886 – 1889); A Ideia Nova (1879 – 1889); A Mocidade (1878 – 1879); A Verdade (1885); Liberal do Norte (1887 – 1888); Monitor do Norte (1874-1879); O Aprendiz (1893); O Cathólico (1876); O Diamantinense (1892); O Estudante (1873 – 1879); O Futuro (1881); O Jequitinhonha (1860 – 1873); O Guaicuihy (1881 – 1889); O Guarany (1878 – 1879); O Lábaro do Futuro (1882 –**

⁴ A Secretaria de Estado de Cultura e o Arquivo Público Mineiro - APM, no intuito de democratizar a consulta aos acervos documentais de Minas Gerais, apresentam o Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro - SIAAPM. Trata-se de uma base onde informações básicas sobre o acervo e parte dos documentos do APM já estão em meio eletrônico. No SIAAPM já estão disponíveis, para consulta, instrumentos de pesquisa, milhares de documentos manuscritos, iconográficos, cartográficos, filmográficos e, especialmente, os jornais mineiros do século XIX (Hemeroteca Digital). Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>.

⁵ A Biblioteca Nacional (BN) é o órgão responsável pela execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do país. Com mais de 200 anos de história, é a mais antiga instituição cultural brasileira. Possui um acervo de aproximadamente 9 milhões de itens. Vários documentos já foram digitalizados e estão disponíveis para consulta on-line, entre eles, parte dos jornais que serão utilizados neste trabalho. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

⁶ Foi criada em 1954 com a finalidade de zelar e enriquecer o acervo bibliográfico do escritor Antônio Torres e promover a difusão da cultura popular da região, a biblioteca funciona dentro do imóvel conhecido como a Casa do Muxarabiê, que foi doado para a União em 1942 e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional em 1950. É administrada pelo IPHAN e está situada à Rua da Quitanda, em Diamantina, MG.

1889); O Município (1894 – 1899); O Normalista (1886); O Tambor (1889 – 1889); O Voluntário (1865 – 1869); Sete de Setembro (1886 – 1889) e Voz do Povo (1881-1884). As notícias selecionadas foram divididas de acordo com as seguintes temáticas: mulheres negras; matronas (mulheres virtuosas); mulheres consideradas de poucas virtudes; educação e instrução; família e casamento; Igreja Católica; Diamantina e poemas.

Antes de aprofundar as análises é importante esclarecer a metodologia adotada nesta pesquisa, justificando e esclarecendo as opções realizadas e os procedimentos utilizados. O jornal não pode ser visto como um retrato fiel da realidade, uma representação fidedigna do passado, mas pode ser interpretado enquanto um elemento histórico, construído pelo interesse de diversas pessoas, pelas relações de poder que nem sempre estão explícitas dentro da sociedade e, logo, deve ser considerado como um produto de seu tempo. Como fragmento de sua época, este documento se torna um guia que condiciona informações representativas de parte da sociedade diamantinense oitocentista. Portanto, na análise dos jornais levou-se em conta a sua intencionalidade, publicidade, processo de produção, dentre outros aspectos. Trabalhos⁷ como “Imprensa e História do Brasil” de Maria Helena Rolim Capelato e “História da Imprensa no Brasil” de Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca abordam análises importantes para a compreensão desse tema.

Os jornais apresentam diversos tipos de gêneros textuais, como notícias, informativos, editoriais, além de anúncio e publicações pagas, os quais podem ser ordenados de acordo com o grau de relevância e o posicionamento das notícias em suas páginas. Nesse sentido, os periódicos tornam-se uma maneira de informar, propagar ideias, educar, vender produtos, anunciar e, neste sentido, as notícias parecem revelar a capacidade de comunicação de uma sociedade. Contudo, é fundamental perceber que as dimensões dos periódicos ultrapassam a mera informação aos leitores, pois estes são

⁷BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 2013.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988. (Coleção Repensando a História).

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em História**. São Paulo, Editora Contexto, 2020, pp. 7-11. MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. 3ª ed. revista e ampliada. Brasília: Editora UnB, 2012.

PONCIONI, Cláudia; LEVIN, Orna (org.). **Deslocamentos e Mediações**. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, Ed. UNICAMP, 2018.

partes constitutivas da comunidade, como também agem sobre esta constituindo-se enquanto instituição social pedagógica, sobretudo quando indicam e determinam os espaços considerados como “naturais” para os homens e para as mulheres, além de ditarem princípios de civilidade.

Cynthia Greive Veiga observa que no século XIX a maioria das nações se autodeterminam ou almejam ser “civilizadas”. Em outras palavras, elas se pretendem portadoras de hábitos e valores fundados em um modelo comportamental de autocensura e regulação da conduta individual, que apresentou-se como imperativo para a promoção da liberdade, da paz social e das garantias constitucionais. Este é um discurso emanado pelo movimento das Luzes, uma vez que, “ao difundir novas racionalidades, os filósofos iluministas almejavam estender práticas e processos da civilização e convertê-los em objeto de interesse público a ser incorporado pelo Estado”, portanto, “tudo que parecesse bárbaro ou irracional deveria refinar-se ou desaparecer” (VEIGA, 2006, pp. 88-89). Sob esse prisma, a imprensa oitocentista diamantinense dissemina através da divulgação de seus periódicos um imaginário que propõe valores e hábitos, ditos como civilizados, construindo uma identidade pretendida e divulgada como meio de regeneração social.

O papel feminino - naturalizado como mãe, esposa, educadora e base moral da família, dentro dos princípios de civilidade, direcionar costumes e hábitos de acordo com o esperado de uma sociedade dita civilizada - fazia parte dos projetos educacionais da Imprensa no século XIX. Nesse sentido, o primeiro capítulo desta dissertação apresenta a temática “Imprensa e Educação em Minas Gerais” e tem como foco de análise o papel pedagógico do jornal, mormente a consolidação da imprensa em Minas Gerais e a aliança com as elites no projeto civilizatório de Diamantina. Os periódicos veiculam, por meio de suas publicações, exemplos de cidades, escolas, famílias, instituições, homens e mulheres civilizadas. Informam acerca de posturas negativas, de forma a expor práticas morais e imorais, orientando a sociedade acerca de virtudes e práticas esperadas, principalmente para as mulheres, num processo moralizador, onde exemplos supostamente civilizados veiculam exemplos tidos como civilizados.

No segundo capítulo - A ampliação da educação feminina - buscamos compreender a educação enquanto desenvolvimento das faculdades morais e a instrução enquanto o enriquecimento das faculdades intelectivas e, principalmente, entender como esse conhecimento era direcionado para a mulher da segunda metade do século XIX. Nesta parte buscou-se ainda analisar a construção representativa de espaços próprios para

cada gênero (público/homem e privado/mulher) e como a elite letrada diamantinense constrói, no imaginário social, o ideal de família, por meio dos princípios ultramontanos, liberais conservadores e patriarcais.

O terceiro e último capítulo - Os jornais diamantinenses e os papéis sociais femininos - aborda as imagens femininas de acordo com os valores patriarcais e religiosos veiculados pelos periódicos onde as mulheres são dicotomicamente classificadas como virtuosas e exemplares que deveriam ser seguidas; ou como mulheres comuns, operárias, comerciantes, amas de leite, criadas, aquelas que, apesar de carregarem a natureza feminina, não seriam capazes de desempenhar o papel ideal de matronas. Partindo da perspectiva que, nas páginas dos periódicos, encontram-se mulheres que atuavam significativamente na transformação da cidade, dentro das escolas, nos comércios, nas tipografias, contra aquilo que lhes era imposto e empreendiam algo além do que era esperado para o gênero e proposto pelos jornais, de acordo com os padrões conservadores.

Antes de tudo, é necessário relatar como foi a construção e os percalços enfrentados durante o desenvolvimento da pesquisa. O levantamento documental foi desenvolvido nos acervos digitais da Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional), do Arquivo Público Mineiro e do acervo físico da Biblioteca Antônio Torres, na cidade de Diamantina. Após a análise das fontes e referências bibliográficas iniciou-se o processo de redação do texto que, cabe lembrar, foi desenvolvido durante o período que o mundo foi surpreendido negativamente com a pandemia causada pelo vírus Covid-19. O isolamento afetou muito as pessoas, tanto na dimensão física quanto na emocional. Passamos por situações atípicas para as quais não estávamos preparados. É um período marcado por incertezas, solidão, medo, dor da perda inesperada. Tempo de adaptação de práticas, posturas e pensamentos. Desenvolver uma pesquisa científica é um grande desafio, além do mais, conciliá-la com família, trabalho, pressão de sentir que o melhor que consegue oferecer no momento não é o suficiente e com a pandemia tornou-se ainda mais difícil.

Esses e outros fatores, somados a nova (re)configuração de mundo causada por esta enfermidade universal intensificou as motivações para a pesquisa. Difícil, mas não impossível e esse foi o pensamento que gerou a conclusão desta dissertação de mestrado. Mesmo entre dias de ânimo e desânimo, estáveis e instáveis, produtivos e frustrantes, o objetivo de compreender alguns aspectos da imprensa diamantinense do século XIX e abrir caminhos para outros estudos, proporcionou a produção deste trabalho.

CAPÍTULO 1 - IMPRENSA E EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS

Este capítulo aborda a consolidação da Imprensa oitocentista no Brasil, com foco em Minas Gerais, desvendando-a em suas diversas funções: como guia da opinião pública, difusão de ideias, transmissão de notícias, e, principalmente, formadora de consensos sobre espaços e papéis sociais, pressupondo expectativas de comportamentos adequados aos homens e às mulheres. Além disso, desenvolve um papel pedagógico de orientadora da moral e dos princípios civilizatórios da sociedade. No século XIX, esta Instituição partia da prerrogativa da sua autoimagem de detentora maior do conhecimento e discernimento do seu entorno, também, justificava a sua credibilidade para desenvolver críticas e incentivos nas mais diversas demandas sociais.

Para além de vincular notícias, anúncios, contos, etc., a Imprensa mineira, particularmente a diamantinense - objeto deste estudo, divulgava valores e princípios. Destaca-se a necessidade de fortalecer o discurso acerca da ampliação da educação escolar enquanto único caminho para se construir uma sociedade civilizada. Nas páginas dos jornais consultados são constantes as referências à educação em outras cidades e países de forma a instigar àquela população a seguir os bons exemplos de civilidade emanados por aqueles noticiários.

Nesse cenário, onde certas publicações são destacadas e ocupam espaços estratégicos no corpo dos periódicos, pois na segunda metade do século XIX as primeiras páginas eram destinadas a assuntos políticos e econômicos, sendo as últimas referentes aos anúncios e alguns textos escritos sobre o público feminino. Desta forma, a Imprensa divulgava ideais de civilidade e apontava as carências educacionais da sociedade. Enaltecia, então, a necessidade de educação da mulher, ressaltando o dever feminino no âmbito doméstico, por exemplo, zelar pelo bem da família e gerenciar o lar. Denota-se uma evidente preocupação tanto com os comportamentos e posturas femininas por meio da necessidade de moldá-las conforme os interesses da sociedade coeva quanto com o forjamento da mulher como mãe/esposa e educada/virtuosa.

Nessa perspectiva, o objetivo central deste capítulo é analisar os contornos que os periódicos diamantinenses assumiram na segunda metade do século XIX. Refletir sobre sua função pedagógica de inculcar no imaginário social princípios e valores pretendidos para o papel feminino. Mediante estratégias distintas, de um lado, criticando os costumes

considerados inadequados ao comportamento feminino e, de outro, a exaltação das qualidades tradicionalmente associadas às mulheres, consideradas como adequadas sobre o prisma dos jornais coevos, incluindo os diamantinos.

1.1 A Imprensa educadora

Até a chegada da Corte Real à sua Colônia portuguesa na América, em 1808, era proibida a impressão de periódicos. A criação da Imprensa Régia no Brasil, em 13 de maio daquele ano, fez parte do processo de instalação do aparelho burocrático do Império português no Rio de Janeiro. A primeira tipografia em solo colonial deveria ficar subordinada à Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Cabia ao novo órgão a impressão de toda a legislação e documentos diplomáticos que surgissem de qualquer repartição do real serviço. Como não havia outra tipografia no território, ao menos oficialmente, cabia-lhe também imprimir todas as outras obras, porém só acontecia após o cumprimento da tarefa de publicar os atos do Império, necessária e essencial ao bom andamento da burocracia local (BARRA, 2015, p. 11).

Em junho de 1808, foi nomeada uma junta administrativa para a Imprensa Régia, composta de três membros que tinham entre as suas atribuições o exame de tudo o que se mandasse publicar e o impedimento da impressão de documentos e livros cujos conteúdos contrariassem o governo, a Igreja Católica e os bons costumes. Com o Decreto de 27 de setembro de 1808, o príncipe regente (Dom João) atendeu à solicitação da Mesa do Desembargo do Paço que reivindicava o seu direito de exercer a jurisdição sobre a censura de livros com base no Alvará de 17 de dezembro de 1794. Este aparato censório vigorou durante praticamente todo o governo de D. João no Rio de Janeiro (1808-1821).

Em 2 de março de 1821, D. João foi obrigado a assinar, por pressão da Junta de Governo da Revolução do Porto⁸, um decreto que abolia a censura prévia para a imprensa em geral. Após a regulamentação da liberdade de imprensa nos debates constitucionais

⁸ A Revolução Liberal do Porto foi um movimento ocorrido em 1820, na cidade do Porto, em Portugal. Entre várias reivindicações, os integrantes exigiam a promulgação de uma Constituição e a volta da Corte portuguesa que se alojara na Colônia da América (MEIRELLES, 2015, p. 58).

nas Cortes de Lisboa e o aviso do príncipe regente D. Pedro, de 28 de agosto de 1821, que estabelecia a efetiva abolição da censura prévia no Brasil, embora com algumas restrições, multiplicaram-se as tipografias particulares (BARRA, 2015, p. 12).

Além de documentos oficiais, passou-se a imprimir fazer outros, por exemplo: jornais, impressos literários e científicos, etc., acarretando assim novas práticas culturais *in loco*. Veículos diversos passaram a carregar a expressão de debate de temáticas do momento, que se dividiam entre ideias de liberdade e escravidão, constituição e despotismo, patriotismo e tirania. Os jornais do século XIX eram especialmente instrumentos de circulação das discussões políticas nacionais.

Na Capitania de Minas Gerais a implantação da imprensa foi marcada por iniciativas pioneiras na arte da impressão gráfica. Em 1807, na antiga Vila Rica, o padre José Joaquim Viegas de Menezes cometeu a “proeza”, considerada como extraordinária para a época colonial, de publicar um opúsculo de 18 páginas, de autoria de Diogo Pereira de Vasconcellos, em homenagem ao então governador da Capitania e sua mulher. No entanto, o primeiro periódico surgiu somente em 13 de outubro de 1823 em Ouro Preto, denominado “O Compilador Mineiro”, e foi organizado na “Oficina Patrícia de Barbosa e Cia.”, sendo suas peças e tipos construídos pelo português Manuel José Barbosa Pimenta e Sal, naquela cidade. O primeiro circulou até janeiro de 1824 e foi imediatamente substituído pelo “A Abelha de Itaculamy”, a partir de 12 de janeiro de 1824. Este foi impresso até 11 de julho de 1825 e, em seguida, a tipografia passou a publicar em 18 de junho deste ano o “O Universal”, o mais longo da Província no período imperial, com o último número publicado em 1842 (JINZENJI, 2010, pp. 48-49).

Com o empreendimento iniciado em Ouro Preto, novas tipografias artesanais apareceram na Capitania de Minas Gerais, como no Arraial do Tejuco (atual Diamantina, MG) quando Manuel Sabino de Sampaio Lopes deu origem ao jornal “Echo do Serro”, em 1828. No mesmo ano, no Itambé, Geraldo Pacheco Melo deu origem ao periódico “Liberal do Serro” (MENDES, 2005). Os periódicos eram confeccionados a partir da associação de habilidades manuais dos tipógrafos, adaptação do conhecimento em ourivesaria para a fundição dos tipos e construção e montagem das peças, tudo isso mesclado aos conhecimentos técnicos advindos da Europa, adquiridos pelas vivências ou da leitura de livros. Aos poucos, essas primeiras tipografias artesanais conseguiram se estabelecer na Capitania mineira e ampliaram a circulação dos jornais e do hábito de leitura entre os habitantes locais (LESCHKO, 2011, p. 39).

A novidade da prensa consistia nos tipos móveis; pequenos blocos de metal, nos quais cada letra era esculpida em relevo, de modo que poderiam ser combinadas de diferentes formas na matriz que serviria como base para a impressão. Os tipos móveis poderiam ser reaproveitados depois e combinados de quantas maneiras fossem possíveis imaginar. Em fins do século XV, apesar de ser ainda predominante a recopilação manual dos textos, as figuras produzidas em matrizes xilográficas⁹ começaram também a ser reproduzidas pela prensa de parafuso de Gutenberg¹⁰. A xilografia continuou sendo usada regularmente, principalmente por seu custo ser inferior ao dos gravados em metal. A prensa de Gutenberg ganhou versões mais modernas que eram utilizadas no mercado de produção de impressos até poucas décadas atrás. Era um fruto privilegiado na construção de uma sociedade civilizada divulgando as representações sociais pretendidas para homens e mulheres. (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007, p. 31).

Em 1886, a 17ª edição do jornal “17º Distrito” homenageou a inauguração de uma nova oficina gráfica e fez uma publicação sobre o histórico da imprensa diamantinense.

O modesto e inteligente Manoel Sabino legou o seu nome a nossa história, fundindo os primeiros tipos, que serviram para a impressão desse periódico. Logo após, o *Diamantino* e o *Exorcista* surgiram das cinzas quentes do *Echo do Serro*. O *Echo do Serro*, o *Diamantino* e o *Exorcista*, órgãos das aspirações livres da mocidade de então, eram impressos em uma simples prensa, movida por uma rosca de madeira. Mais tarde, um outro glorioso morto, Joaquim Machado, cujo nome é e será sempre o farol que nos guiará nas lutas contra o obscurantismo, iniciou uma nova era na história da imprensa diamantinense, criando *O Jequitinhonha*, redigido pelas cintilantes penas de Joaquim Felício e Torres, em mas tarde Theodomiro, Correia Rabelo e Carlos Ottoni e impresso em prelo de madeira, verdadeira relíquia da nossa religião política, porque era o mesmo que servira para impressão da *Sentinella do Serro*, de Theophilo Ottoni. Geraldo Pacheco de Mello, o fundador do *Liberal do Serro*, primeiro periódico que via a luz na vizinha e tradicional cidade, era o editor do novo órgão liberal, que, mais tarde, continuou a ser impresso em um prelo de ferro, desses que se chamam “prelo de mão”, prosseguindo na sua órbita brilhante. Hoje, pela primeira vez, um prelo mecânico funciona nessas paragens, iniciando o terceiro período da História da imprensa diamantinense. (17º Distrito, edição nº 17, 29/01/1886. BND)¹¹.

A notícia conta sobre o processo de produção e divulgação dos primeiros jornais diamantinenses, **Echo do Serro**, **Diamantino** e o **Exorcista**, assim como “a sua luta contra o obscurantismo” e a propagação de ideais civilizatórios. Além disso, retrata o

⁹ A xilogravura é um processo de gravar bem antigo. Um processo de gravação em relevo que utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. Xilogravura é a técnica mais antiga da gravura, foi inventada na China como uma técnica de impressão no tecido. Esta técnica também era usada no Egito e no período Bizantino. (MENDONÇA, SANTOS e LOTT, 2014, p. 68)

¹⁰ Johann Gutemberg nasceu em Mainz, na Alemanha, por volta de 1400 (entre 1394 e 1404), foi um dos principais protagonistas da montagem de uma prensa melhorada, um pré-requisito para a formação da impressão tipográfica. (SANTOS, 2012, p. 15). Inventou o sistema de tipos móveis e revolucionou a imprensa, invento importante do segundo milênio/revolução da modernidade.

¹¹ Ortografia atualizada na transcrição dos jornais citados.

desenvolvimento da técnica de impressão dos jornais pela prensa tipográfica conhecida como “prelo”. Funcionava de modo mecanicista, mas já considerado automatizado.

A imprensa foi um dos meios que melhor permitiu a discussão a respeito do espaço ocupado pela mulher nos oitocentos. Ainda na primeira metade do século XIX surgiram jornais que, mesmo sendo organizados por homens, tentavam adentrar o universo feminino, tratando principalmente de assuntos relacionados à moda, romances, receitas, teatros. Dentre eles, destacaram-se **O Espelho Diamantino (1827)**, publicado no Rio de Janeiro; **O Mentor das Brasileiras (1829)**, em São João Del Rei; **O Espelho das Brasileiras (1831)**, de Olinda e **O Correio das Modas (1839)**, também do Rio de Janeiro. Em diversas regiões de Minas Gerais foram publicadas notícias em periódicos que eram voltadas para as mulheres, as quais recebiam a designação de: “Bello Sexo, Senhorinhas, Damas”. Geralmente, os artigos eram elaborados por homens, portanto, apresentavam um olhar masculino para moldar as mulheres leitoras, de forma direta ou indireta, por meio dos noticiários vinculados (NASCIMENTO, 2015, p. 12).

Existiram também jornais mineiros organizados por mulheres. Nestes, elas expressavam suas opiniões, traziam novas indagações sobre a condição feminina no que dizia respeito aos seus diretos até então ignorados pela sociedade. Por exemplo, podemos citar o jornal “O Sexo Feminino”¹², da cidade de Campanha, e o jornal “Voz Feminina”¹³, criado em 1900 na cidade de Diamantina (NASCIMENTO, 2015, p.12).

No início do desenvolvimento da Imprensa no Brasil era possível dizer que os seus anunciadores se confundiam com o educador, uma vez que as vozes por trás dos periódicos entendiam que o jornal teria a missão de suprir a falta de escolas e de livros mediante suas publicações. Tal ideia ganhou destaque durante as primeiras décadas do século XIX, momento em que o processo de escolarização ainda não havia se consolidado. Neste contexto assistia-se à produção de aparatos legais visando à organização do ensino escolar formal, sendo essa uma das principais intervenções do Estado naquele período. Desse modo, tanto as dimensões físicas e materiais quanto a legitimação sociocultural da escola enquanto instância de ensino e aprendizagem se encontravam em sua fase germinal (JIZENJI, 2010, p. 22).

¹² O jornal pioneiro “O Sexo Feminino” foi criado em 1873 pela professora Francisca Senhorinha Motta Diniz na cidade sul mineira de Campanha da Princesa. É considerado o primeiro jornal feminista do Brasil, uma vez que faz da defesa da instrução feminina uma das suas principais bandeiras em defesa da emancipação da mulher (NASCIMENTO, 2015, p. 12).

¹³ Entre 1900 e 1901, circulou o jornal “Voz Feminina”, escrito por três mulheres diamantinenses, Nícia Correa Rabello, Célia Correa Rabello e Zélia Correa Rabello. Esse periódico estampava como subtítulo: “Órgão dos direitos da mulher” (SANTOS, 2003, p. 20).

Ao publicar frequentes discussões sobre esse tema, o jornal buscava cumprir seu papel de modernizador e civilizador. A linha entre o escritor que publicava em jornais e o educador era muito tênue, pois percebe-se que a Imprensa tinha a concepção do seu papel no processo educativo da sociedade. Nesse sentido, a Imprensa, além de um registro da história, tornava-se um agente dela, tendo em vista que, por meio de suas publicações propagava vertentes e ideias (GOODWIN, 2007, p. 108).

A partir da Independência do Brasil, a Educação passou a ser alvo de políticas do Império e de suas Províncias. A Constituição Política do Império (1824) determinava a gratuidade do ensino primário a todos os cidadãos livres; em 1827, a primeira lei imperial referente à instrução pública determinava a criação de escolas, estabelecia o método de ensino e os parâmetros para o exercício do magistério. O Ato Adicional de 1834 designava a competência em matéria de educação, atribuindo às províncias a autonomia legislativa, ou seja, o dever de legislar, organizar e fiscalizar o ensino primário e secundário, restando ao governo central, através da pasta do Ministério do Império, a gestão de ambos os graus na Corte e do ensino superior em todo o território (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 34).

Embora houvessem políticas de implantação da educação pública desde o início do Império Brasileiro, necessita-se salientar que a escola não era projetada para a maioria da população e ainda havia uma defasagem entre os números de meninos e meninas que tinham acesso às cadeiras de Primeiras Letras. A necessidade de educação feminina passou a ser discutida com mais força na segunda metade do século XIX, mas não estava dentro de uma perspectiva de preparação e instrumentalização destas para ganhar o espaço público. Continuava ainda dentro da perspectiva de prepará-las para o casamento, enquadrava-se à necessidade de educá-las nos moldes formais para capacitá-las dentro das novas regras de um mundo urbano e civilizado.

O discurso acerca da educação feminina para os espaços domésticos foi modificado no final do século XIX com o processo de feminização do magistério primário no Brasil, o qual só foi possível no momento em que ocorreu uma expansão quantitativa no campo educacional. A professora tornou-se necessária devido aos impedimentos morais dos professores para educarem as meninas e também a recusa à coeducação entre os sexos. Deste modo, surgiu uma grande demanda pela profissão do professorado feminino, aumentando assim o número de normalistas no Ensino Secundário e em paralelo “(...) o discurso ideológico construiu uma série de argumentações que alocavam

às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato de a docência estar ligada às ideias de domesticidade e maternidade” (ALMEIDA, 1998, p. 64).

Diante as transformações da época, a mulher passaria a ter um papel fundamental, de guardiã e gestora da intimidade familiar, conjugal, e educadora das novas gerações. Neste contexto, acompanhada da exigência de distinção de comportamento entre os sexos tinha-se a ideia de que a mulher não era somente educável, como deveria ser educada. Essa educação, que em alguma medida poderia ser viabilizada por meio da escolarização do público feminino, não se restringiria a este aspecto, sendo acompanhada pela produção e circulação cada vez mais ampliada, sobretudo no século XIX, de publicações especializadas e voltadas para tal gênero.

Apesar de enfatizar a defesa da educação, nem sempre as publicações estavam relacionadas à escolarização da população. Pelo contrário, em sua maioria, as publicações almejaram divulgar as qualidades morais e o cultivo das virtudes, mormente no que se refere às mulheres, compondo elementos chaves dos discursos que defendiam a instrução, se referindo, portanto, a uma ação pedagógica.

No contexto do século XIX, momento de ampliação da educação escolar, a Imprensa tornava-se importante instrumento educacional não-escolar, visto que via circulação de contos, anedotas, notícias específicas, educava a população por intermédio de publicações que demonstravam os bons e maus exemplos. O fato deste Órgão não ser uma instituição escolar (com espaço de seleção de conteúdos prévios a serem ensinados e locais regulamentados, autorizados a certificar seus aprendizes conforme o grau ou curso realizado e de acordo com a legislação vigente) não invalida o papel pedagógico de circulação de periódicos naquela sociedade. Sendo assim, a educação não-escolar pode ser caracterizada como:

Toda prática educativa intencional, ou não, em que ocorrem situações de trocas ou circulação de saberes. A educação é, assim, flagrada em seu sentido amplo, tudo aquilo que é aprendido ao longo da vida dos seres humanos em suas práticas sociais, uns com os outros, já que em sociedade não existe eu desprovido de nós. (ALBUQUERQUE; BUECKE, 2019, p. 2).

Nesse sentido, a Imprensa pode ser compreendida como um instrumento educativo não-escolar onde os indivíduos aprendem por meio dos processos de compartilhamento de experiências, que não precisam necessariamente ser vivenciadas, mas a partir de construções do imaginário social sobre princípios e valores que podem ser

vistos como morais ou imorais em determinadas circunstâncias. Além disso, as publicações orientam sobre o papel de cada grupo social e a sua relação com o Estado, a Igreja, a escola e a família. Para consolidar o projeto de civilidade tornava-se necessário que cada um dos elementos que compõem a sociedade desempenhassem os comportamentos e valores próprios de seu espaço e de seu grupo.

Em Diamantina, na segunda metade do Novecentos, dentre as missões empreendidas pela Imprensa destaca-se a sua concepção civilizatória para disciplinar a população, valorizando princípios que enalteciam a família, o trabalho, a religião e, especialmente, a moralidade. Em constantes debates com as autoridades públicas, pensando em formas de educar e instruir a sociedade, tendo como finalidade a formação do povo e a civilização do País. Destaca-se, por exemplo, a crescente preocupação das elites com as crianças órfãs e pobres, de forma a legitimar a sua intervenção por intermédio de exemplos morais e princípios a serem seguidos. Esse cuidado para com os desamparados pode ser observado no excerto:

Faleceu no dia 12 da corrente e sepultou-se com grande saimento o Sr. Comendador Vicente José da Trindade. As suas últimas disposições testamentárias dão prova dos dotes elevados do seu coração. Pelo seu testamento que temos à vista dos seguintes legados: Instituo sua herdeira universal á D. Anna Teixeira de Abreu, que em sua companhia residiu sempre, auxiliando-o a ganhar os teres que possuía. Deixou a quantidade de 12:000\$ para serem empregados em apólices da dívida pública, cujo usufruto pertencerá à herdeira instituída, e por morte dividir-se-á em três partes, sendo a primeira para a Caridade, a segunda para o Colégio das Órfãs, a terceira para o seminário Episcopal, afim de ser aplicada na educação de meninos pobres. (O Jequitinhonha, 29 ed., 15/05/1870. BAT).

Quando uma notícia era publicada poderia não estar direcionada a um público específico, mas a toda sociedade, de forma que todos propagassem as ideias contidas no texto de forma intencional, ou não, em prol do projeto de civilidade e dos papéis sociais esperados para homens e mulheres. No processo de construção do imaginário social é preciso mobilizar o coletivo, isto é, para que a mulher entenda o seu espaço é preciso que, além de moldá-la, instrua-se a todos ao redor do âmbito feminino para que as práticas e posturas de todos confirmem a posição feminina na sociedade. Se a mulher, por exemplo, manter-se no meio doméstico é preciso que ela tenha consciência de que aquele lugar é o seu, sendo assim, sua mãe deve lhe ensinar isso, assim como seu pai e irmãos. Quando sair sozinha, a comunidade deve lhe mostrar que esta atitude é errada para uma moça de família oitocentista. Por isso, era substancial educar a mulher sobre o seu papel, bem

como instruir a sociedade como um todo de forma a mantê-la em seu espaço, considerado adequado ao seu gênero.

Os periódicos apresentavam uma riqueza de notícias e, por mais que estas fossem produzidas por um determinado grupo, por meio delas pode-se encontrar uma gama de informações sobre os mais variados assuntos, sejam eles regionais, nacionais e internacionais. A partir dos noticiários pode se evidenciar vozes que possivelmente não se fariam ouvir em outros meios de comunicação da época. Nas publicações do século XIX é possível identificar notas escolares, anúncios de vendas, inclusive de escravos, críticas e elogios ao governo, contos, poemas, despesas públicas e outros.

Ao reproduzir o que se espera de uma pessoa, família, grupo, sociedade, o jornal conduz à reflexão de uma dicotomia do que é aceitável e inaceitável, certo e errado, etc. Aos poucos, a moral e os costumes adequados aos ditames modernos vão se concretizando no imaginário social. Apresentando-se como condutora da modernidade, veiculando os princípios civilizatórios e morais da época, o jornal transforma-se em um fácil e eficaz instrumento de divulgação de valores; além de tornar públicos os ideais e comportamentos que defende.

A Imprensa, mais que um veículo de informações, educa a sociedade de acordo com os valores e representações sociais de um determinado público. Ao veicular uma notícia, além de informar seus leitores e ouvintes, este setor se comporta como importante instrumento de circulação do saber, consolidando o processo de implementação e legitimação do projeto civilizatório da elite letrada diamantinense do Novecentos.

A leitura em voz alta se desenvolvia nos espaços de sociabilidade e no âmbito doméstico e era bastante significativa para contemplar um público não-leitor. Com esta estratégia, o elo entre o ser alfabetizado e o ser leitor se torna frágil e insuficiente para tentarmos nos aproximar da relação entre o público e os jornais do século XIX. Podia-se ouvir leitores nos ambientes públicos, mais íntimos, onde se lia para um grupo de pessoas e a memorização do texto se fazia por meio da audição. Dessa forma, as pessoas que não sabiam ler, também estariam inclusas no processo pedagógico dos periódicos (JINZENJI, 2011, p. 379).

Na produção do conhecimento histórico, os últimos anos têm sido palco de diversas formas de renovação e ampliação das possibilidades de interpretação. Para além

da imprensa educadora, há possibilidades de se verificar indícios sobre a escolarização em Diamantina.

Nóvoa (xxxx) afirma que é difícil encontrar um outro *corpus* documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as decepções e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos (BASTOS, 2002, p. 169). Todos os atores são representados nos jornais e revistas: os professores, os alunos, os pais, os políticos, as comunidades, etc. As suas páginas revelam, quase sempre a “quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época. A escrita jornalística não foi ainda, muitas vezes, compreendida sem as imperfeições do cotidiano, e, por isso mesmo, permite leituras que outras fontes não autorizam. Por outro lado, a partir deste meio é que emergem vozes que têm dificuldades de se fazerem ouvir em outros espaços sociais, tal como na academia ou no livro impresso.

A Imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifesta, de um ou de outro modo, o conjunto de problemas desta área.

É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projetos e as realidades, entre a tradição e a inovação. São as características próprias da Imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polémico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da Educação e da Pedagogia Dessa forma, o jornal torna-se o veículo de encontro com singularidades próprias de cada sociedade em seu espaço e tempo. No entanto, há que lê-lo com um olhar crítico, pois sua versatilidade revela diversos caminhos a seguir.

Para Gonçalves Neto (2002), a Imprensa tem a capacidade de formar uma cultura, padronizar o povo, além de agir como um meio educativo. É por intermédio dela que se divulgam e se consolidam as principais representações sociais. O jornal centraliza as opiniões da elite intelectual e torna-se um elemento para captar algumas das representações de uma época. A palavra escrita pode ser resgatada no futuro e utilizada como documentação na construção de interpretações históricas, linguísticas, antropológicas, etc. Mesmo com o direcionamento ideológico dos jornais, cabe ao pesquisador utilizá-los como fonte para a recuperação de um determinado período histórico, aguçando o seu olhar crítico para os fatores que influenciaram a sua produção.

O passado é, sem dúvida, o objeto do historiador, contudo se admite que esse objeto é construído e reconstruído tendo em vista as necessidades e perspectivas do presente. Nas leituras e releituras do passado há constantes perdas e ressurreições. É em função da vida que se interrogam os mortos. Compete, pois, ao historiador fazer reviver as personagens do passado, procurando entendê-las na sua época. Com essa nova postura, a história morta cede lugar a uma história viva que se propõe, como meta, captar as transformações dos homens no espaço-tempo.

A Imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana, nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram os nossos antepassados – não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos (CAPELLATO, 1988, p. 20). Nesse sentido, a Imprensa é vista como importante catalisador de representações sociais, mais que um veículo de informação, um direcionador dos papéis de homens e mulheres. Dessa forma, torna-se então importante compreender a trajetória deste Órgão em Minas Gerais. Produzido por um determinado indivíduo ou grupo, um periódico possui uma intencionalidade e carrega os anseios de uma determinada parcela da sociedade. Cabe ao condutor dessa jornada ao passado refletir criticamente sobre o caminho que o direciona.

1.2 Os periódicos diamantinenses e a missão de instruir para a civilidade

A imprensa diamantinense floresceu a partir do intenso debate político entre as elites regionais. Conforme levantamento realizado durante a pesquisa de campo, circularam cerca de vinte e um (21) jornais na cidade de Diamantina no século XIX (Quadro 1).

Quadro 1 - Jornais diamantinenses da segunda metade do século XIX

JORNAIS	PERÍODO DE CIRCULAÇÃO	ACERVO
17º Distrito	1886 - 1889	BN
A Ideia Nova	1879 - 1889	BN
A Mocidade	1878 - 1879	BN
A Verdade	1885	BAT
Liberal do Norte	1887 - 1888	APM/BAT
Monitor do Norte	1874 - 1879	BAT/BN
O Aprendiz	1893	BAT
O Cathólico	1876	BAT

O Diamantinense	1892	BAT
O Estudante	1873 - 1879	BN
O Futuro	1881	BAT
O Jequitinhonha	1860 - 1873	APM/BAT/BN
O Guaicuhy	1881 - 1889	BN
O Guarany	1878 - 1879	BN
O Lábaro do Futuro	1882 - 1889	BN
O Município	1894 - 1899	APM/BAT/BN
O Normalista	1886	BAT
O Tambor	1889 - 1889	APM/BAT/BN
O Voluntário	1865 - 1869	BN
Sete de Setembro	1886 - 1889	APM/BN
Voz do Povo	1881-1884	BAT

Cruzamento de dados consultados nos acervos do APM, BAT e BN (Hemeroteca Digital).

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

É fundamental perceber que as dimensões dos periódicos ultrapassam a mera realização de informação aos leitores, pois estes são partes constitutivas da comunidade, como também agem sobre ela. Em suas legendas, por exemplo, os periódicos diamantinoses deixavam claras as suas respectivas missões.

Quadro 2 - Jornais diamantinoses, legendas e redatores

JORNAL	LEGENDA	REDATOR PRINCIPAL
17º Distrito	Libertas potius servitio - Liberdade em vez de escravidão	Luiz Antônio dos Reis
A Ideia Nova	Órgão republicano - Desafio	Josefino Pires
A Mocidade	Deus, Pátria e Liberdade	José Ferreira de Andrade Brant Junior
A Verdade	Jornal político, literário, não serão publicados artigos de polêmica pessoal, nem se admitem testas-de-ferro	Álvaro da Matta Machado
Liberal do Norte	Órgão do Diretório do Partido Liberal	Luiz Antônio dos Reis
O Monitor do Norte	Não admitem testas de ferro	Theodomiro Alves Pereira e João Nepomuceno Kubitschek
O Aprendiz	Órgão literário, noticioso e crítico. A imprensa é a força porque ela é a inteligência	Nelson Coelho de Senna e José Jorge
O Catholico	Homem de pouca fé, porque duvidaste. Periódico consagrado aos interesses do povo	Padre Augusto Júlio de Almeida, Dr. José Christiano Stocker de Lima e João Ferreira Brant
O Diamantinense	Órgão literário e dos interesses do comércio	Augusto Alves de Campos Nelson
Estudante	Ao homem ousado, a fortuna estende a mão	Olímpio Mourão
O Futuro	Literário e republicano, redigido por estudantes	José Queiroz e Josino Quadros
O Jequitinhonha	Folha Política, literária e noticiosa	Joaquim Felício dos Santos; D. João

		Antônio dos Santos; João Salomé Queiroga, Josefino Vieira Machado; João Nepomuceno Kubitschek
O Guaicuihy	Órgão hebdomadário do Partido Liberal de Diamantina	João da Matta Machado e Álvaro da Matta Machado
O Guarany	Órgão Democrático	Francisco José Ferreira
O Lábaro do Futuro	Nada é impossível para a humanidade	Zoroastro Pires, Josino de Quadros, Josefino Sá e Epaminondas Pires
O Município	Órgão Oficial do Governo Municipal	Antônio dos Passos Mourão, Abílio Maia, Clélia Rabello, Djanira Passos
O Normalista	Educação para alma das pessoas, não se admitem artigos de polêmica pessoal	Américo Dias, Ernesto Macário, Luiz Tito e Artur Queiroz
O Tambor	Órgão segundo nos consta e como era de se esperar, pelos nossos correligionários dos municípios	Francisco Corrêa Ferreira Rabello
O Voluntário	Às Armas! Às Armas!!	Theodomiro Alves Pereira
Sete de Setembro	Órgão do Partido Conservador, legenda Liberdade dentro da lei	Cônego Manoel Alves Pereira, José Sebastião Rodrigues Bago, José Theodoro de Souza Lima, Xisto Pio Fernandes de Oliveira Júnior
Voz do Povo	Órgão literário, noticioso e imparcial, dedicado aos interesses do povo, não se admitem testas de ferro	José Felício dos Santos

Acervos do APM, BAT e BN (Hemeroteca Digital). **Fonte:** Elaboração da autora, 2021.

Estas legendas (Quadro 2) evidencia o direcionamento político e os valores que cada um daqueles jornais defendiam. Com a mensagem “não se admitem testas de ferro”, o “A Verdade”, (edição nº 9, 19/02/1885, p. 1. BAT) fazia alusão ao apelido considerado pejorativo que os liberais aplicavam aos adversários conservadores. Ou o caso do “O Aprendiz”, delatando que “a imprensa é a força porque ela é a inteligência”. (O Aprendiz, edição nº 2, 30/08/1893 p. 1. BAT). A grande maioria dos periódicos se posicionavam politicamente, como conservadores, liberais, monarquistas ou republicanos.

Os redatores se distinguem em pelo menos dois grupos: o primeiro, composto por aqueles que se tornavam parte da cidade letrada e das elites dominantes por meio da sua atuação na imprensa; o segundo, mais comum em Minas Gerais, integrado por pessoas que, oriundas de famílias tradicionais e atuando em várias frentes de domínios das elites, fizeram dos jornais um dos seus campos de ação, às vezes principal, mas não único (GOODWIN JÚNIOR, 2015, p. 134).

A partir da Imprensa, composta por uma camada influente na sociedade diamantinense, os periódicos divulgavam seus ideais, como foi o caso da circulação de notícias vinculadas ao projeto moralizador proposto pelo primeiro Bispo da cidade, Dom João Antônio dos Santos (1818 - 1905). Neste projeto havia uma intenção clara de modelar o comportamento feminino, especialmente para os papéis de fiéis mães e esposas cristãs. É importante salientar que o referido Bispo era irmão do principal redator do jornal “O Jequitinhonha”, o liberal Joaquim Felício dos Santos (1822 - 1895), o que acarretou a circulação de inúmeras notícias sobre o seu bispado neste periódico (MARTINS, 2012, p. 60).

Vale frisar que a imprensa diamantinense era exercida por pessoas integrantes das famílias mais abastadas e das mais variadas profissões, como professores, advogados, políticos, padres, etc., envolvidos nas relações de poder constituídas daquela sociedade. Em sua maioria eram homens, mas estavam presentes também algumas mulheres e que se apresentavam como colaboradoras em alguns jornais. A título de exemplo, nos periódicos “O Aprendiz” contém publicações de Mariana Hygina e Maria Josefina de Jesus, no “O Município”, Clélia Rabello e Djanira Passos, no “17º Distrito”, Vicentina Aurélia Fernandes e no “Sete de Setembro”, Maria Antonieta da Silva Brito (usando um pseudônimo de “Zulma” ou “Botão de Rosa”) e novamente Mariana Hygina (professora).

Na sua 46ª edição, o “Sete de Setembro” fez uma publicação de uma poesia com o título “A minha estrela” de autoria de Mariana Hygina:

Vejo no céu um astro de esperança.
Que me promete um dia de bonança.
Após a tempestade. Porque há de pois acovardar-me o medo?
Há tempo ainda para tudo; é cedo.
Espero a felicidade.
Não devem me assustar os dissabores.
Não pode ser a vida sempre flores.
É preciso lutar.
Os sagrados arcanos da ciência.
Só com perseverança e paciência.
Poderei perscrutar.
No orgulho seu, confia o poderoso.

Em sua inteligência – o talentoso.
 Em si – loucos ateus.
 Eu tenho dor farol para guiar-me,
 A proteção de Deus.
 Guia-me, pois, estrela luminosa,
 Entre as trevas da noite tormentosa.
 Que a ciência conduz.
 E depois de chegar ao meu destino.
 Talvez me seja dado erguer o hino.
 A tua doce luz. (Sete de Setembro, 46 ed., 02/06/1889. BAT).

Nesta poesia, a autora acredita na aliança da Fé com a Ciência, uma vez que as tormentas que esta não responde podem ser desvendadas por Aquele que detém todo o saber: Deus. Mais do que isso, a poesia de Mariana Hygina mostra que, mesmo que até o momento não tenha nenhum jornal editado por uma mulher, estavam presentes na sua produção escrita como poetisas.

Não circulou nenhum periódico produzido por mulheres em Diamantina no período que compreende esta pesquisa, uma vez que o primeiro só foi publicado em 1900. Mas haviam publicações feitas por e para mulheres que constituíam geralmente de poemas e um número considerável de notícias direcionadas ao gênero feminino, desde contos até a defesa da necessidade da instrução feminina.

Na 13ª edição do “17º Distrito” há uma publicação intitulada “Senhora tipógrafa”, a qual informa sobre uma notícia publicada no Diário de Sorocaba acerca da admissão de uma mulher na sua tipografia, remetendo assim uma realidade diamantinense:

Em nossas oficinas trabalha atualmente, nos serviços de distribuição e composição, Vicentina Aurélia Fernandes, órfã de pai, cuja educação foi confiada desde tenra idade a uma irmã nossa. Como mostrasse, desde criança, decidida vocação pela arte, prestamos-lhe pequenas noções, que facilmente compreendeu, e hoje, se não podemos dizer que seja a melhor, pelo menos é um dos primeiros operários que dispomos. (17º Distrito, 13 ed., 17/11/1885, p. 1. BND).

Através desta publicação encontramos também a participação das mulheres no processo de produção tipográfica dos jornais, para além daquelas que aparecem como autoras das páginas dos periódicos. Pressupõem-se que deve ter existido muitas outras mulheres ocultas nas tipografias e com pseudônimos nas entrelinhas dos periódicos. De fato, dentre a variada e multifacetada produção jornalística mineira, ocupavam várias pessoas, principalmente homens, mas também mulheres (GOODWIN, 2007, pp. 89 - 90).

A imprensa diamantinense se constituía em meio às mensagens claras sobre a sua intencionalidade, com publicações de exemplos a serem seguidos trabalhando, assim, na

composição do imaginário social. Mais do que informar, os editores acreditavam na importância da circulação de conhecimentos tradicionais civilizatórios. Eles tinham a convicção do seu papel cívico por meio de seus escritos, o que pode ser notado em trechos que enfatizam a missão dos jornais:

O teu século que fala de tantas maravilhas não tem outra maior do que esta: a imprensa. A imprensa é uma grande voz, porque é a voz de todos. É um grande instrumento de civilização porque tudo resume: a dor do pobre e a sua consolação; a esperança do moço e da sua recompensa; a saudade do velho e a sua reprodução, representada por seus filhos. (O Jequitinhonha, 4 ed., 06/09/1868, p. 4. BAT).

Ao se apresentar enquanto espaço de todos, facilita a assimilação do conteúdo publicado, “voz de todos”, mas com a intencionalidade selecionada a partir da ótica de alguns, além do fato dos periódicos não alcançarem a toda a população, mas especialmente a uma elite letrada. Os homens envolvidos na produção dos periódicos acreditavam que eram capacitados para guiar a sociedade rumo ao progresso. Por meio dos jornais orientavam sobre os comportamentos e posturas adequadas, de forma a compor o imaginário dos leitores, consolidando assim o discurso dos grupos dominantes.

Os jornais diamantinenses, editados majoritariamente por homens, pessoas letradas, membros da elites dominantes e mulheres, mantinham uma estreita relação com o poder oficial e partilhavam de ideias e interesses comuns. Assim, assumindo um projeto comum, civilizador, pretendia guiar a sociedade no caminho da modernidade (GOODWIN JUNIOR, 2015, p. 120). A difusão das Luzes e o ideal de difundir a civilização entre as camadas mais amplas da população eram objetivos claros nas publicações veiculadas por estes periódicos.

Nessa perspectiva, a Imprensa selecionava conteúdos, privilegiando os assuntos importantes para a missão civilizadora de educar e propagar valores e ideias, portanto, negligenciando outros temas. A intencionalidade do discurso dos jornais faz-se presente explícita e implicitamente, direcionando o leitor/ouvinte às interpretações por meio de seletividades que expressam a pretensão desse veículo informativo enquanto orientador da moral cívica. Na sua 13ª edição, o “Sete de Setembro” publicou uma notícia com o título “Diamantina” elucidando a importância da Imprensa na representação intelectual e moral da cidade:

Cidades há, que além da sua beleza e riqueza têm uma alta significação intelectual e moral. É um foco de luz, que se irradia dos seus numerosos instrumentos de instrução e de educação. Distingue-se também pela imprensa

e pelo gosto artístico. Assim como a cruz separa o mundo antigo da idade média, assim a imprensa dividi-se a idade média dos tempos modernos. A missão da imprensa é muito nobre e elevada à instruir e moralizar. Suas misteriosas folhas de papel são outras tantas folhas de um imenso livro enciclopédico, que todos nós lemos e escrevemos. Elas projetam muita luz, e produzem algumas tempestades, conduzem sempre ideias grandiosas e regeneradoras para reformarem a sociedade. (Sete de Setembro, 13 ed. 02/12/1866, p. 4. BAT).

Em busca da civilidade, os homens de Imprensa foram os principais responsáveis pela divulgação de ideais, normas, etiquetas e boa educação, difundindo princípios com o intuito de transformação e adequação para atingir um modelo de cidade civilizada. Além disso, significavam autocontrole e a introdução de determinados hábitos e normas de conduta, por exemplo, modos de comer, vestir, morar, conversar, amar e sentir. Passou também a expressar os níveis de desenvolvimento artístico, tecnológico, econômico e científico da humanidade, numa perspectiva claramente etnocêntrica que conferia superioridade à civilização ocidental europeia (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 69). Esse critério de comparação justificava a superação dos problemas da sociedade e enaltecia a educação e os bons costumes.

Nas publicações dos periódicos, a questão educacional sempre é colocada. Discussão essa, dentro do contexto abolicionista, numa Província marcada fortemente pela escravização de humanos. Há uma preocupação quanto à educação e instrução, associando aos bons exemplos de sociedades civilizadas. Com base nos exemplos de outros países, a imprensa diamantinense tinha convicção de que o ensino formal seria um dos principais pilares das Luzes da civilização. O Jequitinhonha publicou sobre isso:

Instrução pública. Temos diante dos olhos o importante relatório que ao Corpo Legislativo foi presente pelo atual ministro dos negócios do império. Entre os vários assuntos de que ele trata, vamos aduzir ligeiras reflexões sobre uma matéria de importância: o ensino público. É objeto de ordem elevada, de alcance superior, e que, infelizmente, tem sido completamente descurado em nosso país. Em que pese o dizemos, o Brasil, que já faz vergonhoso contraste com os povos cultos sustentando a escravidão, quer assinalar-se pelo atraso do ensino público! Ao menos é o que deve inferir do relaxamento, do pouco caso, com que é encarado entre nós semelhante questão, ao inverso do que sucede entre os outros povos. Ainda agora lá está reunido na Áustria um congresso de professores discutindo pacificamente os meios de fazer prosperar a instrução, alargando-a. É exemplo bem digno de imitação. Em poucos países a instrução estará em tanto atraso como no império de Santa Cruz. Tomando para comparação os Estados Unidos, nos servimos dos algarismos colecionados no relatório. Vejamos: “Há entre nós 3.962 estabelecimentos de ensino frequentados por 126.846 alunos, que, por deficiência de algarismos, poderão montar a 150.000. É termo mais aproximado a realidade. Tendo o Brasil oito milhões de habitantes livres, temos que existe um estabelecimento de instrução pública para 2.019 habitantes, e que a frequência está na razão de 1 para 63. (O Jequitinhonha, 40 ed., 31/07/1870, p. 4. BAT).

Nessa publicação do “O Jequitinhonha” fica evidente a preocupação da imprensa com as questões educacionais. Comparado à Áustria e aos Estados Unidos, sociedades consideradas como civilizadas, o Brasil demonstrava seu vergonhoso atraso na Educação, além do fato de ainda admitir a escravização de humanos no sistema produtivo. A veiculação dos bons exemplos de civilidade e a exaltação do ensino público propicia o entendimento de que a instrução escolar seria uma excelente ferramenta no projeto de formação de um país civilizado.

Nesse sentido, a imprensa diamantinense assumia o papel de guia da opinião pública, aconselhando as elites, criticando a postura de atraso do Brasil, assinalando o arcaísmo do ensino público e intervindo na Educação, espelhando em nações onde a instrução escolar prosperava. Deste modo, o jornal fortalecia o imaginário social, com discursos exemplares dignos de sociedades civilizadas; desferindo árduas críticas às práticas contrárias. Guardiões da moral e orientadores da comunidade, pode ser observar nas páginas dos periódicos a preocupação da Imprensa local com a instrução escolar. Esse suposto papel educativo fica evidente quanto à diligência com o desconhecimento das novas regras de comportamento e civilidade espelhadas nas sociedades modernas.

A Imprensa era responsável por enaltecer o homem trabalhador, que assume a sua obrigação de provedor da família. Os periódicos veiculavam um modelo exemplar a ser seguido, associando práticas e posturas pretendidas para a formação de uma sociedade civilizada. Os jornais diamantinenses propagavam padrões esperados, inculcava ideias no imaginário social, consolidando aos poucos a construção do imaginário cívico da cidade.

1.3 A perspectiva jornalística sobre as mulheres

Por meio de suas publicações, a imprensa diamantinense difundia práticas e posturas que norteavam a sociedade sobre os espaços e os valores esperados para o papel feminino. Seus textos procuravam estabelecer, sobretudo mediante exemplos, aquilo que era compreendido como o ideal. A partir do modelo empreendido, os quais exaltavam ou criticavam as posturas e práticas. Ademais, assumiam uma função pedagógica que direcionava os caminhos para os problemas existentes.

Em um espaço privilegiadamente ocupado por ideias conservadoras e masculinas, mesmo os liberais no que competia à Educação feminina, os jornais majoritariamente se aproximavam da perspectiva de que a mulher deveria ser educada para as futuras funções de esposa e mãe. Construía e afirmavam aos poucos um discurso sobre o papel feminino na sociedade local. Nesse sentido, a dimensão pedagógica da Imprensa, particularmente no que diz respeito às mulheres, destacava o teor prescritivo e disciplinador das narrativas.

Ao construir um texto, os redatores acrescentavam significados e objetivos, com o intuito de transmitir para os leitores modelos exemplares e não exemplares de comportamentos, transformando aos poucos a compreensão do indivíduo ao ponto de vista esperado. Concebiam as mulheres como educadoras dos trabalhadores do País, a partir da gestão do lar, dos filhos e do marido. Observa-se ainda, que os ensinamentos ou pedagogias culturais sobre as mulheres nos jornais eram acionados por meio de estratégias narrativas distintas: de um lado, criticando os costumes considerados indesejáveis e, de outro, discursos elogiosos, exaltadores das qualidades tradicionalmente associadas às senhoras consideradas como ideais (JINZENJI, 2010, p. 379).

Neste discurso jornalístico, a mulher era educada e destinada à procriação, à maternidade, à organização do lar e para agradar ao seu marido deveria ser uma boa esposa e gestora da casa. Ao longo da história é possível detectar registros acerca da discriminação do homem com relação à mulher, mormente em relação à sua educação. Ao atribuir ao masculino a condição de donos do saber e ao feminino uma posição de subordinada ideologicamente ao poder daquele, as narrativas dos jornais salientavam as desigualdades de gênero.

Esta estratégica forma de moldar o gênero feminino diante dos anseios masculinos está explícita em trechos das publicações semanais na coluna de literatura intitulada "A mulher perante a História" do jornal "O Lábaro do Futuro"¹⁴, em sua 3ª edição, redigida pelo gerente Epaminondas Pires. "Sinopse. Ela é poderosa motora de todas as paixões do coração humano - Sua sublime missão sobre a terra - Urgente necessidade de educá-la para bem compreender e cumprir seu elevado destino" (O LÁBARO DO FUTURO, 3ª ed., 12/02/1882, p. 2. BND). Prossegue a sua publicação refletindo sobre o homem e a

¹⁴ Coluna publicada por cinco vezes nas seguintes edições do jornal O Lábaro do Futuro: edição nº 03, 12/02/1882, p. 2; edição nº 4, 28/02/1882, p. 2-3; edição nº 6, 25/03/1882, p. 2-3; edição nº 7, 09/04/1881, p. 2; e, edição 8, 28/04/1882, p. 2, todas disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional Digital.

sua busca em desvendar os mistérios da natureza, e, diante de todas as tribulações que passa em sua procuração pelo conhecimento está o “anjo mensageiro de Deus, a mulher” (O LÁBARO DO FUTURO, 3ª ed., 12/02/1882, p. 2. BND). O redator volta à origem bíblica do homem, que foi “modelado à imagem e semelhança do Onipotente e deu ao rei da natureza uma companheira” (O LÁBARO DO FUTURO, 3ª ed., 12/02/1882, p. 2. BND). E a mulher que é “adorada e oprimida”, instigou seu companheiro a comer o fruto proibido, custando-lhes o paraíso. Após o exemplo de Eva, o autor segue com o exemplo de Maria, o anjo da salvação, modelo de mãe e esposa abnegada, que tem na sua fraqueza a representação de sua força. Finaliza sua publicação com a história das Sabinas¹⁵, as quais acabaram com uma guerra de maridos e pais com as armas de mães (O LÁBARO DO FUTURO, 3ª ed., 12/02/1882, p. 2. BND).

No noticiário intitulado “bandeira do futuro” pode-se observar uma evidente preocupação dos homens da Imprensa em educar aquela que seria a responsável pelos “sentimentos do coração, oposto da razão”, ou seja, a mulher. Enalteciam a ação dos homens “notáveis” em busca de desvendar os mistérios da humanidade, o conhecimento científico e dominar o mundo à sua volta, em detrimento dos menos conhecidos que, na melhor das hipóteses, figuravam como coadjuvantes do processo histórico. Fica nítida a naturalização das funções sociais atribuídos a cada um dos sexos, uma vez que o autor considera que o homem, em sua incansável caminhada de ganhos e perdas na conquista do saber, poderia contar com a sua coadjuvante, a eterna companheira, aquela ‘em que nos apresenta o palco da vida’, a mamãe. A mulher seria então um ser que representaria a suavidade, o perfume que na dor transmitiria doçura e acompanharia até os últimos momentos ao homem em sua jornada de descoberta do universo (O LÁBARO DO FUTURO, 3ª ed., 12/02/1882, p. 2. BND).

Em sua busca para “compreender” a história da mulher perante os homens, o autor da coluna passava então a analisar os modelos do feminino veiculados pelo Cristianismo, categorizando e dicotomizando os tipos deste gênero entre os exemplos de Eva e Maria.

¹⁵ O rapto das Sabinas é um episódio lendário da origem da cidade de Roma e está relacionado com a formação da população da cidade e com os primeiros momentos da sua expansão. As Sabinas que haviam sido raptadas, intercederam no combate com o objetivo de acalmar seus maridos e parentes. Não queriam que seus filhos e netos ficassem marcados por matarem seus próprios parentes, e se alguém deveria morrer que fosse elas, a causa da guerra. De acordo com essa argumentação as Sabinas conseguiram colocar fim ao conflito. Foi feito um tratado de paz, e os Sabinos passaram a compor a população romana, que duplicou (CARDOSO; ZAGO, 2016).

Argumenta a necessidade de perspectivar estas duas figuras à luz de um paralelo antitético. Eva seria entendida a partir de sua relação com os conceitos de pecado, demoníaco, desobediência e ruptura com o divino. Maria, pelo contrário, assumia-se como a versão assertiva do feminino. Ao contrário da primeira, estaria ligada à virtude e ao divino. Aquela seria caracterizada como aquilo que a mulher era, enquanto esta como aquilo que a mulher deveria ser. A companheira de Adão corresponderia, então, à generalidade das mulheres, sendo atribuídas características da primeira mulher a todo o gênero feminino, o qual já nasceria detentor do pecado original. A natureza essencialmente pecaminosa da mulher de Adão transporia essa mácula a todas as mulheres.

Maria, em contrapartida, apresentaria um carácter único diante de todas as outras. Para isso contribuiriam as noções de virgindade, castidade e maternidade (O LÁBARO DO FUTURO, 4 ed., 28/02/1882, p. 2. BND). A mãe de Jesus seria considerada como um modelo do qual as mulheres deveriam então se aproximar, o que era praticamente impossível devido à sua natureza considerada como perfeita e inigualável, imaculada.

Estes dois exemplos dicotômicos de mulher contribuíram para a difusão de imagens tipificadas do gênero feminino, assimilando Eva ao pecado e Maria ao divino. Esta última “apresenta sempre e sempre a mulher, como o anjo da salvação, suspendendo o exterminador, e reclamando muitas vezes com o seu sangue, com suas ações, com sua honra ofendida, vingança contra os que ultrajam sua fraqueza, que é a força” (O LÁBARO DO FUTURO, 4 ed., 28/02/1882, p. 2. BND). Para além dessa relação pecado/divino, aparecia como exemplo maior Jesus, figura masculina que carregaria consigo o “império da inteligência e do pensamento”, enquanto a imagem de sua mãe apresentaria o estigma de exemplo feminino digno de ser seguido (O LÁBARO DO FUTURO, 4 ed., 28/02/1882, p. 2. BND).

Pelos exemplos, os textos jornalísticos veiculavam modelos e padrões que balizavam a noção acerca das mulheres e que lhes eram apresentados como ideais dos quais elas deveriam se aproximar. Estas imagens eram reproduzidas e disseminadas socialmente e contiguamente, integrando não só as práticas sociais e os comportamentos femininos, mas também a resposta das próprias mulheres nas diversas situações de dominação masculina. Vale ressaltar que a interiorização desse papel não era posta

somente de acordo com a concepção da sociedade perante à mulher, também como ela adequava, acreditava e se posicionava diante da postura social disposta a ela.

De acordo com a narrativa da coluna aqui analisada, as Sabinas se submeteram ao papel social de filhas e mães, pela bravura e doçura consideradas próprias ao gênero feminino, puseram fim a uma guerra e salvaram uma civilização. Após este exemplo, na continuidade das publicações da dita coluna, na 4ª edição do “O Láboro...”, ocorre a explanação sobre a “honrada esposa” Lucrécia¹⁶. Diz respeito “a pudica Lucrécia, com o seu sangue puro lavando a desonra que lhe manchara as vestes cândidas de esposa honrada, minara o palácio dos Cezares”; e seu ato honrado desencadeou a fúria dos romanos contra Tarquínio¹⁷ (JORNAL O LÁBARO DO FUTURO, edição nº 04, 28/02/1882, p. 2. BND).

O seu marido, Coriolano, sentindo ofendido o seu orgulho de patrício e procurando diminuir sua ferocidade inextinguível, marcha diante de um grande exército contra a sua pátria para vingar a afronta que lhe fora feita. Não tardou em aparecer o anjo da salvação: Vetúria¹⁸, o qual dirigiu-se ao acampamento inimigo, acompanhada de grande número de matronas; ao avistá-la Coriolano sente abatidas as suas forças, prostra-se lhes aos pés, rega-os com lágrimas. Vetúria, que com a autoridade maternal, salvou a pátria. (O LÁBARO DO FUTURO, 4 ed., 28/02/1882, p. 2. BND).

Neste excerto fica clarividente que o Império Romano se formou graças à “majestosa influência das Sabinas”. Nesta mesma perspectiva, prossegue com o exemplo de mulheres que seguiram os princípios esperados em seus respectivos papéis sociais. Lucrécia lavou com o seu sangue a desonra que sofreu, pois, uma esposa virtuosa não conseguiria viver com a mancha que o rei causara à sua honra, optou por abdicar de viver ao invés de prosseguir desonrada. A violência sofrida por essa mulher causou comoção e revolta naquela comunidade. Em meio a todo o sofrimento e sentimento de vingança, surge Vetúria, acompanhada por um grande número de matronas, uma mãe do general

¹⁶ A história de Lucrécia data dos primórdios de Roma. Sua beleza, modéstia e fidelidade ao marido atraíram Sextus Tarquinius, um dos filhos do rei. Logo, Sextus vai até o quarto da jovem quando ela está sozinha e a ameaça. Ele diz que se ela não transar com ele, ele vai dar fim nela e num escravo, e então vai deitar os dois nus, um do lado ao outro, para que todos pensem que eles estavam cometendo adultério. Temendo por sua honra e pela vida do escravo, ela cede. Na manhã seguinte, Lucrécia conta o que aconteceu para seu pai e seu marido. Ela clama por vingança e comete suicídio (PETERLINE, 1991).

¹⁷ Após Rômulo, que governou entre 753 e 716 a.C., Roma teve outros seis reis; os três primeiros eram considerados **sabinos** e os três últimos, **tarquínios**. O Sextus Tarquinius teria provocado o suicídio de Lucrécia, filha de um influente aristocrata e casada com Lúcio Tarquínio Colatino, um influente patrício, chefe da Ordem Equestre Romana da época (PETERLINE, 1991).

¹⁸ Vetúria foi a mãe do lendário general romano Coriolanus. Quando o filho dela marchou seus exércitos contra Roma, as matronas da cidade foram para junto com Vetúria tentar impedi-los. No campo, Vetúria implorou ao filho que parasse. Por fim, sua resolução cedeu (PETERLINE, 1991).

que consegue acabar com a guerra com “o fogo sagrado da intuição da maternidade’ e “com a sua autoridade maternal salvou a pátria” (O LÁBARO DO FUTURO, 4 ed., 28/02/1882, p. 2. BN).

O primeiro ponto a ser destacado é o que uma leitura simplista dos mecanismos de percepção do ser feminino veiculadas pela publicação poderiam levar-nos a refletir apenas o modo como estes determinam as práticas sociais gerais perpetuadoras da dominação masculina, ao desconsiderar a importância da auto-percepção feminina e da incorporação de estruturas inconscientes como disciplinadoras do lugar social da mulher. O segundo ponto diz respeito à publicação que aponta para a necessidade de certa atuação que permitisse às mulheres ocuparem um papel mais visível na sociedade, visto que a formação moral feminina era tida como indispensável para os “tempos tempestuosos”. Diante dos conflitos, defenderia a civilização com um posicionamento incapaz ao homem, sem deixar de lado os valores morais que constituíam uma mulher virtuosa no seu papel de mãe e esposa.

Ainda segundo o autor daquela coluna, a esposa virtuosa prefere findar a vida a ter que viver sem sua honra e, a mãe, colocaria até mesmo os mais bravos combatentes aos seus pés com a sua sabedoria sagrada e maternal. Em sua trajetória de compreensão da mulher na História, o redator reflete sobre as atrocidades dos governos e, em meio à escuridão, apareceria esse “ente mais divino que humano” que é a mulher (O LÁBARO DO FUTURO, 4 ed., 28/02/1882, p. 2. BN).

Noutra publicação, narra-se a história de Cornélia¹⁹, “símbolo da abnegação que rejeitara as opulências de um poderoso Rei”:

É impossível esquecer de Cornélia, símbolo da abnegação que rejeitara as opulências de um poderoso Rei, para ligar-se a um simples cidadão romano e compartilhar seus trabalhos, temendo que a elevação e a coroa lhe crestassem as flores das virtudes, que, com tão grande afan, cultivava nos angelicos jardins da sua alma. O exemplo dado por essa excelsa matrona a uma outra da Companhia, que indo visita-la, lhe mostrou por ostentação várias joias preciosas, pedindo a Cornélia que lhe deixasse ver as suas. Imediatamente esta foi buscar seus filhos e apresentando-os a sua amiga, disse-lhes: eis aqui as

¹⁹ Cornélia, mulher romana, foi mãe dos famosos Gracos, tornou-se protótipo de parteira e serviu de exemplo para as mulheres romanas. Mesmo após a morte de seu marido, permaneceu fiel à sua memória, embora recebesse proposta de casamento de Ptolomeu e, caso aceitasse, se tornaria rainha do Egito. Além disso, cultivava o resto das virtudes que podem ser esperadas de uma mulher. Entre eles, não mostrar ostentação (MANCISIDOR, 2016).

duas joias mais preciosas que possuo (Continua). (O LÁBARO DO FUTURO, 6 ed., 25/03/1882, p. 2. BAT).

Cornélia, mulher virtuosa, preferiu ficar ao lado do seu amor, um simples cidadão, ao invés de se entregar ao Rei. Seria considerada como uma digna matrona e seus filhos seriam o seu bem mais precioso. Seria o oposto de outras mulheres, que só pensavam em ostentar joias preciosas. Pressupunha-se então que a mulher deveria apresentar uma moral sólida e princípios como honestidade, pureza e castidade, dentre outras características consideradas como próprias do feminino.

Diante dos exemplos dessas heroínas, o redator da coluna assegurou que a mulher é a alma da sociedade. O primeiro exemplo anuncia Eva e Maria, dois paradoxos: uma representa o pecado e a outra o divino, o exemplo impróprio e o ideal. Após são citadas as Sabinas: motivo de disputa entre pais e maridos, além de mostrar a importância da mulher para um povo na construção das famílias e no comportamento adequado ao papel feminino em momentos de diversidades políticas. Mais adiante cita-se Lucrécia: esposa honrada que foi violada e optou por dar fim a própria vida ao invés de viver com essa mancha – a desonra. Em seguida, a história de Vetúria é narrada como exemplo por ter dado fim a uma guerra por meio de sua sabedoria maternal, junto com as matronas. E o caso exemplar de Cornélia narrado como uma mulher que escolheu o amor verdadeiro de um cidadão em detrimento do casamento com o rei, tendo a maternidade como seu maior tesouro.

Nesse sentido, a coluna analisada apresentava a mulher como a responsável por manter o equilíbrio social com sua sabedoria e intuição maternal; devia intervir em momentos de caos e solucionar os problemas com seu exemplo feminino; ser honrada, mesmo que isso custasse a sua vida; inspirar as grandes obras; ter como preciosidade maior a sua família; lutar e defender sua pátria, entre outras missões.

Princípios como o amor maternal, virgindade, fidelidade, pureza, religiosidade, perdão, beleza, estariam sempre associados ao gênero feminino. As heroínas citadas transformavam-se em exemplos de mulheres que, além de serem virtuosas, conseguiram intervir na sociedade seja pelo comportamento adequado à sua condição de feminilidade, seja para solucionar grandes conflitos com sua capacidade de se portar diferentemente dos homens em determinadas situações. Fica claro que a mulher era naturalizada como

intrinsecamente amorosa, dócil, carinhosa, esposa, mãe e santa - atributos que eram tradicionalmente associados ao feminino e que restringiam ao espaço doméstico.

Nas publicações da coluna intitulada “A mulher perante a História” evidencia-se a série de justificativas e imposição de diferenças morais aos comportamentos masculinos e femininos, definindo a conduta entendida como apropriada aos sexos. Assim, a mulher assumia o papel de complemento do homem, como sua esposa e mãe de seus filhos. A análise destas fontes indica que o redator do jornal articula formas narrativas distintas de controle da conduta do feminino e aciona estratégias narrativas para controlar seu comportamento de forma a coibir condutas consideradas inadequadas naquele contexto.

Outro fator importante consiste no fato de que outras matérias apresentadas nos periódicos davam exemplos que não representavam e traduziam a realidade das diversas mulheres que constituíam a sociedade diamantinense oitocentista. Havia senhoras, na maioria dos casos, que não se enquadravam nas normativas prescritas para as donas exemplares, uma vez que circulavam pelas ruas e trabalhavam nas mais diversas tarefas, por exemplo: venda de salgados e doces, lavagem de roupas, etc., sendo em muitos casos, responsáveis pela renda familiar. Havia ainda aquelas que conseguiram entrar no mercado de trabalho como professoras, particularmente na educação de crianças, no magistério das Primeiras Letras. Também não se pode desconsiderar a prole escravizada que servia e sustentava a vida doméstica das mulheres livres. Ao apresentar os grandes feitos daquelas mulheres, situadas no tempo e no espaço diamantinense, o redator ignora o papel e a capacidade de transformação também das outras senhoras na sociedade.

Essas representações não são meras descrições; na verdade são produtoras de sentidos e significados, questionando os sujeitos e contribuindo para a constituição de suas identidades. Portanto, importa questionar quais foram as concepções e as pedagogias culturais mais recorrentes produzidas sobre as mulheres e como foram articuladas? Isto é, de que forma e por meio de quais modalidades narrativas os redatores dos jornais pretenderam controlar e disciplinar o comportamento e a conduta das mulheres?

Mesmo um periódico que propagava ideias políticas liberais, como “O Lábaro...”, afirmava e fortalecia o estereótipo da condição feminina. Veiculava notícias em que definia o sexo masculino como a forma humana mais inteligente, racional, forte e corajosa, enquanto o feminino era associado à ingenuidade, passividade e fragilidade. Na

mesma edição da última publicação sobre “A mulher perante a História”, este jornal publicou um noticiário dentro do setor de “Variedade”, denominado a “Susceptibilidade Intelectual da Mulher”, onde o relator deu exemplo de Semramis (uma mulher de beleza invejável que foi escravizada, deixou seu marido para casar com um rei, tendo muita influência sobre este). Segundo o autor da notícia, apesar disto, seu caráter e valor era contestável, tendo em vista que abandonou o seu marido. Em última instância, escreve sobre Maria Antonieta, também casada com um rei, não foi adorada por causa do seu caráter orgulhoso e leviano, mas foi condenada à morte junto com o seu marido, tendo em vista que não poderia ser diferente, nem ser um ato de heroicidade, pois, ela seria apenas a companheira do seu esposo assumindo junto as consequências dessa aliança (ALMEIDA; LEMOS, 2015, p. 71).

Em todos os tempos temos visto a mulher apresentar-se como alvo de divergentes opiniões, e a sua susceptibilidade intelectual se revelar como um problema difícil, cuja inocência tem procurado resolver grande número de sábios. Não trataremos aqui da mulher encarada pelo lado da estética, em que afirmamos a sua superioridade incontestável sobre o homem. Nós encaramos aqui a mulher somente pelo lado intelectual, ou mesmo moral. [...] Depois de citados estes exemplos daremos a nossa opinião sobre a susceptibilidade intelectual da mulher. É sobre exemplos semelhantes aos que citamos, que o escritor José Palmella se baseia para elevar a inteligência feminina, em sua obra *A Aristocracia do gênio e da beleza feminina*. Sobre estes mesmos exemplos baseia-se Byron, quando diz que uma mulher basta saber de Geografia os diferentes quartos de sua casa, e de Química quanto seja preciso para saber por a panela ao fogo. A nossa opinião, porém, é que a inteligência feminina está onde estavelmente equiparada do homem quanto ao seu estado natural, porém não é quanto ao seu desenvolvimento. A razão, porém, do pouco desenvolvimento da inteligência é a pouca força da razão que sabem empregar, pois sabemos que até, segundo um escritor, a inteligência não é mais que a força da razão, empregada em maior ou menor grau. **Na mulher falta inteiramente a força do raciocínio.** O que entendemos, portanto é que a instrução que em nosso país se dá às mulheres, deve ser consideravelmente ampliada, e assim talvez para o futuro possamos ter esta distas deputadas e etc., desde que sejam proclamados os seus direitos intelectuais e, portanto, políticos e sociais. (O LÁBARO DO FUTURO, 8 ed., 28/04/1882, p. 3, BN) (grifos nossos).

A mulher era vista socialmente como um ser de inferioridade moral e intelectual se comparada ao homem. Havia uma necessidade patriarcal em definir o papel das mulheres, torná-las inferiores em todos os segmentos sociais, políticos, históricos e culturais. A identidade sexual seria um produto de expressão cultural oferecida pela História. Tal discurso justificava a submissão da mulher ao homem e o seu recolhimento à esfera privada, doméstica, cercadas pelos ditames de uma sociedade machista, sexista, moralista e patriarcal.

Ao expor “A mulher perante a História” com narrativas de vidas exemplares das heroínas, aquele Jornal remete ao primeiro exemplo, à mulher que conduziu o homem ao pecado: Eva. O feminino apresentado nessa última publicação não diz respeito mais à conduta exemplar do gênero, mas alerta sobre a inferioridade intelectual da mulher. Justifica a desvantagem intelectualidade feminina, que, mesmo se quisesse o contrário, não seria possível devido à sua suposta irracionalidade.

Semramis perdeu todo o seu prestígio porque não foi uma esposa honrada, deixou seu primeiro marido para ficar com o rei. Maria Antonieta que, mesmo se quisesse fazer algo diferente, não possuía capacidade intelectual e não sendo mulher modelar não poderia ser vista como uma heroína. Nesse sentido, nota-se que a heroicidade da mulher estava associada à sua moral e aos seus princípios, seu maior ato sempre correlacionado às construções culturais do seu gênero.

Por mais que essas mulheres tivessem outros motivos e feitos para serem representadas nas páginas dos periódicos, sempre eram ressaltadas características associadas ao que se pretendiam mostrar sobre o gênero feminino. Sendo assim, surgem alguns questionamentos. Haviam motivos para escolher aparecer aos olhos dos homens coevos somente pelo seu lado maternal? Quais seriam essas causas? Os feitos dessas mulheres foram esquecidos pela historiografia ou nunca foram enaltecidos por questões peculiares?

CAPÍTULO 2 - A AMPLIAÇÃO DA EDUCAÇÃO FEMININA

Esse capítulo tem como propósito apresentar os aspectos que norteavam a educação feminina a partir da segunda metade do século XIX. Esta proposta leva em conta o desafio dos pesquisadores no campo da História da Educação no Brasil de identificar as vozes femininas no período Imperial. Este tema não deixa de ser uma instigação tendo em vista que a documentação privilegia a perspectiva da mulher associada ao espaço doméstico, sempre sombreada pelo homem. A Imprensa, geralmente editada por homens diamantinenses, revela o discurso de como as mulheres deveriam ser educadas e instruídas, nos moldes de uma sociedade dita civilizada.

Nesse sentido, torna-se importante entender a forma de educar esta sociedade, que pode ser compreendida tanto por meio de ações educativas escolares, quanto aquelas consideradas como não-escolares. A escolar normalmente era administrada pelas instituições de ensino (públicas ou privadas), regidas por um sistema educacional que apresentava, em algumas vezes, diretores, professores, materiais didáticos e regras de convivência social. No âmbito não-escolar eram ensinadas práticas educativas das experiências, intrínseco à vida cotidiana das pessoas e grupos, comumente iniciada pela família por meio da oralidade e de “bons” exemplos. Não estava restrita apenas ao espaço doméstico, uma vez que se estendia para as igrejas, conventos, entre outras, por exemplo.

Consideramos os jornais enquanto formadores e propulsores de práticas educativas não-escolares, uma vez que, por meio de notícias, contos, poemas ou anúncios, educam acerca de padrões a serem seguidos por homens e mulheres, inculcando as noções de espaços e posturas próprios de cada gênero. Assim, torna-se importante compreender as estratégias educacionais na orientação da instrução feminina que intentavam em formar mulheres obedientes. Exemplo desse caráter educativo é são os diversos textos produzidos com esta finalidade, como se observa na publicação “Conselho” do Sete de

Setembro, na qual se verifica o que se espera dos pais na formação das crianças e das esposas em relação aos seus maridos:

A primeira regra de decência que cumpre observar para com os filhos, é nunca lhes dar maus exemplos por obras ou por palavras. Uma criança não deve ser testemunha de contestações que possam haver entre seu pai e sua mãe. [...]. Pelas leis divinas e humanas, a mulher deve obedecer ao marido, tratá-lo com toda a afabilidade, cessando somente a submissão quando o marido exigir coisas injustas, contrárias à moral, à virtude, à probidade e aos santos deveres da família. Uma mulher impertinente e colérica, sempre de mal humor, faz-se detestar por marido, filhos e toda a família. Será sempre respeitada a mulher que conseguir o respeito do seu esposo. (SETE DE SETEMBRO, Ed. 22, p. 3, 05/02/1887, BAT).

Por meio de advertências, recomendações, palpites, etc., a Imprensa influenciava no ordenamento da sociedade diamantinense, bem como na ocupação e conduta de cada cidadão. Sugerindo “regras de decência” com base em “leis divinas e humanas” que dizem sobre a “moral, à virtude, à probidade e aos santos deveres da família”. Este seria o pensamento de uma parcela letrada da sociedade, dita como civilizada, a qual estabelece o que é prudente aos homens e mulheres do século XIX.

A educação escolar ficava a cargo das instituições escolares, enquanto a não-escolar encarregava-se a sociedade em seu conjunto. No caso da instrução feminina, havia diferença em relação ao masculino, uma vez que a primeira era norteadas para as atividades do lar e práticas de uma boa esposa e mãe, tanto no ambiente escolar como no não-escolar. Com ressalvas considera-se alguns avanços, porém o sistema educacional, além de precário, excluiu as mulheres das instituições escolares pedagógicas por muito tempo. Portanto, não deixa de ser fundamental compreender o processo de implementação educacional e o fortalecimento da educação escolar feminina no País.

2.1. Educação não-escolar: contribuições para a base familiar

Atendam as mulheres casadas e as moças solteiras. A uma filha, em véspera de seu casamento, dava a mãe estes remendáveis e salutaros conselhos. Quando fores casada, minha querida filha, faz por tornar a tua cara agradável. Não se deve deixar o homem metido consigo só quando ele queria fazer caso da gente; é preciso fazer por agradar, mostrar-lhe sempre semblante amável. Não é tão difícil, como talvez se imagina, conservar no marido o homem que sentiu atraído por nós. Mostra-se sempre a ele limpa, bem arranjada e de bom humor, suporta sem te queixastes as pequenas contrariedades inevitáveis entre casados, sobretudo nunca tomes ares de vítima. Uma lágrima na face de uma donzela, diz um autor antigo, - é como uma gota de orvalho numa flor, mas lembra-te, que uma lágrima na face de uma mulher casada, é para o marido a gota do veneno. Faz por encarar as coisas pelo melhor lado, esforça-te por te mostrares satisfeita: não tardará que realmente o estejas; teu marido, vendo-te

feliz, mais te amará. Não há nada que lisonjeie tanto um homem, como ver que a mulher é feliz, sendo orgulho em ser a causa da felicidade, e o seu amor argumenta com o que ele vê que inspira. (SETE DE SETEMBRO, 22 ed., p. 3, 23/12/1886, BAT).

Os discursos em circulação nos periódicos locais disseminavam o modelo da família cristã, unida pelos laços do matrimônio, nos quais prevalece a mulher como base da sociedade, responsável por carregar e transmitir os valores da civilidade. Tal projeto inscrevia-se no movimento de Cristianização, Liberalismo Burguês e Moralização que envolveu as sociedades ocidentais europeias, incluso no processo civilizador do período moderno. A importância atribuída à família como fator de estabilidade social, transmissora das tradições, saberes e valores, configura-se na construção desse movimento, em que a atuação de formadores ligados à Igreja e ao Estado foi fundamental. O reconhecimento da função moral e espiritual da família por parte da Cristandade resultou de um longo trabalho de promoção religiosa leiga, inserido naquele movimento em que o aspecto moral da religião foi, pouco a pouco, prevalecendo na prática (MUNIZ, 2003, p. 96).

O Sete de Setembro, na sua coluna de “Educação Popular” em matéria de “Pelos atos se conhece um indivíduo”, evidencia o forte laço da família com a Igreja:

A sociedade, grande família, revela-se com seus vícios que escandalizam, assim como com as suas virtudes que edificam; e a nossa sociedade tão distinta, oferece, nos lugares de concorrência pública e onde se pronunciam o gênio das tendências populares, ocasião oportuna para aquilatar-se o grau de moralidade e educação social a que se dispõe. É fato que não precisa de demonstração para ser recebido, que a religião é a norma de conduta geral pela qual se regem as pessoas. Não há povo sem religião; e, ainda que desvirtuada pela ignorância eivada, pelo pendor de um materialismo bárbaro, de paixões degradantes, pretendeu sempre ser o farol dos povos. (SETE DE SETEMBRO, 22 ed., p. 3, 23/12/1886, BAT).

Esta notícia esclarece que todos fazem parte de uma grande família - a sociedade -, a qual é guiada pela “luz divina” que regula a norma de conduta geral, visto que não há povo sem religião.

Doce palavra de que todos os pesares consolam! Oasis da vida, retiro encantador da mulher, grato albergue do homem! Quanto devemos estimar-te de todos os que sabemos o que é amar e sentir! A minha casa! Aquele que possui ao menos o pão diário, deve contar como a primeira, como a maior das felicidades, o poder de pronunciar estas palavras. A casa dever ser o santuário da mulher e o sítio onde deve achar-se melhor que em outro algum; e, não obstante, vamos mulheres que passam a vida de festa em festa, e que apenas entram no lar para comer e dormir. (SETE DE SETEMBRO, 152 ed., p. 2, 16/12/1886, BAT).

Esta publicação ressalta e valoriza os papéis sociais delimitados para o feminino e o masculino. Sob essa perspectiva, evidencia a presença de mulheres leitoras dos jornais diamantinenses.

Haviam discursos também direcionados às obrigações do homem, como pode ser visto neste noticiário:

Conselhos. As regras de civilidade e de bem viver são aplicáveis a todos os cultos. O homem bem-educado deve portar-se nos templos de qualquer religião com a mesma decência com que se porta nos da sua própria, porque não só se respeita a Deus, mas também se tem consideração aos homens. [...]. Os pais devem argumentar a vigilância sobre os filhos, à proporção que as paixões se vão desenvolvendo nas crianças, proibindo severamente a leitura de maus livros, isto é – não só alguns que atacam os bons costumes, mas também aqueles que não oferecem instrução alguma. Um pai deve, especialmente, proibir suas filhas à leitura de romances. Os melhores apenas são ideias confusas e muito falsas do mundo e da vida positiva. A moça acostumada a semelhante leitura se chega a casar, fica desconsolada, não achando, como é natural, no seu marido o herói do romance com que tantas vezes sonhou. Disto pode resultar sua infelicidade e algumas vezes a sua vergonha. (SETE DE SETEMBRO, 23 ed., p. 3, 12/10/1887, BAT).

Deve-se atentar para o fato de que até as publicações direcionadas aos homens anunciam como estes devem se comportar em relação aos cuidados para com as moças, de forma a prepará-las para as funções de esposas e mães. A responsabilidade da decência feminina estava na forma como o homem direcionava seus filhos, instruindo-lhes a respeito da realidade das coisas e preparando-lhes para ocupar suas devidas posições na sociedade.

Em Minas Gerais do século XIX, Igreja e Estado interferiram cada vez mais no âmbito doméstico, particularmente interessados em uniões sacramentadas entre os casais, de forma a assegurar o poder patriarcal; vital para a manutenção de uma sociedade hierarquizada na qual a obediência era a primeira virtude. Para as mulheres havia orientação de um confinamento restrito na esfera doméstica e na maternidade, um projeto em que ambos se empenhavam porque possibilitava a reprodução da espécie e a formação de súditos obedientes e de fieis fervorosos, portanto, cristãos defensores dos interesses da Coroa e da Igreja (ROCHA, 2019, p. 14).

O que faremos com nossas filhas? Um jornal americano responde esta pergunta como se segue: Dai-lhes uma instrução elementar. Ensina-lhes a lavar, engomar, remendar meias e a fazer sua própria roupa. Ensina-lhes a fazer pão e explica-lhes que uma boa cozinha tira muito dinheiro da botica. Fazei-as bem entender que um mil réis, e que sabe economizar só que gasta menos do que ganha. Mostra-lhes que o rosto são e cheio vale mais do que cinquenta pálidas belezas languidas e cansadas de bailes e teatros. Deixai-as fazer suas compras e averiguar se o débito e o crédito correspondem. Dizei-lhes que tendo vontade de estragar a imagem de Deus, com o espartilho se pode fazer radicalmente.

Educai-as independentes, brisas e ativas. Não eviteis, quando vier o tempo próprio de lhe expor que um honrado operário, na sua roupa de burel, sem fortuna, é tão bom como o calaceiro elegante e nobre. Fazei-as trabalhar no quintal e conhecer da natureza de Deus e, se puderdes fazer despesas, deixai-as aprender música, pintura ou belas artes, porém sempre como menos importantes. Ensina-lhes que um passeio a pé é muito mais saudável do que de carro, e que as flores do campo e da floresta têm seus encantos, para não as desprezar. Ensina-lhes a desconfiar da aparência, e a cumprir as suas promessas. Ensina-lhes que a felicidade no matrimônio não depende nem de luxo nem de fortuna, porém os caracteres, o respeito e a confiança que têm os esposos um para com o outro, trazem paz, contentamento e prazer ao lar. (SETE DE SETEMBRO, 20 ed., p. 4, 11/08/1888, BAT).

Este excerto direciona as posturas esperadas na educação feminina, elucidando todo o processo de preparação da mulher para o matrimônio e o convívio social. E neste caso espera-se que a mulher permanecesse restrita ao ambiente doméstico. Os autores direcionavam comportamentos entre homens e mulheres, pela legitimação divina, com o apoio das autoridades civis e eclesiásticas. Difundiam um padrão de comportamento feminino pautado na obediência, castidade e recato. Essa delimitação de espaços masculinos e femininos carregava consigo uma orientação de posturas, práticas e divisões de tarefas de acordo com o gênero.

Essa divisão de tarefas pautava-se no princípio de autoridade que estabelecia como inerentes à ordem natural às diferenciações dos papéis sexuais, em outros termos, eram determinadas biologicamente. Dessa forma, o poder de decisão formal cabia ao marido, justificado por seu espaço social de ocupação, conferindo-lhe o poder e obrigação de prover e proteger a família. Por outro lado, competia às mulheres governar o âmbito doméstico e dar assistência moral à família, fortalecendo os laços entre seus membros. Ainda que ambos desempenhassem funções importantes, torna-se inegável que as atividades do lar, embora seja uma tarefa social devido satisfazer necessidades como as de reprodução e reunião, não formam e ainda não são reconhecidas como trabalho, não se revestindo, portanto, de prestígio social (MUNIZ, 2003, pp. 98-99).

Fugi da embriaguez, que é um dos vícios que mais degradam o homem. Está escrito que os ébrios não entrarão no Reino dos Céus. Evitai as más companhias, não frequentei tabernas e casas de jogo; fugi das danças e de todas as ocasiões de pecado; guardai os domingos e festas, recebei os sacramentos com todo o fervor de vossa alma. Vivei enfim como bons cristãos, no santo temor de Deus e guardando fielmente sua lei. Esta vida de trabalhos passará depressa, e um dia da humilde condição de servos ou escravos, passareis a ocupar um trono de glória no Reino dos Céus, onde com todos os justos brilhareis com soes em perpetuas eternidade. (O CATHOLICO, 98 ed., p. 1 e 2, 24/09/1876, BAT).

O temor a Deus era o apelo mais comum usado no incentivo das regras de civilidade, normas que pretendiam incrustar no meio social que “o que foi plantado hoje, seria a colheita do amanhã”. Como recompensa pela obediência, havia a promessa de glória no Reino dos Céus. Mesmo em um contexto abolicionista, o jornal conservador *O Catholico* evidencia a liberdade apenas no Reino de Deus. Por isso “vivei enfim como bons cristãos, no santo temor de Deus e guardando fielmente sua lei”, sendo que se viverem de acordo com as virtudes teria um lugar “com todos os justos brilhareis com soes em perpetuas eternidade”.

Assim como na Imprensa, nas escolas e em outros espaços, a Igreja desenvolvia também o seu projeto cristianizador por meio do púlpito, dos confessionários, das aulas de “primeiras letras” e de catecismo, dos cargos públicos, dos mandatos legislativos, das visitas pastorais, do convívio social e familiar. Ao abarcar diferentes espaços, esta Instituição direcionou seu propósito normalizador no sentido da incorporação de um modelo cristão de vida familiar. Trata-se de um esforço domesticador que se iniciou com a colonização e estendeu-se por todo o século XIX, centrado em realçar a função da família, da mãe e da maternidade. Portanto, concebia as mulheres a partir de um modelo informado pela imagem de receptáculo das tradições culturais e das virtudes morais que se desejava transmitir, a fim de desempenharem os esperados papéis de súditos fieis e de bons cristãos (MUNIZ, 2003, p. 101). Esse pensamento é recorrente mesmo em periódicos de teor liberal. Cabe frisar que a respeito do conservadorismo e patriarcalismo, o pensamento liberal e ultramontano semelhavam-se em valores.

Em Minas Gerais, a vida dos seus habitantes foi objeto de constante interferência do poder público, civil e eclesiástico que, em função de seu projeto disciplinador, buscou controlar suas ações mais íntimas e até mesmo apossar-se da esfera afetiva. Uma minuciosa legislação circulou por esta Província intentando impor um modelo cristão de vida conjugal. Pastorais foram veiculadas com medidas que tinham em vista incentivar uniões legítimas e monogâmicas e desestimular as consensuais; condenando os concubinários e desviantes; estabelecendo dotes para órfãs e órfãos; fundando e apoiando a criação de colégios religiosos; difundindo o ensino do catecismo e a importância das práticas devocionais (MUNIZ, 2003, p. 101).

Esse trabalho pastoral, no sentido de coibir e erradicar as uniões consensuais e relações ilícitas e de estimular as sacramentadas, teve eficácia limitada ou pelo menos

não atingiu a disciplina conjugal na extensão pretendida, uma vez que a ilegitimidade e o concubinato permaneceram como práticas comuns entre as diferentes camadas sociais.

O espaço familiar era orientado não apenas pelos defensores da Igreja Cristã, haja vista os discursos políticos também foram influentes na proposição de um modelo de família a ser seguido. Exemplo disso pode ser visto neste noticiário do Monitor do Norte:

As mães de famílias. Recomenda-se as virtuosas e boas mães de família em geral, que proibam as suas jovens e inocentes filhas, a leitura de um periódico que se publica nesta cidade sobre o título – CATHOLICO – e com especialidade do que traz o número 51, onde vem um artiguinho com a epígrafe – Sabichão, - escrito por um Sr. Reverendíssimo com apontamentos fornecidos por um manco, porque para vergonha da sociedade civilizada esse imundo artiguinho acha-se recheado de toda sorte de imoralidades, obscenidades e tudo mais que a decência reprova. Em nome de vossa honra, em nome da castidade de vossas filhas, em nome de Deus, atendei o pedido que vos faz. Um pai de família. (MONITOR DO NORTE, 32 ed., p. 4, 18/07/1875. BND).

Na medida que lhes convinha, os jornais de cunho político mantinham o conservadorismo e o patriarcalismo enraizados na estrutura da sociedade. Recebiam reforço institucional onde os relacionamentos interpessoais e as personalidades eram marcados pela dominação masculina sobre a feminina. Na publicação da coluna “Variedades” do “Liberal do Norte” vê-se como a condição feminina designa um espaço e um modo de ser impostos pela sociedade a partir da leitura do artigo “Regras de conduta para as mulheres casadas”:

Eis que diversos conselhos às senhoras, que, se fossem seguidos, fariam não só a felicidade dos maridos, como das suas caras metades, assegurando assim a paz doméstica. Antecipadamente devem convencer-se de que há dois meios de governar uma família: um pela expressão da vontade, que pertence à força; o outro pelo irresistível poder da doçura, que é muitas vezes superior à força. O primeiro pertence ao marido, a mulher só deve usar o segundo. A mulher que diz – eu quero, deve perder a parte que lhe cabe na família. A mulher deve evitar sempre o contradizer do seu marido. Quando se colhe uma rosa, só se espera o prazer dos perfumes, assim da mulher só deve se esperar o agrado. A mulher que se constitui em continuada oposição, é vítima da aversão argumentada pelo tempo, e de que a não livram todas as qualidades boas que a adornam. Não deve intrometer-se nos negócios do seu marido, e só esperar que ele lhes confie; assim como não deve aconselhá-lo senão quando ele consultar. Não deve mostra-se irascível nem alterar com seu marido. Deve dar o exemplo praticando virtudes, porque é a maneira de os fazer praticar. Não exigir coisa alguma para obter muito; e mostrar-se sempre satisfeita com as dádivas de seu marido para que o excite a fazer-lhe outras. Muitas vezes os homens são vaidosos e insuportáveis, mas nem por isso se deve contradizer essa vaidade, ainda nas coisas mais livres; e por muito superior que uma mulher se julgue a um marido deve sempre mostrar que não conhece essa vantagem. Quando o marido estiver em erro é conveniente não lhe demonstrar logo, e sim por maneiras convenientes, com doçura e bondade levá-lo a pensar melhor, deixando-lhe sempre o mérito de ser ele quem acertou com o que era menos justo e acertado. Responder sempre ao mau humor de seu marido com afetuosidade, a seus desacertos com bons conselhos, e não se valer nunca de qualquer falta que cometesse para lançar em rosto nem o humilhar. Fazer uma

boa escolha das suas amigas, ter poucas e desconfiar sempre de seus conselhos; não dar crédito a intrigas para não se tornar odiosa a seu marido e à sociedade. Gostar muito de asseio: nunca de luxo; vestir-se com elegância, e sempre com decência. Este conselho, parece pueril, mas é pelo contrário mais importante do que se imagina; e muitas mulheres há bem compreendem o império que exercem nas suas ideias. Não se intrometer nos negócios do marido e a trair-lhe a sua confiança, confiando-lhe todos os seus segredos, observando a melhor ordem em tudo, e nunca se aborrecer da sua casa nem do seu estado, para que o marido não ache outros mais felizes. Dar sempre a entender que tem em muito apreço as luzes e o conhecimento do seu marido, encarecendo-o sempre, e muito mais diante de estranhos, ainda que para isso seja preciso fazer passar por menos sensata a sua opinião, por que a mulher é sempre levada à altura da apreciação que faz de seu marido. A mulher deve deixar a seu marido a liberdade de suas ações, deve enfim fazer a casa tão agradável ao marido, que ele não possa desgostar-se dela e que os prazeres fora de casa lhe sejam sempre insípidos quando não parti-lhe sua esposa (Extr.). (LIBERAL DO NORTE, 25 ed., 08/12/1887, p. 2 – 3. APM).

Este artigo indica que ao casar a mulher adquiria a condição de ser relativamente incapaz, sendo destituída de qualquer manifestação autônoma de vontade; a não ser aquelas que fossem próprias da virtude de esposa - modelo proposto em nome da organização familiar. No âmbito da instituição da família, o poder de direção era exercido pelo homem, enquanto representante do seio familiar, administrador dos bens, eleitor do domicílio e, inclusive, detinha o poder de autorizar ou não o exercício de alguma profissão pela mulher. Para esta, foi reservada a função coadjuvante de auxiliadora do esposo.

O fundamento para a sujeição da mulher ao marido se baseava na ideia de que existiria uma tendência natural, uma predestinação inata, que decorria da simples condição de nascer mulher. A esposa tornava-se a base moral da sociedade e da família, enquanto aos homens estavam reservadas uma infinidade de ambições e habilidades. As mulheres estariam destinadas, desde o nascimento, a atuarem exclusivamente como mães e esposas. Logo, era na família que se iniciava o processo de divisão entre os gêneros, sendo que a educação da menina deveria ser cuidadosa e restrita.

2.2 A expansão da Educação Escolar

Ao ver consolidado o processo de Independência do Brasil, os primeiros legisladores logo pensaram em organizar um sistema educacional que fosse capaz de atender às necessidades de grande parte da elite que, naquele momento, passava a assumir a direção da recém-nascida nação brasileira. Neste desejo se encaixava a preocupação de incluir a mulher no processo educacional, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino primário gratuito. No entanto, a instauração de vários debates e discussões acerca da nova

lei educacional não foram suficientes para que as Escolas das Primeiras Letras fossem construídas em quantidades satisfatórias, capazes de atender à demanda do segmento feminino (CUNHA; SILVA, 2010, p. 98).

Além de um número reduzido de escolas, o que não deixa de ser uma exclusão educacional, pode-se dizer que estas eram pouco procuradas porque parte da população pobre não acreditava na instrução e não via grande interesse pelo aprendizado da leitura e da escrita. Nas classes mais abastadas este tipo de ensino era suprido pela prática de contratação de professores particulares, que lecionavam em domicílio. Nas localidades mais distantes, como nas fazendas, a educação feminina se dava geralmente sob a responsabilidade da família da moça.

O preenchimento das vagas para professoras era por meio de concurso público. O fato é que as mulheres tinham dificuldades em serem aprovadas nesta seleção, mesmo que o nível de exigência para o professorado do ensino primário fosse somente o domínio de leitura, escrita e das quatro operações de aritmética, além de trabalhos de agulha.

Diante disso, as mulheres não tinham espaço para a ampliação de suas classes justamente pela falta de qualificação, porque a maioria se constituía de professoras leigas. No intuito de suprir essa profissão, o Império brasileiro criou as Escolas Normais na primeira metade do século XIX. A primeira delas foi fundada em 1835 em Niterói, Rio de Janeiro. No início eram instituições públicas mantidas de forma precária, onde se ensinavam os conteúdos elementares do ensino e algumas noções pedagógicas. Somente a partir de 1870 começaram a existir escolas normais mais robustas e com uma preocupação maior de fortalecer a preparação docente (CUNHA; SILVA, 2010, p. 98).

As meninas pobres poderiam contar com instituições de caráter assistencial, que complementavam a sua formação. Essas entidades assistenciais educativas eram mantidas pelo Estado ou por Congregações religiosas femininas, porém eram limitadas quanto aos conteúdos, direcionando o ensino às prendas domésticas e, em alguns casos, aos aspectos básicos de leitura (CUNHA; SILVA, 2010, p. 99). Nesse sentido, as escolas femininas do século XIX, em sua maioria, não centravam numa formação intelectual, o objetivo era habilitar a mulher para a futura educação de seus filhos de acordo com os parâmetros da boa sociedade, como boa filha, mãe, esposa, por exemplo, símbolo dos bons valores e costumes coevos.

A educação feminina mantinha-se como regalia de poucas. As mulheres, em sua maioria, continuavam sem acesso à instrução. O aprendizado das meninas pobres era pautado em prendas domésticas, mais importantes do que a leitura e a escrita, portanto a formação intelectual era tida como algo de “segunda necessidade”, posto que a preocupação fundamental centrava-se no bom casamento e zelo da casa. As meninas de famílias abastadas recebiam instrução na própria casa, sendo que os responsáveis pagavam professoras que acompanhavam todo o processo educativo da moça. No entanto, com o crescimento urbano, os núcleos familiares com melhores condições passaram a transferir a responsabilidade de educar suas filhas para as escolas particulares, por exemplo, aos colégios de freiras.

Com a descentralização de 1834, a Educação brasileira sofreu consideráveis mudanças. Havia várias modalidades para o ensino das primeiras letras, cada uma com a sua própria regulamentação provincial. No âmbito do ensino doméstico, haviam os colégios particulares e as instituições para crianças pobres ou órfãs, as quais eram mantidas por congregações religiosas e também militares. Em Minas Gerais, as escolas primárias para o sexo feminino foram instituídas pela Lei nº. 13 de 28 de março de 1835. “O governo poderá também estabelecer escolas para meninas nos lugares em que houver escolas do segundo grau, e em que atenda à população, puderem ser frequentados por 24 alunos pelo menos” (PRIMITIVO MOACYR, *apud* LAGE, 2007, p. 33).

Ao longo do século XIX é possível perceber as diferenças entre a Educação pública feminina e a masculina. Até as décadas de 1870 e 1880, por exemplo, a frequência nas escolas era obrigatória apenas para meninos. Os pais ou responsáveis que não cumprissem a determinação eram advertidos ou multados, o que ocorria raramente devido à pobreza da população. Só mais tarde a obrigatoriedade se estendeu às meninas.

As aulas para meninas eram estimuladas pelo Governo em todas as províncias, mas quase sempre condicionadas à presença de mestras. A coeducação entre os sexos ganhou espaço apenas a partir da década de 1870, embora ocorresse de forma pontual em algumas localidades e conforme a idade das crianças. A faixa etária prevista em lei para frequência obrigatória oscilava entre 7 a 8 anos (mínimo) e 12 a 14 anos (máximo). Na mesma época foram criadas escolas noturnas para maiores de 14 anos (VEIGA, 2007, p. 161).

É possível verificar que os governantes privilegiaram os meninos em suas políticas públicas de atendimento escolar, dado que garantiam um maior número de

escolas do sexo masculino. A inclusão das meninas no projeto de disseminação do acesso à escola aconteceu de forma diferenciada e desigual do ponto de vista de raça, classe e, sobretudo, de gênero. As moças foram discriminadas tanto nas condições de ingresso e permanência, como pelo tipo de instrução educacional recebida.

Os meninos estavam inseridos no Ensino Primário de 1º e 2º graus e ainda garantiam o acesso ao Ensino Secundário, enquanto para as meninas havia menor número de escolas femininas e ainda ocorria a oferta de um ensino que se limitava à aprendizagem do “ler, escrever e contar” e “Trabalhos de agulha”. Compreendia-se especialmente as Primeiras Letras de 1º grau. O acesso ao Secundário só foi possível a partir da instalação e fortalecimento das Escolas Normais na década de 1870. Cabia uma Educação restrita e diferenciada, sendo que “[...] as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, sua formação escolar não demandava a aquisição de uma cultura humanística e letrada reservada aos rapazes, mas essencialmente, a formação do caráter” (MUNIZ, 2003, p. 155).

Para além da Educação pública, a instrução de meninas e moças fazia parte dos anseios da Igreja Católica, dado que as alunas seriam posteriormente educadoras dos filhos e da sociedade, conforme os princípios do Catolicismo (LAGE, 2013, p. 76). Nas instituições direcionadas ao ensino de moças, particularmente dirigidas por freiras, eram ensinadas as primeiras letras e as funções adequadas ao gênero feminino, por exemplo, preparação para o casamento, além dos ensinamentos morais e cristãos. Algumas dessas entidades ensinavam música, costura, bordado, confecção de flores, tecelagem e atividades domésticas como lavar, passar, cozinhar, etc. (LAGE, 2013, p. 43).

O padrão do currículo direcionado às mulheres foi comum ao ensino oferecido pelas diferentes instituições escolares femininas, uma vez que todas compartilhavam o projeto de preparação de suas alunas para o estado de matrimônio e para exercerem futuramente o papel que lhes estava determinado de esposa, mãe e educadora. Na segunda metade do século XIX, as escolas particulares, geralmente geridas por freiras, propunham algumas disciplinas que serviam para refinar a formação das mulheres, como o francês, o piano e trabalhos mais requintados de agulhas.

É importante ressaltar que, no século XIX, quando a Igreja Católica se sentiu mais fortemente ameaçada pelos avanços do Liberalismo em todos os seus aspectos, principalmente nos campos políticos e religiosos, ela ampliou seus esforços para

disseminar o Catolicismo no cotidiano da sociedade mineira e, para disso, buscou formas de implementar projetos de religiosidade católica.

A partir de 1849, quando foi criado o primeiro Colégio de Freiras na Província de Minas Gerais, ocorreu uma verdadeira preparação de agentes sociais para o fortalecimento das ideias cristãs. A primeira congregação religiosa se instalou em Mariana, composta pelas Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo e fundou o Colégio Providência. Após este momento, ocorreu a ampliação e circulação de congregações e da educação confessional feminina. Em um momento de perda de fôlego para a “modernidade”, a ampliação das escolas confessionais fazia parte de um movimento planejado pela Igreja Católica de (re)cristianização por meio da educação feminina (LAGE, 2013, p. 45).

Deste modo, a Educação feminina em Minas Gerais estaria confiada principalmente aos colégios confessionais católicos. O impulso dado à escolarização, com a vinda das religiosas francesas e com as mediações do Clero junto às famílias para que suas filhas frequentassem as escolas públicas ou particulares, representou uma mudança substancial em termos de expansão do atendimento escolar.

Os colégios confessionais, administrados por freiras, demandavam outro tipo de aprendizagem, além daquele que preparava as meninas para os cuidados com os filhos e a casa, especialmente porque ensinavam regras de civilidade, como comportar-se em público, conviver de maneira polida, recatada e distinta. Conforme Lage:

Mas é possível detectar que a necessidade de preparação da mulher para uma boa maternidade e para um casamento adequado esteve sempre presente nos discursos acerca da ampliação da educação feminina. O que diferenciava o discurso iluminista do discurso católico referente a educação feminina e à maternidade era o caráter natural do primeiro com relação ao caráter sagrado do segundo. (LAGE, 2013, p. 40).

Fica evidente que a defesa da necessidade da ampliação da Educação aparecia em ambos os discursos (Iluminista e Católico). Enquanto os liberais defendiam uma escola laica, obrigatória e gratuita, os ultramontanos percebiam que a manutenção, o controle e a ampliação da instrução confessional por parte da Igreja Católica reforçariam e inculcariam as suas ideias religiosas: como um mecanismo de controle sobre os fiéis, contra os ditos perigos da modernidade.

Na imprensa diamantinense encontra-se a presença de todos estes ideais. As ideias republicanas requeriam um povo instruído, sendo a escolarização a base para o

desenvolvimento do País. Portanto, propiciou ainda mais o aumento das escolas femininas, onde a mulher ocuparia o papel de redentora da Nação, dentro dos limites da natureza do gênero feminino.

2.3 A Educação feminina escolar em Diamantina

Mais forte sempre será a nação cuja população mais instruída for. Contribuir para o aperfeiçoamento dos membros dessa sociedade, argumentando o número de cidadãos instruídos e virtuosos, isto é, trabalhando para o bem-estar da nação, em uma palavra, fortificando-a, tal deve ser a verdadeira preocupação do governo patriótico e sábio. (SETE SETEMBRO, 12/05/1887, 36 ed., p. 4. BAT).

A partir da análise dos jornais da segunda metade do século XIX percebe-se que havia uma evidente preocupação da sociedade diamantinense com a educação escolar, partindo do princípio que um governo “sábio e patriótico”, assim como a Igreja Católica, deveria educar no intuito de promover o bem-estar da Nação.

Ao final do século XIX, existia em Diamantina instituições de ensino primárias destinadas à educação feminina. Desde 1863, havia o Colégio Nossa Senhora das Dores, implementado por intermédio da Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo²⁰, de suma importância para compreender o projeto educacional para as mulheres naquela região.

O Colégio Nossa Senhora das Dores foi instalado no prédio denominado “Casa da Glória”, cujo nome remonta ao século XVIII, por causa da sua antiga proprietária, D. Josefa Maria Da Glória. Anos depois a rua de sua casa foi homenageada com seu nome. O prédio local fora residência do primeiro Bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos, nomeado em 1854. Este mudou de casa e doou o edifício para a instalação e implantação da obra das Vicentinas. Conforme as normas do educandário, o contato com a rua devia ser evitado e, deste modo, as irmãs encontraram a solução para ligar os dois prédios onde funcionava a instituição, um de frente ao outro, assim não necessitariam sair

²⁰ Considere-se a história da Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, fundada em 1633, que teve como líderes Vicente de Paulo e Luisa de Marillac. Em 1625, Vicente de Paulo havia fundado uma vertente masculina, a Congregação da Missão, cujos padres e irmãos também eram conhecidos como Lazaristas. Além disso, os estatutos das Filhas de Caridade determinavam a subordinação direta dos Padres da Missão, e não ao bispo da localidade de instalação da casa, conforme era proposto pelo Concílio de Trento, o que demonstra atitude inovadora com relação às Casas femininas neste período (LAGE, 2013, p. 47).

na rua e serem vistas – foi construído um passadiço entre os dois compartimentos (LOREDO, 2017, pp. 71-72).

Como dito anteriormente, o Colégio era frequentado por internas, órfãs e externas. As primeiras eram de famílias de alto poder aquisitivo, filhas de fazendeiros e comerciantes da região. As segundas ingressavam no orfanato, geralmente, a partir de dez e saíam quando completavam 21 anos, pois, com esta idade eram encaminhadas para trabalhar na fábrica de tecidos da Vila de Biribiri, instituída como uma ação caritativa do Bispo de Diamantina.

A justificativa da Igreja para a criação do Colégio era de que necessitava ter um lugar onde fosse possível educar as meninas órfãs e pobres. Não obstante o caráter caritativo, a forma encontrada pelas Irmãs para manterem aquela entidade foi abrir vagas para alunas internas e externas. Filhas de famílias abastadas, essas alunas que pagavam pelos estudos vinham de várias regiões do Brasil (LOREDO, 2017, p. 79)

Referente à educação das crianças órfãs, São Vicente de Paulo dizia que as Filhas de Caridade foram especialmente escolhidas por Deus para cuidá-las. Nesta questão, deviam perceber a importância da escolha divina e a intenção de realizar um trabalho que aproximava as religiosas da Imagem de Nossa Senhora: eram virgens e mães ao mesmo tempo. O cuidado com os órfãos e menores abandonados seria, hierarquicamente, a segunda atividade desenvolvida pelas vicentinas. A primeira seria a assistência aos doentes. A terceira atividade estaria na assistência aos presos que exerciam trabalhos forçados, depois o cuidado com os velhos necessitados, etc. (LAGE, 2013, p. 51).

No entanto, a educação religiosa não era vista de bom grado por toda a sociedade diamantinense, principalmente nos periódicos com ideais liberais. A 47ª edição do “Monitor do Norte” fazia questionamentos quanto o método religioso das Irmãs de Caridade:

Irmãs de caridade. – A respeito destas santíssimas personagens escreve o correspondente de Lisboa para o *Globo*: Nós achamos bem que as irmãs de caridade acudam onde o seu auxílio é preciso, e não duvidamos de que prestem muito bons e excelentes serviços junto dos leitos dos enfermos, nas paradas longínquas e desprovidas de recursos humanitários. Como professoras, temos como altamente nocivo o seu ensino, não que muitas não saibam ou não conheçam com exatidão as disciplinas que professam e ensinam, mas porque a sua palavra, carregada das cores religiosas e retinta de reação, só pode produzir péssimos e funestos resultados no ânimo das crianças, por menos propensas que sejam ao sobrenatural. Prender os espíritos juvenis a crenças exageradas, sujeitá-los ao império das práticas mais absurdas, destruí-lhes a alegria por meio de imposições cruéis, como o silêncio prolongado em certos

dias, quebrar-lhe todos os laços que os prendem às famílias, convertendo-os depois em instrumentos de interesses, cuja existência eles nem sonham; é obra contra a qual importa envidar a maior soma de esforços. (MONITOR DO NORTE, 31/10/1875, 47 ed., p. 2. BND).

Este jornal caracteristicamente liberal, deixa claro por meio deste excerto a disputa entre liberais e ultramontanos. A crítica ao teor religioso atribuído às Irmãs no seu método de ensino demonstra uma preocupação dos liberais quanto ao processo educativo e, conjuntamente, elucida a competição pelo poder de educar. De fato, a Educação era tida como indispensável ferramenta para implementação do projeto civilizatório. A questão seria, nas mãos de quem estaria esse poder de modelar as práticas de posturas dessa sociedade? Liberais ou ultramontanos?

Confissão de crianças. – Lê-se na *Família Maçônica*: De todos os absurdos, que vemos por ali praticar-se por conta do ensino religioso, nenhum é mais nocivo do que o abuso que se comete de fazer confessar crianças desde os sete anos de idade, quando seus espíritos tenros e delicados não se têm ainda preparado para os horrores do confessional. Entre nossas senhoras professoras do sexo feminino desenvolvem um cuidado exagerado a respeito da santificação de suas alunas. A educação intelectual e moral é sacrificada a falsos e extemporâneos ensinamentos religiosos e práticas ostensivas de culto externo. Pesa-nos profundamente ver criancinhas para quem o mundo é ainda um céu sem nuvens. As crianças ou aterrorizam-se com essas palavras que não respiram aquela ternura dos conselhos que ouviu de sua mãe ou deixam-se dominar da ideia fixa que lhes despertou esta ou aquela pergunta e depois da confissão vão cometer um pecado com que jamais sonharam. (MONITOR DO NORTE, 09/01/1876, 4 ed., p. 2. BND).

Sob essa perspectiva, observa-se uma evidente preocupação com o caráter religioso e rígido das professoras do sexo feminino, visto que poderiam influenciar no aprendizado dos alunos. Encontram-se árduas críticas à Educação vinculada aos ensinamentos religiosos, como na própria relação da Instituição com as crianças. Além disso, supõe-se que existiam implícitos outros propósitos desse sistema educacional que afastavam os adolescentes de seus familiares. Fica nítida a disputa pelos ideais opostos.

Noutra notícia, o mesmo Jornal informa sobre fanatismo:

Fanatismo. – Lê-se o seguinte em folha do Chile: Abandono dos mais sagrados deveres! Uma senhora de Santiago acaba de dar o funestíssimo exemplo de abandonar seus oito filhos para tomar o hábito de religiosa. Desejamos sinceramente que não se propague entre as famílias o desejo de imitar uma semelhante ação a qual destruiria as mais delicadas fibras do coração feminino. (MONITOR DO NORTE, 31/10/1875, 47 ed., p. 2. BND).

Além da preocupação com os ensinamentos das Irmãs, havia o receio de que as mulheres optassem pelo hábito de religiosas, abandonando suas famílias, ou mesmo deixando de construir uma. Este era um risco para a base social, tendo em vista que a

condição feminina estava sempre associada à maternidade e a opção por uma vida espiritual significava também a exclusão da construção de um núcleo familiar tradicional.

Sob esse ponto de vista, é evidente a preocupação educacional feminina, mesmo em ideais opostos. Com relação ao ensino público, somado ao impasse em relação às formas de educar, haviam os problemas com a estrutura, formação de professores e desigualdade de ensinamentos:

Pergunto-me ao senhor João Luiz se também seria por condescendência, ou contemplação que ele queria que as suas meninas deixassem as escolas provinciais para aprenderem na minha municipal? Não sei se nós professores municipais, temos ou não as habilitações necessárias, segundo o regulamento do ensino público; sei porém que o notável administrador da Província do Rio de Janeiro, o Exma. Sr. Dr. João Marcellino de Sousa Gonzaga, no relatório que dirigiu à Assembleia daquela Província no ano de 1880, pediu que ela criasse escolas em cada quarteirão, em casas de campo rústicas, com bancos de tábua, e utensílios toscos, com mestres que só ensinassem a ler, escrever, e contar, por serem estes os conhecimentos, que mais importam aos filhos dos moradores dos campos. Bibiana Augusta de Queiroz. (SETE DE SETEMBRO, 07/10/1886, 5 ed., p. 3. BAT).

Além da falta de lugar adequados ao ensino, os professores diamantinenses encaravam a desigualdade educacional. Às alunas pobres era oferecido apenas o básico: ler, escrever e contar. Em meio a tantos problemas, estava a professora, que não era inerte à situação e, pelo contrário, procurava construir uma identidade e um prestígio social ao cumprir seu dever, entendendo como sagrada a sua missão.

Outra importante instituição de ensino local foi a Escola Normal de Diamantina. De acordo com Ana Cristina Pereira Lage (2014), esta Entidade foi criada em 1879, funcionou inicialmente até 1905, recebendo alunos e alunas de diversas localidades da região norte de Minas Gerais. Neste Colégio havia a frequência maior das alunas, o que estaria mais associado a formar a mulher no Ensino Secundário daquela época. Pode-se considerar que a intencionalidade educativa era maior para a preparação das mulheres para a sua inserção em uma sociedade considerada civilizada, do que na sua preparação para uma futura docência (LAGE, 2014, pp. 7-8). Aquela Escola fazia parte do projeto civilizador diamantinense, por meio de posturas e práticas. Encontram-se nos periódicos, menções sobre ela, vagas para concurso, comunicados das disciplinas ministradas, aprovações de alunas, inclusive separadas por destaque no aprendizado.

Sob essa perspectiva, observa-se que tanto o ensino em instituições religiosas como públicas propunham moldar o comportamento feminino. O acesso à Educação era escasso e excludente, mas a presença de matérias feitas por e para mulheres evidencia que

havia uma preocupação de como educar o público feminino, tal como a sociedade como um todo, a respeito dos papéis delimitados para homens e mulheres.

CAPÍTULO 3 - OS JORNAIS DIAMANTINENSES E OS PAPEIS SOCIAIS FEMININOS

Este capítulo pretende analisar os papéis sociais propostos às mulheres diamantinenses na segunda metade do século XIX, naturalizados nas publicações dos jornais. O intuito destes periódicos era inculcar no imaginário social o que se caracterizava como práticas e posturas adequadas, consideradas importantes quando atendiam às expectativas dos padrões da sociedade.

Nestes jornais, veiculavam matérias para divulgar o modelo esperado, as denominadas matronas, consideradas como as esposas devotas aos seus respectivos lares e maridos, mães exemplares, e ligadas às ações caritativas, consideradas como peças-chaves para a manutenção do modelo familiar patriarcal. As condutas opostas isso podem ser consideradas como típicas de mulheres com poucas ou “sem virtudes”.

Sob essa perspectiva, a Imprensa constituiu-se como espaço privilegiado para construir o universo feminino. Os periódicos do século XIX, ao abordarem o “bello sexo”, contribuíram por revelar não só o lugar social que lhes era proposto, mas, principalmente, o grau de atuação que as mulheres ocupavam na mesma. Ao assumir a administração do lar e da família, a mulher conquistou um lugar de protagonista no âmbito doméstico, dependeria dela o sucesso da família, seja para a preservação do nível e prestígio social ou para elevação do seu status.

A valorização da família, junta as características de matrona, somaram para que as mulheres atuassem ativamente na sociedade. Por mais que os papéis exercidos por homens e mulheres estivessem delimitados, os primeiros eram responsáveis por agir no

mundo público e as segundas estavam reservadas ao cenário doméstico, privado. A valorização da função de mãe deu à mulher uma posição de destaque naquela sociedade o qual estava inserida, assim como as ações caritativas fizeram com que ela atuasse no espaço público.

Dessa maneira, as publicações jornalísticas permitem inferir, nas entrelinhas, que as mulheres atuaram de forma significativa na sociedade, mesmo desempenhando exemplos conservadores.

3.1 O que era esperado das mulheres

É preciso partir da perspectiva que a Imprensa, conduzida majoritariamente por homens letrados, usava de diferentes estratégias e naturalizava os papéis sociais atribuídos para cada um dos sexos.

Paralelo entre o homem e a mulher. O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher, a mais sublime das ideias. Deus fez para o homem um trono e para a mulher um altar. O trono exalta, o altar santifica. O homem é o cérebro, a mulher é o coração. O cérebro fabrica a luz, o coração produz o amor. A luz fecunda, o amor ressuscita. O homem é o gênio, a mulher é anjo. O gênio é incomensurável, o anjo é indecifrável. Contempla-se o infinito, admira-se o inefável. A aspiração é a virtude extrema. A glória faz o imortal, a virtude faz o divino. O homem tem a supremacia, a mulher tem a preferência. A supremacia significa a força, a preferência representa o direito. O homem é forte pela razão, a mulher pelas lágrimas. A razão convence, as lágrimas comovem. O homem é capaz de todos os heroísmos, a mulher de todos os martírios. O heroísmo é nobreza, o martírio submissa. O homem é um código, a mulher um evangelho. O código corrige, o evangelho aperfeiçoa. O homem é um templo, a mulher é o sacrário. Ante o tempo descobre-se, ante o sacrário ajoelha-se. O homem pensa, a mulher sonha. Pensar é ter no crânio uma lavra, sonhar é ter na frente uma auréola. O homem é a guia que voa, a mulher é o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço, cantar é conquistar a alma. O homem tem um farol, a consciência. A mulher tem uma estrela, a esperança. O farol guia, a esperança. Enfim, o homem está colocado onde termina a terra, a mulher, onde começa o céu. (O MUNICÍPIO, 175 ed., p. 3, 26/09/1898, BAT).

À mulher são associadas as virtudes ditas como femininas: a sensibilidade, religiosidade e maternidade. Ao homem cabia a força e a razão, o mundo prático. Uma imagem feminina é construída diante de um cenário cujo homem é o protagonista e a mulher a coadjuvante. Transmite uma ideia de que as mulheres são inferiores intelectualmente e nota-se que o destino desta estava sempre ligado aos saberes virtuosos, dado que guiada pelo coração agiria com carinho, benevolência e devotamento. O sexo oposto, por outro lado, seria orientado pela inteligência, atuaria racionalmente, com

justiça e direito. Fica nítida uma separação de sentimentos: homem/razão e mulher/emoção. Essa matéria do “O Município” reproduz noções que, de uma maneira ou de outra, cooperaram para reforçar os estereótipos patriarcais.

As relações entre homens e mulheres estavam demarcadas nesta sociedade. Caberia à mulher a responsabilidade sobre a base familiar e esta seria uma maneira de valorizá-la e, assim, mantê-la no espaço doméstico. No máximo ultrapassaria este lugar quando se dedicava às obras de caridade, à religiosidade ou atuava como professora. Nesse contexto social, o verdadeiro e mais importante poder era exercido pelo homem, pois era ele quem deveria cuidar da vida pública, da economia, da política, onde o corpo social desenvolvia-se, além dos poderes de decisões sobre a sua família.

Sob este prisma, estão postas nos jornais diversas publicações nas quais criam-se estereótipos sobre o gênero feminino, cujas qualidades seriam sempre ligadas ao aspecto sentimental ou físico e não à capacidade de atuar ativamente na sociedade ou à sua inteligência. Em uma publicação do “O Município” veicula-se um noticiário sobre características femininas de vários países:

As mulheres (Do Diário Popular). A mulher italiana – É a mulher que sintetiza quase toda a beleza da idade moderna. A francesa – Dócil e serpente a um tempo; Palma e violeta frágil na aparência, impávida nas lutas de amor, cheia de graça embora feia, é três vezes mais mulher que as outras se tratando de ser alguma coisa, psicologicamente amável, volúvel, incorrigível. A inglesa – tem o moral no próprio temperamento. Loira, desse loiro desbotado, calmo, o nariz aristocrático, os dentes corretamente alinhados, é sempre uma menina fleugmática, de rara habilidade para o cálculo. A alemã – Pesada de carnes, sem calor na movimentação geral do tipo, porém solidamente constituída, resiste a todas as injúrias do tempo e do amor. A espanhola – Soberbamente sedutora. Uma mulher dos diabos. Cheia de ímpetos, expressiva, energética, atirada é de rasgos perigosos. A americana – Herdou no Norte uma esquisita degeneração de tipo primordial. É inglesa pela linha geral de tipo, eslava pelo caráter, yankee pelo meio, mesclada de crioula pelo gênio. Genericamente a mulher americana do Sul, como reproduz todos os tipos é a heroína do imprevisto por excelência, (Trad.). A.T. (O MUNICÍPIO, 73 ed., p. 2, 30/05/1896, BAT)

Ao publicar as diversas perspectivas sobre mulheres de várias regiões, ficam nítidos os estereótipos tanto físicos quanto psicológicos considerados como supostamente femininos. Além disso, ainda que involuntariamente, fica claro que nem sempre o feminino assume a face que lhe é proposta, uma vez que não pode ser explicada a partir de uma única ótica, tendo em vista as mais variadas formas de ser: dócil, amável, reservada, fria, atirada, energética, orgulhosa, preguiçosa, dentre outros.

Diante de tantos atributos, como elaborar uma fórmula para moldar esse sexo? Como propor condutas para homens e mulheres? Por mais que seja nítida a expectativa da Imprensa ao delimitar os papéis sociais e divulgar condutas e práticas, não se pode partir de uma verdade sobre o impacto da mesma, visto que o esperado não significa a certeza do resultado.

Ao se pronunciar como educadora da sociedade, ao ser legitimada pela classe dominante e pelo Catolicismo e conservadorismo, a Imprensa sugere uma categorização de inferioridade das mulheres com relação aos homens; valorizando as suas práticas virtuosas e morais; promovendo-a como rainha do lar e incentivando as ações caridosas de forma a compensar sua posição de inferioridade; tudo isso para impor a sua posição de submissa, mas honrada, na sociedade. Justificando essa perspectiva, O Município, por meio de um discurso religioso, discorre sobre:

A Mulher. Damos à ciência dos leitores as mulheres julgadas segundo várias religiões. Religião de Jesus Cristo – Que a mulher seja submissa a seu marido como ao Senhor, porque o marido é o chefe da mulher, como Jesus Cristo é o chefe da Igreja. As mulheres não devem guiar os seus maridos nem ter sobre eles autoridade; porque Adão foi formado primeiro. Religião de Moisés – A mulher deve obedecer a seu marido, evitar com ele a cólera e as disputas, e ser-lhe sempre fiel. Não tenhas conversas inúteis com vossa mulher e menos com a dos outros. Deus disse a Eva, que acabava de tocar no fruto proibido: Ficarás debaixo do poder do homem e ele te dominará. Religião de Mahomet – Dize, ó profeta, às mulheres crentes que só homens são superiores a elas, porque o mesmo Deus assim o ordenou que devem ser obedientes às suas vontades, guardar os seus segredos, e que seus maridos podem castigá-las se lhes desobedecerem. Dize-lhes que devem conter os seus olhares, não ostentar da sua beleza senão o que se pode ostentar, cobrir o seio, orlar o rosto, viver castamente, e que mesmo às idosas não ofendam a Deus tirando o véu. Religião Brahma – Não há outro Deus na terra para uma mulher além de seu marido. A melhor das obras que pode fazer é tratar de lhe agradar: esta deve ser sua única devoção. Quando ele morre, deve morrer também. O homem pela sua parte pensará que deve a sua felicidade a sua mulher, que por ela pratica boas ações e consegue sempre para ela as riquezas. Religião de Fo ou Buda – A mulher deve permanecer viúva em memória de seu marido. Um marido deve ser o protetor de sua mulher; unicamente a pode repudiar por faladora. Religião de Confúcio – Como nos admiramos a ver uma árvore arredondar e cobrir-se de flores; assim se admira uma mulher no seio da sua família quando não pensa senão no cumprimento dos seus deveres. Deve ser o conselho de seu marido por seu proceder e meiguice. O marido de uma mulher provada dos dons da natureza nem por isso deve deixar de amar. (O MUNICÍPIO, 32 ed., p. 2, 15/06/1885, BAT).

Quando o assunto era a postura feminina reproduzia-se uma escrita que apontava o seu lugar no mundo. Divulgava os valores patriarcais e, em grande parte das religiões, a mulher era vista como submissa ao homem - com autoridade legitimada pela suposta figura de um Deus masculino. No monoteísmo, a criação de Eva a partir de e após o surgimento de Adão, justifica a dependência da primeira para com o segundo. A partir de

Eva moldar o comportamento feminino significou então resguardar o pecado preexistente em cada mulher. A sociedade passava a ser explicada mediante o universo religioso, o qual não cabia indagações, porque em quase todas as religiões não existia argumento contrário à vontade divina e quaisquer circunstâncias contrárias a Deus deveria ser repreendida duramente. Ainda mais se esta partisse de uma mulher, pois ela deveria carregar consigo sempre as virtudes próprias do seu gênero.

Ao exaltar a pureza feminina e demonizar a insubordinação aos homens, uma publicação do 17º Distrito deixava subentendida a mensagem de padrões esperados das moças na sociedade diamantinense:

Philosophismo. Receita para arranjar marido: Abandone-se o luxo por algum tempo; finja-se grande amor à agulha; fala-se mal do coquetismo; diga-se que os primos são a maior peste que Deus pôs no mundo; não se chegue à janela; troque-se as joias por flores; leia-se todo dia um bocadinho da Arte de cozinhar. Se houver, no lugar, colégio dirigido pelas santas filhas de S. Vicente de Paulo, frequente-se o constantemente; não perca-se uma só de suas festas, uma só das bênçãos de sextas-feiras e de domingos; e repita-se, sempre que for possível, com o rosto triste e as palavras pausadas – que só se aguarda os 21 anos, a fim de se fazer irmã de caridade. Com isto acodem os homens como moscas ao melado, podendo então a mulher escolher aquele que lhe convier. Esta receita, já muitas vezes experimentada, tem sempre dado e continua a dar ótimo resultados. Extr. (17º DISTRITO, 9 ed., p. 4, 18/10/1885, BND).

Este pensamento, o texto irônico debocha da mulher. Ao reforçar o estereótipo de ingênua, ela deve ser educada para o futuro devido ao seu gênero e casar-se. Nota-se neste excerto que é recomendado a ela uma educação religiosa, quando possível nos colégios regidos pelas filhas de São Vicente de Paulo²¹. Além de possuir as prendas domésticas desejadas, postura moral e religiosa, a moça deveria presar por tais atributos como uma receita para atrair homens para um bom casamento. O casório seria o grande sonho da jovem do interior, esse era seu destino natural, significaria sua possibilidade de construir seu próprio lar, sendo esses os talentos essenciais para a perfeita organização da casa, ademais, garantidores do conforto dos maridos e filhos.

A supremacia posta do masculino em relação ao feminino apresentada nas páginas dos periódicos tenta obscurecer a inserção e a importância das mulheres na sociedade. Vale salientar que, para além das práticas e posturas esperadas, as mulheres estavam em lugares de reconhecimento social, mesmo assumindo o papel conservador, não só pelas

²¹ De acordo com Ana Cristina Pereira Lage, a moldagem dos espíritos das alunas – que poderiam ser ricas, pobres e órfãs – foi a principal obra das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no século XIX, com o auxílio constante do bispo de Mariana, D. Viçoso, em Minas Gerais, propiciando uma educação literária, moral e também de prendas domésticas (LAGE, 2013, pp. 102 - 103).

características ditas próprias do gênero como, por exemplo, matriarcas, mas também como agentes transformadoras de vidas masculinas e femininas, como professoras, no comércio, em obras caritativas, etc. Com este argumento, observa-se que ao longo dos anos as publicações sobre mulheres aparecem com mais frequência nos jornais. Além disso, nos anos iniciais do recorte temporal desta pesquisa é possível inferir que os noticiários acerca do feminino ocupavam espaço nas últimas páginas. Porém, nas duas últimas décadas do século XIX começam a marcar as primeiras folhas dos jornais. Observa-se que a mulher passa a conquistar espaço importante nessa sociedade. Esta conquista evidencia o interesse de refletir sobre o gênero feminino na sociedade diamantinense da segunda metade do século XIX.

3.2 Mulheres do século XIX: entre matronas e mulheres comuns

Ao analisar os jornais de Diamantina pode-se observar aspectos que propõem o lugar esperado para o público feminino. Desde moças, evidencia-se práticas próprias ao gênero, definidas com relação aos valores que eram apoiados e normatizados. Desde cedo, as meninas deveriam ser educadas para alcançarem perspectivas de ter uma futura família feliz; cuidar bem dos seus filhos e seguir o exemplo de esposa virtuosa para conquistar o respeito dos homens. A menina deveria ser boa para se tornar boa mulher e conseguir um bom matrimônio, desta forma, tornar-se uma matriarca. Em matéria, O Município relata:

D. Benardina Mourão. Às 11 e meia da noite de 8 do andante, faleceu nesta cidade, com 77 anos de idade, a venerada matrona d. Bernadina Flora Mourão, viúva do prateado advogado João Raymundo Mourão, falecido em novembro de 1880, e mãe de nossos distintos conterrâneos Olympio Júlio de Oliveira Mourão, agente executivo municipal, João Raymundo Mourão, chefe da sessão da Sub-administração dos correios, e Antônio Augusto Mourão, fazendeiro no município de Itapimirim, estado (ilegível). [...] Em companhia desses seus progenitores, esteve 11 anos no Rio de Janeiro, onde recebeu educação completa que nessa época se dava ao seu sexo, vindo depois se estabelecer nesta cidade. [...] símbolo que esposa dedicada, ardorosa e entusiasta; o símbolo da mãe que adora os filhos com a orça múltipla de afetos indescritíveis; o símbolo da hostilidade que multiplica os carinhos, os cuidados e atenções. Pode-se dizer que a alma de sua alma foi a sensibilidade, herdada de seus avós, crescida com a educação superior que recebeu, e robustecida, finalmente, com a prática longa de amar, no convívio direto com a sociedade, e eleição onde resplandeceram suas virtudes. Desse fundo de seu ser, que é da mulher, e que devia ser o modelo de toda mulher, nasceu o seu grande espírito de caridade, que foi, em suas mãos a toalha alva de linho a enxugar as lágrimas dos que choravam; a arca santa a recolher em asilo seguro os perseguidos da fome, da sede e do frio. Soube ser mulher; e por isso, vencida hoje da morte, é uma homenageada na luta da vida, que engrandece o lutador sem preocupação do sexo, sem privilégio de posições, desde que ele cumpra sua missão, seguindo linha reta do dever, da fé e da religião. O ideal supremo, de mulher ela realizou: o amor, o respeito e admiração dos seus; o culto, o respeito e

admiração da sociedade que louva a vida e, com razão, pranteia a sua morte. (O MUNICÍPIO, 140 ed., p. 1, 21/12/1897, BND).

Na página inicial deste jornal, nas duas primeiras colunas, foi estampada a notícia do falecimento de Dona Bernadina (mãe do agente executivo municipal). Nascida na cidade do Serro, vinda de família influente, era filha de João Innocencio de Azeredo Coutinho e Dona Theodora de Azeredo Coutinho; recebeu educação distinta considerada completo, o que não era comum às mulheres do século XIX. A família Mourão representa os hábitos e valores da sociedade dita civilizada, sendo que este ideário de modelo tinha lugar de destaque nos jornais, tendo em vista a importância da família e das ações da matrona.

Dona Bernadina era administradora de um hotel requintado em Diamantina, como se lê no noticiário do “O Município):

Não há por ali, em nosso meio limitado, e fora dele, nos pontos numerosos donde saíram viajantes com destino a esta nossa terra quem não conhecesse o tradicional Hotel de S. João que teve longa existência, e onde o hóspede, a par do maior conforto material, encontrava, bem caracterizada, a existência afetiva em sua família diretora, com títulos de alta nobreza entre as famílias mais bem qualificadas em nosso meio, com títulos mais nobres ainda de educação aprimorada, tanto da aristocrática educação das letras, como da outra mais preciosa ainda, feita no lar, como leis de arminho, tiradas da flor de todas as virtudes, cultivada na estufa desse calor santíssimo das presilhas supremas do coração. Nesse templo, por cujo público passaram as grandes notabilidades dessa terra, procurando a confabulação da ciência ao lado do maior bem-estar das horas de lazer, reinavam com a súplica de todas as virtudes, a respeitável matrona que acaba de pagar tributo. (O MUNICÍPIO, 140 ed., p. 1, 21/12/1897, BND).

Além de um exemplo de matrona que administrava o lar com maestria, cuidava dos filhos e criados com respeito e amor, sempre atenta às virtudes da caridade, esposa dedicada, Dona Bernadina era um exemplo de como, ao longo do tempo, o espaço dedicado à mulher na Imprensa foi se transformando e tomando outros significados, especialmente quando eram postos nas últimas ou nas primeiras páginas da edição. Por mais que seja representado um estereótipo a ser seguido, essa mulher transformou significativamente a esfera social ao seu redor; agindo em prol de outras pessoas; deixando de ser coadjuvante e assumindo o papel de protagonista, dentro do conservadorismo da sociedade diamantinense.

Embora fossem atribuídos às mulheres os cuidados da casa, do marido e dos filhos, a verdade é que esta era uma construção ideal nas publicações jornalísticas analisadas. Pode-se concluir que há diferentes atribuições, como a gestão dos trabalhadores e atendimento. Nesse sentido, as mulheres atuavam dentro da sociedade,

por meio de suas atuações, como também no próprio reduto familiar. As matronas não traduziam uma imagem de fragilidade ou subordinação em relação aos maridos, mas de mulheres ativas no lar, no comércio e na sociedade.

Assim como Dona Bernadina, há outra publicação a respeito da chegada de viagem de uma outra matrona, recebendo honras por toda a cidade:

Chegada. – Em o número passado deste periódico, dando notícia da chegada e recepção da Exma. Sra. D. Mariana Fernandes dos Santos, não foi-nos possível, por falta de espaço, completá-la com todo cortejo de manifestações de que foi alvo tão respeitada Sra. Resumindo hoje essa tão importante recepção, apanharemos por alto o que se passou desde o dia 12 até 13 do corrente: Ao chegar a notícia da sua vinda foram diversos cavalheiros e famílias ao seu encontro, arrebatando nos ares nessa ocasião centenas de fogos de artifício. Ao passar pelo largo de D. João, todo o prestígio teve de demorar-se por espaço de meia hora, até que terminasse de arder uma salva de bombões, girandolas e fogos de artifício. Continuando-se a viagem foi necessário demorar-se na Pedra Grande por espaço de uma hora; ali estavam, ao longo do caminho todas as irmãs de caridade com suas educandas; mais além um pouco, muitas famílias agrupavam-se por cima dos montes e das pedras, formando um bellissimo espetáculo. No estreito da Pedra Grande, subia majestosamente uma arcada. Quando o préstito desfilava-se por ali, deram mais duas importantes girandolas e um morteiro. Desse ponto em diante, a manifestação redobrou: desde ali até a Fábrica de Biribiri (2 léguas de distância) não cessaram mais os fogos de artifício, marchando à frente do acompanhamento quatro clarins e seis tocadores de caixa em torno de um cavaleiro hasteando a bandeira nacional. (SETE DE SETEMBRO, 3 ed., p. 2, 23/09/1886, BAT).

Nesta edição, o Sete de Setembro anuncia a chegada de viagem de Dona Mariana²², uma matrona que administrava a família, os criados e a Fábrica de Biribiri (onde eram encaminhadas as órfãs e moças pobres orientadas por uma mulher capaz de educá-las de acordo com os valores e princípios morais do patriarcalismo e do ultramontanismo). Conforme Kátia Borges (2019), na Fábrica de Tecidos do Biribiri o bispo Dom João se posicionou como líder e transformou-a em sua plataforma de influência. Seu irmão, o Major Antônio Felício dos Santos, era diretor comercial desta Companhia. E, sua cunhada, Dona Mariana Valadares Fernandes dos Santos, era a diretora interna: ela se responsabilizou por cuidar de todas as moças que ali trabalhavam.

²² Alice Dayrell Caldeira Brant, sob o pseudônimo de Helena Morley, em seu livro *Minha vida de Menina*, conta sobre a casa da matrona D. Mariana e seu marido, o Major Antônio Felício, irmão do Bispo. “Chegamos hoje a Biribiri, onde passamos três dias de gozo completo. [...] Estivemos conversando na mesa sobre a felicidade que Dona Mariana e o Major Antônio Felício conseguiram na terra. Eles são os donos da fábrica e a família toda é empregada ali. Matam boi de manhã e os pedaços melhores vão para as casas dos filhos e a casa-grande, que é onde mora Dona Mariana. O resto vai para o pessoal da fábrica. O lugar é lindíssimo. A casa-grande de Dona Mariana é cercada de árvores frondosas. Ela vive com a casa sempre cheia de hóspedes e todos muito bem tratados. A mesa é muito grande e cheia de comidas. Senhor Bispo fica na cabeceira de cabeça baixa e Guily pondo as coisas no prato dele. Ele não conversa nem pede nada. Nos outros lugares ficam a família e os hóspedes. De noite as moças da fábrica brincam de roda e de tudo que querem. O lugar onde elas dormem é uma casa comprida chamada de Convento. (MORLEY, 1998, p. 55-56)

A comoção com sua chegada de viagem retrata o seu poder de influência na cidade, a qual preparou uma festa para recebê-la com a participação das famílias, das irmãs de caridade e suas educandas. Isso demonstra como essa matrona atuava naquela localidade: mais que um exemplo de esposa e mãe, Dona Mariana atuou na educação de moças pobres, órfãs e operárias, sendo reconhecida não somente pelos familiares e alunas, mas por toda a Diamantina.

No dia seguinte, no vasto salão da casa das operárias da fábrica, um grupo de 16 moças, ricamente trajadas, desempenhou com esmerada perfeição a dança das 4 nações. Nessa ocasião, outras operárias pronunciaram lindos discursos que foram calorosamente aplaudidos pelo povo e pela orquestra. À noite, teve lugar o festejo promovido pelos operários da fábrica; todos eles, em marcha *aux flambeus*, com a música na frente, dirigiram-se à residência da ilustre viajante. O Sr. Joaquim Gavinho Saraiva, talento já muitas vezes aplaudido, pronunciou em nome daquele grupo um longo discurso, terminando por saudar os viajantes, cujo regresso era naquele momento o motivo de tanto regozijo. Terminada esta manifestação, dirigiram-se todos ao teatro: ali, as operárias ensaiadas pelo Sr. Capm. João Felício dos Santos, desempenharam no palco o drama de José de Alencar, intitulado Mãe. Estiveram sublimes! Durante os dois dias de tão festiva demonstração de apreço reinou perfeita harmonia entre os cavalheiros presentes, que, a cada momento e em cada residência do Biribiri, recebiam imensas provas de agrado. Agora, uma desculpa: o pequeno formato deste jornal nos obriga ainda a não, descrevermos tudo que concorreu para a importante festa. Desculpem-nos esta falta. (SETE DE SETEMBRO, 3 ed., p. 2, 23/09/1886, BAT).

Dona Mariana exemplifica uma matrona como um modelo a ser seguido na sociedade Diamantinense. Uma mulher, que em pleno século XIX, promove uma comoção de uma festa de dois dias por sua chegada na cidade, reconhecida pelos extremos no âmbito social, de moças ricas até às operárias da fábrica. Por intermédio do seu projeto caritativo, esta senhora transformou a vida de várias moças daquela comunidade; divulgou um exemplo de matrona; conquistou o respeito das mais elevadas autoridades locais; reforçou o pensamento conservador e patriarcal. A comoção de sua chegada pelas mais diversas pessoas e entidades civis evidenciou como uma mulher usou tudo que lhe foi imposto para sobressair socialmente.

Com estes exemplos, concluiu-se que as matronas diamantinenses seriam mulheres como Dona Bernadina e Dona Mariana - estigmas de virtuosas esposas, boas mães, agentes em projetos caritativos, devotas, símbolos da família civilizada. Apesar de carregarem todos os estereótipos divulgados pelos periódicos, essas senhoras representam aquelas que transformaram o meio em que viveram, atuando ativamente como sujeitos históricos. A imagem veiculada direciona para além do papel de matrona/mulher exemplar, mas de mulheres instruídas que administravam o lar e outros espaços, direcionando outras vidas.

Nesse contexto, o papel desempenhado por homens e mulheres assumia delimitados contornos no imaginário social diamantinense: ao homem cabia o exercício e a administração dos negócios, à mulher competia o controle e a direção da família. Como a autoridade feminina reinava no lar, a postura da esposa era fato determinante para uma boa imagem do marido e dos filhos, motivo da exaltação da matrona e modelo exemplar feminino.

Além das publicações que exaltavam os bons exemplos é permitido encontrar aquelas que mostram o que não deveria ser seguido, instituindo características das mulheres consideradas comuns. Exemplos bons ou ruins estavam sempre associados ao gênero feminino na forma de prepará-las para seus maridos, uma vez que as jovens já estavam desde o nascimento predestinadas ao casamento e à maternidade.

Nessas publicações jornalísticas veiculam-se exemplos que não deveriam ser seguidos. Uma boa esposa deve fazer do lar o seu santuário, sendo este o refúgio do homem. Havia predeterminação sobre a mulher manter-se afastada da vida social e considerar a reclusão no domicílio como seu principal e devido espaço. Dessa forma, ao descumprirem a regra, essas mulheres seriam consideradas como maus exemplos, pois não se enquadravam nos moldes conservadores pretendidos. Visto isso, noticiários com este sentido visavam inibir qualquer alteração na ordem social, evidenciando quão conservadores eram os periódicos diamantinenses da segunda metade do século XIX.

Conjuntamente, aparecem publicações que ressaltavam o estereótipo de passividade, ingenuidade e de pureza, usualmente destinadas às mulheres do período. Atribuem-se às figuras femininas do século XIX imagens associadas às noções de fragilidade e subserviência, o que acaba por favorecer a instauração do domínio masculino. Na publicação do “O Futuro”, tem-se o exemplo de Thereza:

Variedades. Conta um jornal Espanhol: Thereza é uma menina muito ciumenta, e que tem um noivo que é advogado. - Não me oponho a que sejas advogado, disse-lhes um dia destes, mas que eu não quero é que tu sejas juiz de 1º instância; isso proíbo-te terminantemente. - Mas porque, querida minha? - Porque todos os dias leio nos jornais, quando dão notícia de que uma mulher cometeu algum crime, e foi presa, que a puseram a disposição do juiz de 1º instância. Escuso de dizer mais nada. O puder é a primeira virtude da mulher, e o último é o sacrifício que faz o amor. (O FUTURO, 1 ed., 08/11/1881, p. 4. BAT).

Estes estigmas associados à figura feminina justificam o espaço de inferioridade da mulher, porque a mesma é considerada como ingênua, frágil, dócil, sendo que assumir esse papel é algo inerente ao gênero. Em contrapartida, tem-se o homem que, contrário

aos estigmas femininos, assume mais adequadamente o papel de chefe e provedor da família. Esse pensamento patriarcal cerceou o ideário feminino, uma vez que, independentemente da circunstância, caberia às mulheres serem virtuosas e os desvios dos padrões pretendidos manchariam as próprias imagens. O Monitor do Norte confirme essa ideia em uma de suas notícias:

Menina mãe. Lê-se na Epocha o seguinte caso de maternidade precoce: “O Dr. E. Machamara escreve de Calcutá a um jornal de Londres, dizendo que há poucos dias visitara naquela cidade a uma criança de nove semanas, cuja mãe tem somente dez anos de idade. O dito médico acrescenta que tem visto muitas mães de 12 e 13 anos de idade, mas que nunca havia encontrado um fenômeno igual. Se a menina continua assim, bem pode ser avó com a idade de 25 anos, isto é, na idade em comumente as moças ainda são para casar. (MONITOR DO NORTE, 22 ed., 09/05/1875, p. 2. BND).

O fato da maternidade de uma menina de dez anos surpreende apenas pela idade e não pelo fato de ainda ser uma criança. Mas, ser uma mulher significa cuidar de sua castidade, de suas virtudes, se preparar para ser uma boa esposa e mãe. Em nenhum momento é questionado o desejo de uma criança tão nova ter se tornado mãe, mas que deve ser próprio do gênero se preservar.

Nessa sociedade, a mulher sempre está associada às coisas que acontecem fora do esperado, como inculcar no subconsciente o que era importante tanto para os homens quanto para as mulheres, exemplos a não serem seguidos, de forma a preservar as boas condutas, seja elas tomadas por imposição ou por instrução.

Não sabemos que título havemos de dar a esta notícia, aliás bem curiosa. Foi encontrado morto na Palha, subúrbio dessa cidade, o infeliz Pacífico de tal. Opinando alguns vizinhos que fora ele vitimado por certa mulher, a autoridade fez logo proceder-se a um auto de autópsia no cadáver que nenhum sintoma criminoso ofereceu. Tudo isto é verdade: mas a incógnita que dera lugar àquele acontecimento é outra: informaram que a mulher, com quem vivia ele em concubinato, enraivecera-o tanto que dera-lhe instantaneamente a morte, congestionando lhe os pulmões. Não houve envenenamento, é verdade; mas houve acesso de raiva que produzira a morte. E como é sabido: há mulheres dotadas de um gênio tal que não podendo fisicamente entrar em luta com o homem inventaram questões capazes de fulminá-lo. E quantos não terão sido vítimas dessa poderosa arma da mulher?. (O GUARANY, 5 ed., p. 2, 31/01/1878, BND).

Enquanto as mulheres virtuosas têm suas condutas exaltadas, por outro lado, as notícias apresentavam aquelas que não supriam as expectativas morais edificadas por meio do patriarcalismo. A publicação do “O Guarany” diz respeito a uma mulher que supostamente provocou a morte do seu marido por fazê-lo sentir raiva em excesso. Esta 5ª edição alertava sobre o poder da mulher ao atingir o esposo dessa forma e supondo que outros poderiam ter sido vítimas dessa raiva.

Ao mesmo tempo em que os periódicos divulgavam um estereótipo de fragilidade e ingenuidade, advertiam sobre o poder do feminino. Sob esse ponto de vista, o papel da educação seria mais do que ensiná-la para que educasse os seus filhos, cuidasse do lar e soubesse se portar na sociedade, como uma forma de inibi-la para as más condutas. A Imprensa veiculava exemplos a serem seguidos, vistos com maior frequência, e aqueles a não serem seguidos, além de alertar para as consequências de se desviar desse “manual de boas práticas e costumes”.

É importante ressaltar que tanto os bons quanto os maus exemplos divulgados não eram direcionados somente às mulheres. A Imprensa delimitava os papéis ditos masculinos e femininos, legitimando-os constantemente, de forma a criar no imaginário social as representações mulher/rainha do lar e homem/provedor deste último. Por meio dos bons exemplos e por sua legitimação social estabelecida, a Imprensa atuava pedagogicamente em toda a sociedade evidenciando posturas ditas corretas e delimitando papéis sociais para ambos os gêneros. Se o indivíduo não fosse conivente com as regras sociais, ele não se encaixaria nos padrões sociais civilizados.

Nas páginas dos periódicos encontram-se muitos exemplos exteriores à região, inclusive ao País, publicados com expectativas para o gênero feminino de boa esposa/mãe e gestora do lar. No entanto, involuntariamente apresentam possibilidades e críticas às próprias condutas impostas:

A mulher chinesa. A morte recente da imperatriz Fsu-Hsi dá particular interesse ao estudo sobre a mulher chinesa. Mãe e viúva, a imperatriz tinha todas as alegrias; porque para uma chinesa, a morte do marido é o começo da felicidade. Até então, só há para ela penas e servidão. O nascimento de uma filha, sobretudo nas famílias pobres, é considerado como uma calamidade; o infanticídio, tão comum na China, grassa por tal forma nas crianças do sexo feminino, que se vêm comumente à margem dos lagos avisos assim concebidos: As crianças não devem ser afogadas aqui. A educação feminina reduz-se a pouca coisa: Cultivar a virtude, diz um provérbio, é a ciência dos homens; renunciar à ciência é a virtude das mulheres. O casamento na China, como em alguns lugares, a grande preocupação das moças, elas, porém, não podem escolher o noivo entre os moços das suas relações; ela deve ser absolutamente desconhecida do esposo a quem a destinam. No próprio dia do casamento é conduzida à residência do esposo, envolvida em um véu encarnado que a cobre da cabeça aos pés. Este cerimonial pode reservar a um dos Deus nubentes surpresas desagradáveis. As leis são de terrível severidade para a mulher que procurasse consolações algures; são mais indulgentes para o homem que pode tomar sob o teto outras esposas, estas de uma classe social inferior são as criadas da esposa legítima; chamam-se familiarmente de mulherinhas e não têm direito aos nomes encantadas de flor de jasmim, lua prostrada, perfume suave, que tomam as esposas legítimas ao casar-se; nomes bem inúteis, aliás, por isso que um marido chinês, quando é do tom, nunca se refere à sua mulher senão denominando-a meu triste espinho, e sempre a enche de pancadas. É um costume sancionado pelas leis, e um marido incorreria no

ridículo se não usasse desta prerrogativa. Têm-se visto chineses espancarem as mulheres unicamente porque se dizia que eles não espancavam. O desdém do chinês pela mulher traduz-se até na sua escrita: um sinal assas simples representa-a palavra mulher; empregado duas vezes, que dizer questão; justaposto três vezes, significa intriga. (O MUNICÍPIO, 81 ed., p. 3, 21/08/1896, BAT).

Ao mesmo tempo em que denunciava uma realidade de outro País, que em muitos aspectos seria semelhante à realidade diamantinense ou pelo menos o que se esperava dela, esta notícia anuncia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em seus casamentos. Diz sobre a submissão, violência, maternidade e como estas se sentiam livres após a morte do marido. Apresenta a realidade da esposa, das concubinas que deveriam ser submissas ao patriarca.

Torna-se importante observar que por mais que pretendesse veicular um discurso, uma norma de conduta ou mesmo repreendê-la, havia nas entrelinhas muito mais sobre as mulheres, sobre os espaços ocupados por estas e suas atitudes. Ser categorizada como uma mulher com pouca ou sem virtude não significava necessariamente que não possuía as qualidades da exemplar matriarca, mas que, por vezes, essas poderiam viver outras possibilidades e realidades, algumas por escolhas, outras não.

3.3 A conquista do espaço público pelas mulheres

Antes de analisar a atuação das mulheres no âmbito público é necessário refletir sobre a diferenciação desses espaços nessa sociedade. De acordo com José Claudinei Lombardi (2005), o público como termo substantivo expressa o próprio povo, entendido como conjunto de homens com objetivos comuns. Como adjetivo, pode ser caracterizado como aquilo que é de todos, o que é de uso comum, de todos; o que diz respeito ao Governo ou ao próprio Estado. O termo privado refere-se a uma outra dimensão da vida social. Como verbo, designa originalmente a ação de ser despojado de alguma coisa ou de se despojar dela. Como adjetivo, o próprio despojado. Ou, como resultado da ação anterior, o tornado particular; como substantivo, apesar do dicionário, a partir do latim sabe-se que designa particular (LOMBARDI, 2005, pp. 77-78).

Pensar o paradoxo de público e privado a partir da imprensa diamantinense é refletir sobre como o pensamento patriarcal divulga estereótipos, justificando-se por diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres, supondo que o espaço das

mesmas seria o privado/particular. Mentalidade essa cuja não analisa situações nas quais as mulheres se situam na família como aquelas que também detêm certos poderes e controles.

De acordo com Suely de Souza Almeida (1997), se o privado for considerado exclusivamente como lugar da privação, pode-se cair numa armadilha, pois isto seria, uma forma de considerar público e privado como duas esferas estanques e excludentes. Embora marcadas por suas especificidades, as categorias público e privado não são dicotômicas, sendo tal separação fruto da influência liberal que dicotomiza público e doméstico, masculino e feminino, o que ocorre em decorrência do lugar que a mulher ocupa no campo da reprodução, confundindo a intimidade como espaço feminino (NOVAES, 2015, p. 53, *apud*. ALMEIDA, 1997).

Sob essa perspectiva, associava o público ao masculino e o privado ao feminino, visto que tanto os homens quanto as mulheres seriam responsáveis pela família, o primeiro como provedor e a segunda como administradora. No entanto, a divisão entre esses dois espaços é um dos argumentos legitimadores do patriarcado. Dessa forma, as mulheres tiveram seu papel naturalizado ideologicamente como seres que deveriam atuar na esfera doméstica, voltada à intimidade, à afetividade, aos cuidados e à reprodução: características próprias do seu gênero.

A partir desses ideários, homem/público e mulher/privado instaurou-se uma das bases do patriarcalismo. O primeiro restringe a mulher ao privado, o segundo supõe uma comunhão nesse espaço, mas o papel feminino ainda permanece como administrador desse lugar privado/doméstico.

Por mais importante que seja compreender a dicotomia com o masculino, tanto em gênero, como em espaço. Seja ao se tornar professora, exercer atividades no comércio, ter reconhecimento por suas obras, sejam caritativas ou poemas. Nas entrelinhas das publicações é possível encontrar mulheres atuando nos mais diversos espaços. Ao formar opinião pública, a Imprensa contribuiu não só para divulgar modelos que corroborassem com a dita condição feminina, mas ainda permitiu que iniciassem um processo de questionamentos do lugar que estas ocupavam na sociedade. A intenção era modelar o comportamento feminino, sobre o que seria esperado para uma mulher naquela comunidade, em fins do século XIX. No entanto, aparecem edições sobre mulheres atuando ativamente naquele lugar.

Por meio das publicações pode-se constatar a atuação ativa das mulheres em Diamantina na segunda metade do século XIX, uma vez que ainda não havia jornais dirigidos por mulheres locais. No entanto, além das matérias escritas e direcionadas ao público feminino, encontra-se menção a um jornal que tem como proprietária uma mulher e outras colaboradoras, o “Echo das Damas”. O Sete de Setembro discorre sobre ele:

Echo das Damas – Obsequiosamente nos foi enviado nos foi enviado o n. 42 deste importante jornal, que se publica no Rio de Janeiro, sob a direção de sua proprietária e redatora a Exma. Sra. D. Amélia Carolina da Silva Couto. São colaboradores do *Echo das Damas*, as Exmas. Sras. D. D. Emiliana de Morães, Analia Emília Franco, Maria Zalina Rolim, Inez Sabino Pinho Maia, Marie Vicent, Luiza Adelaide, Alzira Rodrigues Atilia Bastos, Adélia Barros e Mathildes de Macedo. Segundo nos parece é o *Echo das Damas*, no Brasil, o único órgão de publicidade consagrado aos interesses do bello sexo. É científico, literário e noticioso, está em seu 3º ano de existência, muito bem redigido, nitidamente impresso e, entre outros importantes artigos, é digno de ser lido, o nº que recebemos, pelo excelente artigo que orna as suas 1ª colunas, sob a epígrafe – Abaixo o Preconceito, e – assinado pela Exma Sra. D. Amélia Couto. Permutaremos com muito prazer. (SETE DE SETEMBRO, 42 ed., p. 3, 28/06/1887, BAT).

Segundo Karoline Carula (2016), o “Echo das Damas” foi fundado por Amélia Carolina da Silva Couto que, além de proprietária, era redatora da folha. O primeiro número saiu em quatro de julho de 1879 e consta no acervo da Biblioteca Nacional 12 edições, sendo a última de 28 de agosto de 1888 (de número 55). A palavra *Echo*, no título da folha, sugere que, assim como no caso do som, os textos publicados nesse periódico precisavam ser propagados e repetidos, “algo capaz de manter no ar, mesmo nos dias seguintes, sua sonoridade original, digna de ser lembrada aos leitores” (CARULA, 2016, p. 261).

Assim, as propostas defendidas pelas mulheres que escreviam no jornal deveriam ressoar na sociedade de modo mais amplo. Até o número 3, o *Echo das Damas* tinha como subtítulo “Órgão dedicado aos interesses da mulher - Crítico, recreativo, científico, literário e noticioso”. A partir de então, passou a constar apenas “Órgão dos interesses, da mulher, científico e literário”. Com relação à palavra “recreativo” é possível que tenha sido retirada no intuito de fornecer maior credibilidade aquele jornal, sugerindo que os textos publicados não consistiam apenas em lazer ou distração, mas mereceriam atenção especial por sua importância (CARULA, 2016, pp. 261-262).

Na publicação veiculada pelo Sete de Setembro, além de ressaltar a importância de existir um periódico composto e administrado por mulheres, a publicação específica que foi escolhida para ser destacada, ocupando a primeira coluna e assinada pela redatora

e proprietária do *Echo das Damas*, intitula-se “Abaixo ao preconceito”, que evidencia o caráter daquele jornal.

É evidente a preocupação da Imprensa pela educação feminina, mas num primeiro momento encontra-se, em sua maioria, homens escrevendo sobre e para as mulheres. O surgimento de jornais escritos por mulheres marcou a emancipação do conhecimento feminino: a busca por direitos. O próprio fato do periódico diamantinense *Sete de Setembro* veicular uma publicação e destacar uma notícia que diz sobre igualdade, demonstra as transformações tanto no espaço como no imaginário social sobre o lugar de ocupação das mulheres.

A mulher passou a integrar mais os espaços públicos e participar das transformações daquela sociedade. Conferindo à mulher responsabilidade além do ambiente doméstico, uma vez que dela dependia a família, o futuro dos filhos, bem como a civilidade. Desta maneira, a mulher passou a fazer parte de um projeto maior, da qual ela era o elo principal e o mais responsável - a educação - em ambientes escolares, como divulgadora de valores e nos periódicos. No entanto, para a comunidade diamantinense, o mais influente poder ainda era exercido pelo homem, pois era ele quem cuidava da vida pública do País e geria o andamento da sociedade, além de decidir e velar por sua família.

Associar as mulheres às práticas do ambiente público, por exemplo, a docência, por ser dócil e transmitir o aprendizado de virtudes para as suas respectivas alunas, mantinha-se como atividade comum nas publicações, mas não significa que estas não eram reconhecidas como agentes transformadores do espaço urbano.

Pêsames. A Cidade de S. Miguel de Guanhões acaba de ser vítima de uma perda que enche de dor os corações de todos seus habitantes. Baixou ao tumulto a Exm.^a Snr.^a D. Inez Flávia de Aguiar Café, chorada irmã do Rvm. Sr. Padre Venâncio Café, e esposa do Sr. Augusto Vaz de Mourão. Era a falência uma senhora geralmente estimada, não só pelas prendas com que a natureza a dotou e pelas virtudes que a ornavam, mas também pelas suas manchas polidas afáveis que agradavam todas com quem tratava. Exercendo naquela Cidade o importante e afianoso emprego de professora pública, foi sempre fiel cumpridora de seus deveres. Em guiando suas alunas através do árido campo do saber, fazia-o com tal carinho, que diríeis uma mãe extremosa entre suas famílias. Há 4 anos, gravando-se-lhe os incomodados de saúde, quis antes renunciar o magistério, que exercê-lo com menos lustre do que até ali havia feito. Mas a enfermidade, sempre em progresso, sem compaixão para com duas lindas crianças que hoje choram a perda de tão amada mãe, desfechou-lhe o derradeiro golpe no dia 29 de julho do corrente ano. Nós, tomando parte em tão lamentável perda, enviamos os nossos pêsames é distinta família da falecida. Um amigo da família. (VOZ DO POVO, 46 ed., p. 4, 24/08/1884, BAT).

Assim como a Dona Inez, que transformou a vida de muitas alunas no exercício da profissão, dotada dos atributos de uma matrona, também representava o ideário adequado para o magistério, visto como uma continuidade da função materna: instruir e educar. Após seu falecimento fora reconhecida por suas duas importantes funções sociais: mulher/esposa/mãe exemplar e professora pública.

De acordo com Jane Soares de Almeida (1998), ser professora na época, para a grande maioria da sociedade, era ter a profissão ideal da mulher, uma vez que esta possuía a moral mais elevada que o homem; seria mais delicada e indulgente com as crianças, além de doce, carinhosa, sentimental e paciente. A entrada das mulheres nas escolas normais e a feminização do magistério primário foi um fenômeno que aconteceu rapidamente e, em pouco tempo, eram elas a grande maioria nesse nível de ensino. Mesmo assim, a concepção implícita na frequência das escolas normais pelas mulheres, e na educação feminina de um modo geral, continuava atrelada aos princípios veiculados dela ser necessária não para seu aperfeiçoamento ou satisfação, mas para ser esposa agradável e mãe dedicada (ALMEIDA, 1998, p. 62).

Mesmo diante dessas circunstâncias, a profissão do magistério significou uma situação de liberdade, porque além da remuneração, a mulher passou a ter acesso a uma cultura letrada e conhecimentos necessários para a vida (ALMEIDA, 1998, p. 159). Sendo assim, o espaço feminino ampliou para um lugar de poder: o conhecimento. Mesmo que por meio de uma “permissão/concessão” por parte dos homens, a mulher adquiria certa independência e um caminho para a sua profissionalização. Exemplo disso podem ser citadas as operárias da Fábrica de Biribiri, professoras, mulheres que trabalhavam nas tipografias.

As mulheres alcançavam a cada dia mais um novo espaço, mas aparecia a crescente preocupação e as publicações destinadas ao gênero demonstram que as transformações sociais ocasionaram um processo de ressignificação do papel feminino. Essas mulheres agora atuavam no Magistério, em fábricas, comércios e escreviam nos jornais. A 118ª edição do “O Município” diz sobre a D. Anna Flora Guerra de Menezes:

Despedida. Despeço-me pela imprensa, de todas as pessoas de minha amizade na impossibilidade de cumprir pessoalmente este dever, como desejava atenta a presteza da minha viagem para a Capital Federal, onde aguardarei, as suas ordens. Diamantina, 16 de junho de 1897. Anna Flora Guerra de Menezes. (O MUNICÍPIO, 118 ed., p. 4, 28/06/1897, BND).

O fato de uma mulher informar publicamente sua viagem demonstra o seu espaço de prestígio dentro da sociedade. Em um contexto que, na Imprensa transparece o modelo patriarcal onde o homem é a autoridade que rege a nação e o universo feminino. E uma mulher vem a público comunicar sua viagem à capital federal sem ao mesmo mencionar um homem. Na mesma edição encontra-se uma publicação sobre uma senhora fabricante de licor, D. Anna Guerra:

Lagrymas e Risos. Assim se intitula um delicioso licor fabricado pela exma. Sra. D. Anna Guerra e que se acha à venda na farmácia Genesco Achilles e nas casas comerciais dos srs. Laureço Vieira e Vicente Torres. Em nosso pensar, esse licor substitui perfeitamente os produtos similares do estrangeiro, e ninguém perderá com o seu uso, cômodo em todos os sentidos, pelo preço e pelo vigor do seu preparo. Recomendamos-o aos apreciadores de saborosa bebida. (O MUNICÍPIO, 118 ed., p. 1, 28/06/1897, HEM).

Essas duas últimas publicações seriam sobre a mesma pessoa? Uma mulher com voz em um periódico oficial que, além da mobilidade de viajar e precisar avisar sua ausência, atua no comércio? Há elementos em ambos os textos que indicam que sim, além da grafia do nome (Anna) e o sobrenome (Guerra) inclusa na mesma edição, o espaço de fala nos jornais ao público feminino ainda era restrito. Neste caso, seria muita coincidência a matéria jornalística versar sobre duas mulheres diferentes.

Dentre tantas outras, essas que aparecem destacadas nas publicações dos periódicos diamantinenses tornam-se modelos que, divulgados de forma exemplar ou não, demonstram que as mulheres apareciam como importantes agentes transformadores naquela comunidade. Por vezes, a Imprensa veiculava notícias associadas a elas com um propósito, todavia, involuntariamente transmitiam múltiplas possibilidades existentes para o universo feminino. Nesse sentido, as matérias sobre as mulheres, tanto no paradoxo feminino/masculino como na sua atuação social, evidenciam que ao longo dos anos elas deram novos significados aos seus espaços dentro da região de Diamantina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa apresentada, observa-se que as publicações veiculadas pela imprensa diamantinense a partir da segunda metade do século XIX sobre o público feminino tinham a perspectiva de incentivar as mulheres a desenvolverem habilidades domésticas. Pretendiam prepará-las para serem boas esposas e mães; como administradoras do próprio lar se tornarem virtuosas mulheres, de acordo com os parâmetros daquela sociedade “civilizada”, naquele contexto.

Sob a perspectiva das notícias analisadas, as mulheres deveriam ser mais educadas que instruídas. Não seriam necessários conhecimentos além daqueles que direcionassem a sua moral e os bons princípios, vistos seus papéis importantes de base da civilidade social, pois eram as responsáveis pela primeira educação de seus filhos. Por isso era importante que essas mulheres fossem ensinadas desde pequenas a serem dóceis, amáveis e submissas.

Nos periódicos consultados, tanto aqueles de caráter ultramontano como liberal, encontramos posturas pretendidas e ditas como próprias do gênero feminino; discursos patriarcais que vão desde a ordem e disciplina familiar; formas como a mulher cumpria suas atividades de modo submisso delimitando, assim, papeis ditos femininos e masculinos. Para além das atividades impostas, afirmava-se a sujeição das mulheres em ocuparem somente o espaço privado/doméstico, como esposa e mãe, por exemplo. No entanto, essa valorização constante da função de materna, junto ao fato de ser instruída para educar os filhos, lhe deu uma posição de exemplo no meio social em que vivia. A título de exemplo têm-se as atividades caritativas, que permitiu à mulher um maior contato com o mundo público e com os homens da sociedade.

Nesse sentido, ao pensar as representações sociais propostas pelos periódicos pode-se notar que essas propunham persuadir e divulgar valores, direcionando ações e posturas adequadas ao gênero feminino. Sob esse prisma, a Imprensa delimitou normas e espaços para homens e mulheres, que passaram a demarcar as condutas sociais de forma a construir uma sociedade civilizada.

Essa naturalização do papel feminino feita pela Imprensa pretendeu práticas que exaltavam mulheres virtuosas para incentivar tal modelo e divulgar socialmente o esperado da figura feminina. Não obstante, pode-se ainda encontrar matérias sobre senhoras que ultrapassaram o estereótipo de matrona. Fica nítido que estas últimas eram mais que bons exemplos a serem seguidos, uma vez que mulheres atuantes na sociedade de tal modo que suas ações foram reconhecidas socialmente. De fato, essas matronas estavam à frente ou como coadjuvante nas tipografias, nos comércios, no magistério, nas fábricas, entre outros espaços públicos.

Em linhas gerais conclui-se que, mesmo com papéis predestinados, as mulheres constituíram e alcançaram novos espaços na sociedade diamantinense do Novecentos, onde atuaram ativamente enquanto sujeitos históricos e transformadoras de suas realidades ao seu redor, sejam como matronas, professoras e comerciantes, entre outras funções.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. BUECKE, Jane Elisa Otomar. Educação Não Escolar: Balanço da Produção Presente nos Congressos Brasileiros de História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/5761/576162064021/576162064021.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALMEIDA, Jayza Monteiro. LEMOS, Adriana Falqueto. Maria Antonieta: Protagonista Histórica De Romance Literário. **Revista Mosaicum**, número 21, Jan/Jun. 2015, n. 21, p. 67-79.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos e GATTI JR, Décio (orgs). **Novos temas em história da educação**. Instituições escolares e educação na imprensa. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002.

BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. **Ilustração e Memória: A Impressão Régia do Rio de Janeiro e o projeto do novo Império português**. Tese de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História. PUC-Rio, 2012.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis. RJ. Editora Vozes, 2007.

BORGES, Kátia Franciele Corrêa. **Fiar, Tecer e Rezar: A história das mulheres na Fábrica de Tecidos de Biribiri (1918-1959)**. Tese de Pós- Graduação. UFJF, 2019.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda criar escolas em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em:

https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 14 de junho de 2020.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Tradado de Sociologia do Conhecimento. 24ª Edição. Editora Vozes, Petrópolis, 2004.

CABRAL, Dilma. **Ato Adicional**. Arquivo Nacional Memória da Administração Pública Brasileira, MAPA, 2014. Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/258-ato-adicional>>. Acesso em: 14 de junho de 2020.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988. Coleção Repensando a História, 1988.

CARULA, Karoline. A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Rev. Estud. Fem.** vol.24 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2016.

CUNHA, Washington Dener dos Santos. SILVA, Rosemaria J. Vieira. **A Educação Feminina do Século XIX: entre A Escola a Literatura**. Niterói, v. 11, n. 1, p. 97-106, 2. 2010.

FERNANDES, Antônio Carlos. “**Entre o turbulo e a chaminé: a ação do Bispado no processo de constituição da modernidade em Diamantina. 1864-1917**”. 2005. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Departamento de História/FAFICH/UFGM, 2005. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-8WBF27>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

GONÇALVES, Wellington Carlos. Na encruzilhada das tradições. Conflitos religiosos na década de 1940 em Diamantina, Minas Gerais. **International Book Market Service Ltd., member of OmniScriptum Publishing Group** Novas Edições Acadêmicas, 2018.

GONÇALVES NETO, Wenceslau Carlos. **Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX**. In: ARAÚJO, José Carlos de Souza e GATTI JR, Décio (orgs).

GONDRA, José (org). **Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX**. Bragança Paulista/SP: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

GONGRA, José Gonçalves. SCHUELER, Alessandra. **Educação, Sociedade e Poder no Império Brasileiro**. Câmara Brasileira do Livro, SP, 2008.

GOODWIN JR., James William. **Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)**. Tese de Pós-Graduação. USP, 2007.

GOODWIN JR., James William. **Cidades de Papel:** Imprensa, Progresso e Tradição: Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Fino Traço Editora, 2015.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura Impressa e Educação da Mulher no Século XIX.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Leitura e escrita femininas no século XIX.** Cadernos Pagu (38), janeiro-junho de 2012: 367-394.

LAGE, Ana Cristina Pereira Lage. **A instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha:** uma necessidade política, econômica e social da região sul – mineira no início do século XX. 2007. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas: UNICAMP, 2007.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Conexões vicentinas.** Particularidades políticas e religiosas da educação confessional em Mariana e Lisboa oitocentistas. Jundiá: Paco Editorial, 2013.

LAGE, Ana Cristina Pereira. O ensino de história na Escola Normal de Diamantina, MG (1879-1906). In: **Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação.** Maringá, PR: UEM, 2015.

LESCHKO, Nádia Miranda. **Inventário para a memória da Indústria Gráfica em Pelotas/RS.** 2019. Dissertação de Mestrado Universidade de Pelas. UFP, 2019.

LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação: fundamentos teórico metodológicos. In: SCHELBAUER, A. R.; LOMBARDI, J. C.; MACHADO, M. C. G. (Orgs.). **Educação em debate:** perspectivas, abordagens e historiografia. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LOREDO, Meirelle Aiane Almeida. **O Colégio Nossa Senhora das Dores e o Projeto Educacional das Filhas da Caridade em Diamantina 1905-1925.** 2017. Dissertação de Mestrado em Educação. UFVJM, 2017.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em História.** São Paulo, Editora Contexto, 2020, p. 7-11.

MARTINS, Marcos Lobato. **Breviário de Diamantina:** uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX). Belo Horizonte, Fino Traço Editora, 2014.

MARTINS, Marcos Lobato. Um arauto na modernização republicana nas Minas Gerais: o pensamento político de Joaquim Felício dos Santos. In: LOPES, Marcos Antônio (org). **Grandes nomes da História Intelectual.** São Paulo: Contexto, 2003: 465-480.

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. Revolução do Porto e a volta da Família Real para Portugal. In: **A família real no Brasil:** política e cotidiano (1808-1821) [online]. São Bernardo do Campo: Editora UFABC, 2015: 55-77.

MENDES, Jairo Faria. *Memória dos Jornais Mineiros do Século XIX: Revisão crítica das fontes historiográficas*. **III Encontro Nacional da Rede Alfredo Carvalho**. Novo Hamburgo, RS, 2015.

MENDONÇA, Grasielle Carina, SANTOS, Noeli Floriani e LOTT, Valdenir. *Xilografia: da teoria a arte de gravar*. **Anais do X Encontro do Grupo de Pesquisa Educação, Artes e Inclusão – 01, 02 e 03 de Dezembro de 2014**. Florianópolis – CEART/UDESC.

MOACYR, Primitivo. Minas Gerais. In: **A instrução e as províncias. Subsídios para a história da educação no Brasil (1834-1889)**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. 3ª ed. revista e ampliada. Brasília: Editora UnB, 2012.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: Editora Universidade, 2003.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher (1873/1874)**. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2004.

NOVAES, Elizabete David. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 3, p. 50-66, dez. 2015.

OLIVEIRA, Livia Gabrielle de. **A presença da Igreja nas ações abolicionistas no Norte Mineiro: o caso do bispado de Diamantina (1864-1888)**. Mariana, Programa de Pós-Graduação em História/UFOP, 2011. Disponível em: www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/2412/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Presen%C3%A7aIgrejaA%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 23 de out. de 2020.

OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. **O teatro e algumas diversões em Diamantina: uma história registrada pela Imprensa (1888-1915)**. 2016. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer / UFMG, 2016. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/Renata%20C%20S%20Oliviera.pdf>. Acesso em: 12 de nov. 2020.

PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). **Deslocamentos e Mediações**. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, Ed. UNICAMP, 2018.

PINTO, Helder de Moraes. **Entre a Casa e a Rua: uma história da mocidade de Diamantina-MG no final do século XIX**. 2015. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, Programa de Pós-Graduação em Educação/UFMG, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-ACAGFG>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Dicionário da língua brasileira. Typographia de Silva, 1832. Ouro Preto/MG

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis, Umuarama**, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan. /jun. 2007.

ROCHA, Ana Vitória Sampaio Castanheira. **Amor, Ordem e Progresso: Casamento e Divórcio como Desafios à Laicidade do Estado (1847-1916)**. 2014. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas. UFB, 2014.

SANTOS, Dayse Lúcida Silva. **Entre a norma e o desejo: estudo das tensões no relacionamento conjugal em Diamantina de 1863 a 1933**. 2003. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Departamento de História / FAFICH / UFMG, 2003.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, UFRGS, 2000. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6719/4026>. Acesso em: 23 de abril de 2020.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ANEXO I – AS TEMÁTICAS DOS JORNAIS DE DIAMANTINA

Temática: Mulheres Negras

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
17° Distrito	01	131	Amas de leite	12/07/1885
Monitor do Norte	32	119	Ama de leite, anúncio onde se alugar uma boa ama de leite, “acostumada a tratar carinhosamente das crianças”.	18/07/1885
Monitor do Norte	41	123	Suicídio, sobre uma mulher preta que parou de comer até morrer após saber que seu filho alistou no serviço militar.	19/09/1875

Temática: Matronas, mulheres virtuosas

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
17° Distrito	15	135	Outro, sobre falecimento de uma “virtuosa mãe de família”	13/12/1885
17° Distrito	15	135	Enferma, sobre doença de “extremosa esposa”	13/12/1885
A Verdade	09	109	Óbito, sobre o falecimento de uma “virtuosa esposa”	19/02/1885
O Futuro	01	106	Variedades, anedota sobre mulher ingênua	08/11/1881
O Jequitinhonha	46	11	Homenagem fúnebre, falecimento de “filha, esposa, viúva e mãe exemplar”	11/09/1870
O Jequitinhonha	29	8	Falecimento de um comendador que deixa sua herança para a sua esposa e após a morte da esposa parte da herança irá para as órfãs.	15/05/1870
O Lábaro do Futuro	3	137	A mulher perante a História.	12/02/1882
O Lábaro do Futuro	4	138	A mulher perante a História.	28/02/1882
O Lábaro do Futuro	6	139	A mulher perante a História.	25/03/1882
O Lábaro do Futuro	7	140	A mulher perante a História.	09/04/1882
O Lábaro do Futuro	7	140	Poema A menina de 15 anos sobre a menina se prevenir e seguir o exemplo da virtuosa mãe	09/04/1882

O Lábaro do Futuro	8	141	A mulher perante a História	28/04/1882
O Lábaro do Futuro	8	141	Variedade e susceptibilidade intelectual da mulher	28/04/1882
O Guaicuhy	22	113	Homenagem a virtuosa esposa falecida	17/10/1881
O Município	32	62	A mulher, julgada segundo várias religiões	15/06/1885
O Município	50	64	Literatura, poema dezesseis anos, moça representada com a doçura e outros estereótipos carregados pela condição feminina e poema Tempestade, sobre a “terna mãe” que cuida do seu filho inocente	15/11/1895
O Município	98	80	Seção franca, Maria da Conceição, poema em homenagem a uma jovem moça que faleceu	02/01/1897
O Município	115	82	Homenagem a “santa mãe” de um farmacêutico que faleceu	05/06/1897
O Município	166	91	Festa no céu, onde homens somente damas	14/07/1898
O Município	172	93	As modas, sobre o que as mulheres vestem no exterior	27/08/1898
O Município	175	96	A mendiga, conto sobre uma mulher pobre que pedia esmolas	26/09/1898
O Município	175	96	Paralelo entre o homem e a mulher	26/09/1898
O Município	181	97	Falecimento Thereza Rabelo, “respeitável matrona”	22/11/1898
O Município	181	97	Falecimento Thereza Azevedo, “extremosa mãe”	22/11/1898
O Tambor	31	112	Mulher corajosa, sobre uma formosa e educada senhora que enfrentou ladrões	13/07/1890
O Tambor	31	112	Poema Morena	13/07/1890
Sete de Setembro	5	18	Pêsames a marido que perdeu sua digníssima esposa	07/10/1886
Sete de Setembro	6	19	Um caso único, sobre um casal que comemorava núpcias de ouro e estavam presentes seus 4 filhos, 02 padres e 02 irmãs de caridade	14/10/1886
Sete de Setembro	15	25	A casa, sobre o espaço homem e mulher	16/12/1886
Sete de Setembro	16	26	Atendam as mulheres casadas e as moças solteiras	23/12/1886
Sete de Setembro	22	32	Homenagem a uma falecida que honrou com seu estado de solteira	05/02/1887
Sete de Setembro	27	36	Eulina ou o Botão de Rosa, conto sobre uma família diamantinense sobre a educação de uma jovem menina, preparando-a para o seu papel, filha, esposa e mãe	12/03/1887
Sete de Setembro	39	41	Páginas soltas, sobre a esposa	03/06/1887
Sete de Setembro	41	42	Variedade, os dois amantes, sobre uma moça que perdeu seu noivo e decidiu tornar-se irmã de caridade para encontrar com o seu amado no céu.	19/06/1887

Sete de Setembro	3	44	Pêsames pela perda de uma “respeitável matrona”	24/09/1887
Sete de Setembro	3	44	Falecimento de Dona Ambrosina, “donzela casta e virtuosa”	24/09/1887
Sete de Setembro	10	45	As mães, mães com filhos em frente ao cemitério almejando grandes conquistas, mas o que seria daqueles que não puderam viver?	25/05/1888
Sete de Setembro	15	46	Falecimento de D. Eufrásia, irmã, mãe e virtuosa matrona	30/06/1888
Sete de Setembro	15	46	Prematuro falecimento de D. Eufrásia “o exemplo é a mais segura lição da moralidade; muitos fatos da sua vida a fazem um modelo de virtude digno a se imitar	30/06/1888
Sete de Setembro	25	51	Grave, sobre um homem tentando seduzir uma moça e sua mãe denunciando as autoridades	01/10/1888
Sete de Setembro	28	52	Termo de declaração da ofendida, ainda sobre o abuso de Maria	06/11/1888
Sete de Setembro	31	54	Concurso de Beleza	12/12/1888
Sete de Setembro	31	54	Comentários (masculinos) sobre as vencedoras	12/12/1888
Sete de Setembro	31	54	Pedido de casamento, sobre uma moça muito mais jovem que seu marido que é pedida em casamento, o pretendente acreditava que a moça era filha do marido	12/12/1888
Voz do Povo	46	108	Pêsames, sobre a morte de uma estimada senhora	24/08/1884

Temática: Mulheres não exemplares

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
Monitor do Norte	22	118	Monstro humano, sobre uma criança que nasceu deformada (“cabeça pontudíssima, boquinha com um serrote, as mãos e nádegas de sapo e os pés eram cascos) e a mãe mandou queimar, disseram-lhe que era preciso para não continuar a ter partos iguais.	09/05/1875
Monitor do Norte	22	118	Menina mãe, menina que foi mãe com dez anos de idade. “Se a menina continuar assim, bem pode ser avó com a idade de 25 anos, isto é na idade e que comumente as moças são ainda para casar”.	09/05/1875
Monitor do Norte	22	118	Surra, sobre uma moça que foi confessar e o padre ordenou que a mãe lhe chicoteasse antes de morrer.	09/05/1875
Monitor do Norte	35	120	Espíritos falantes, sobre um fanatismo em Cuba. Uma mãe arrancou os olhos do filho e depois tentou arrancar os seus. Fez isso coo um solene sacrifício em presença de outras mulheres de família que também oravam, todos foram presos.	08/08/1875
Monitor do Norte	37	121	Malvadez, mãe que abandonou uma criança recém-nascida.	22/08/1875
Monitor do Norte	07	127	Barbaridade, sobre uma viúva de 50 anos acorrentada, com fome e sede.	30/01/1876

O Jequitinhonha	21	3	Anúncios, marido cancelando a venda de “sua mulher”	03/01/1869
O Jequitinhonha	28	7	Sentença, “é a escassez que há de verdadeiras matronas, e a abundância de mulheres casadas”	08/05/1870
O Jequitinhonha	42	10	Súplicas, sobre mulher “depravada” que fica na janela insultando pessoas na rua.	14/08/1870
O Guarany	5	114	Mulher que assassinou homem	31/01/1878
O Município	73	73	As mulheres, a condição feminina estereotipada de acordo com a nacionalidade	30/05/1896
O Município	167	92	Amor mendigo, sobre uma moça sem graça que ninguém amava	21/07/1898
Sete de Setembro	19	29	Canção Materna, sobre uma moça inocente que se entregou ao amor de um cafajeste e ficou mal falada	15/01/1887
Sete de Setembro	23	49	A flor da fidelidade, sobre o barão de 52 anos que desconfiava da baronesa de 20 anos	12/09/1888
Sete de Setembro	32	55	Variedade, sobre uma moça muito magra e pobre que queria engordar, um anjo lhe disse para seguir os passos da virgem Maria. A moça engordou demais e todos a olhavam com desdém, por isso ficou mais pobre ainda.	24/12/1888
Sete de Setembro	35	56	História triste, poema sobre uma moça que tinha um jovem pescador que fui embora um dia e nunca mais voltou	30/01/1889
Sete de Setembro	36	57	Variedades, Ardil, sobre a mulher só conhecer o amor verdadeiramente depois de anos de casada	15/01/1889
Sete de Setembro	36	57	Cancioneiro, poema Traição	15/01/1889
Sete de Setembro	39	58	Notas alegres, definição dada por uma galante rapariga	14/02/1889
Voz do Povo	09	107	Literatura Amor da alma (produz anjos) e amor do coração (produz demônios)	18/09/1881
Voz do Povo	09	107	Poema modéstia, sobre a virtude das flores	18/09/1881
Voz do Povo	09	107	Seção Humorística, humor ofensivo às mulheres	18/09/1881

Temática: Possibilidades para o papel feminino

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
Monitor do Norte	32	119	Sobre a compra de uma chácara e depois a desistência e intromissão do mentor da compradora, Ana	18/07/1875
Monitor do Norte	38	122	A minha boa amiga a Exma. Sra. D. M. M. Pacheco, sobre uma amiga que escreve em homenagem a sua falecida amiga.	29/08/1875
O Aprendiz	02	111	Poema Mariana Hygina	30/08/1893
O Município	56	68	Concurso para professora, quesitos e procedimentos para assumir o cargo	04/01/1896
O Município	140	84	Normalistas, sobre alunos e alunas, em sua maioria alunas, que completaram o curso normal com excelência	21/12/1897
O Município	175	96	Eva, sobre a mulher que fez Adão conhecer o amor e o pecado	26/09/1898

Sete de Setembro	02	16	Chegada de Mariana	16/09/1886
Sete de Setembro	03	17	Chegada, importância da chegada de Mariana	23/09/1886
Sete de Setembro	05	18	Instrução feminina, nomeação de professoras	07/10/1886
Sete de Setembro	05	18	Escola municipal de Serro	07/10/1886
Sete de Setembro	20	30	Uma senhora que quer votar, mas o poder de voto não foi concedido, tendo em vista seu gênero	22/01/1887
Sete de Setembro	14	24	Echo das Damas, sobre um jornal do RJ dirigido por mulheres	10/12/1886
Sete de Setembro	46	61	Poema de Mariana Higina, aluna da escola normal que se destacou	02/06/1889
17º Distrito	13	133	Mulher typographa.	17/11/1885
17º Distrito	14	134	Malta de vagabundos, sobre rapazes que importunam uma pobre viúva e suas duas filhas	26/11/1885

Temática: Educação e Instrução

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
17º Distrito	09	132	Aulas, sobre as instituições que retornaram as aulas. Inclusive o Colégio das Irmãs.	18/10/1885
O Aprendiz	02	111	Instituições de ensino da época	30/08/1893
O Jequitinhonha	50	04	Frequência escolar, professor reclamando da assiduidade dos alunos às aulas	08/08/1869
O Jequitinhonha	14	06	Ensino do sistema métrico não só para “meninos”, mas para o público em geral	30/01/1870
O Jequitinhonha	40	09	Instrução pública, sobre a importância da educação e exemplos de países com a Áustria	31/07/1870
O Jequitinhonha	46	11	Escola Noturna, aprovação de escolas para operários	11/09/1870
O Município	53	65	Escola normal, notas de alunos	07/12/1895
O Município	54	66	Continuação das aprovações anteriores	14/12/1895
O Município	57	69	Escola normal, aprovações	11/01/1896
O Município	58	70	Escola normal, aprovações	22/01/1896
O Município	60	71	Escola normal, aprovações	05/02/1896
O Município	64	72	Escola normal, procedimento para matrículas	14/03/1896
O Município	94	78	Duas palavras, sobre como educar as crianças	05/12/1896
O Município	97	79	Escola normal, aprovações	26/12/1896
O Município	98	80	Escola normal, aprovações	02/01/1897
O Município	99	81	Escola normal, aprovações	16/01/1897

O Município	115	82	Instrução pública, sobre vagas para dar aulas	05/06/1897
O Município	144	85	Escola normal, aprovações	01/02/1898
O Município	151	86	Escola normal, aprovações	22/03/1898
O Município	152	87	Escola normal, aprovações	29/03/1898
O Município	153	88	Escola normal, aprovações	04/04/1898
O Município	155	89	Escola normal, aprovações	23/04/1898
O Município	172	93	Escola normal, aprovações	27/08/1898
O Município	173	94	Escola normal, aprovações	07/09/1898
O Município	174	95	Escola normal, aprovações	17/09/1898
O Município	175	96	Escola normal, aprovações	26/09/1898
O Município	185	98	Anjo bom, sobre o trabalho	11/01/1899
O Município	200	99	Escola normal, aprovações	05/06/1899
O Município	203	100	Escola normal, aprovações	05/07/1899
O Município	207	101	Instruções para exame de insuficiência	17/08/1899
O Município	209	102	Escola normal, aprovações	04/09/1899
O Município	211	103	Escola normal, aprovações	19/09/1899
O Normalista	10	110	Instrução primária	17/10/1886
O Normalista	10	110	Matrículas nas escolas e Colégio Nossa Senhora das Dores	17/10/1886
Sete de Setembro	2	16	Fundo de órfãos	16/09/1886
Sete de Setembro	11	21	Instrução pública	18/11/1886
Sete de Setembro	12	22	Educação popular, pelos atos que se conhece o indivíduo	25/11/1886
Sete de Setembro	13	23	Educação popular, pelos atos que se conhece o indivíduo	02/12/1886
Sete de Setembro	16	26	Educação popular, pelos atos que se conhece o indivíduo	23/12/1886
Sete de Setembro	17	27	Instrução, sobre escola mista no Serro	01/01/1887
Sete de Setembro	18	28	Educação popular, as más companhias	08/01/1887
Sete de Setembro	25	35	A escola, instrução a mais crianças, trabalho a mais famintos, com o intuito de evitar futuros assassinos	26/02/1887
Sete de Setembro	27	36	Educação, sobre as condições das escolas, dos professores a importância da instrução	12/03/1887
Sete de Setembro	28	37	Educação, sobre a importância da educação para as crianças e a virtude feminina de ser professora	19/03/1887
Sete de Setembro	24	50	Escola particular, ambiente onde estudas os filhos das melhores famílias, sem correr o risco de contato com crianças de má índole e hábitos viciosos	21/09/1888
Sete de Setembro	29	53	Exames, resultados	18/11/1888

Sete de Setembro	32	55	Exames, resultados	24/12/1888
Sete de Setembro	32	55	Cultura da instrução, sobre o que a criança deve aprender (14 aos 20 anos)	24/12/1888
Sete de Setembro	32	55	Cadeiras em concurso, sobre vagas disponíveis para o sexo masculino e feminino	24/12/1888
Sete de Setembro	39	58	Cultura da instrução, sobre a educação moral para a sociedade moderna	14/03/1889
Sete de Setembro	35	56	Resultado dos exames das alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores	30/01/1889
Sete de Setembro	46	61	Premiados com medalha de ouro, prata e menção honrosa	02/06/1889
Sete de Setembro	46	61	Instrução pública, sobre o aumento de matrículas de moças na escola normal, o que antes não se via.	02/06/1889
Sete de Setembro	46	61	Poema de Mariana Higina, aluna da escola normal que se destacou	02/06/1889
Sete de Setembro	46	61	Resultado dos exames do Colégio Nossa Senhora das Dores	02/06/1889

Temática: Família e Casamento

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
17º Distrito	09	132	Philosopirismo, receita para arranjar marido	18/10/1885
Liberal do Norte	25	14	Regras de uma conduta para as mulheres casadas	08/12/1887
Monitor do Norte	8	116	Literatura Barrafunda, sobre o casamento	31/01/1875
Monitor do Norte	34	130	Philosophia, do casamento segundo os tempos, os climas e costumes de diferentes povos.	06/01/1878
O Município	34	63	Mulher Fatal, sobre uma mulher muito importante que se casou várias vezes	29/06/1895
O Município	81	75	A mulher chinesa, sobre a relação do marido com a mulher	21/08/1896
O Município	82	76	Um noivado do céu, sobre uma “inocente e doce moça” se sacrificou junto com o seu amado	29/08/1896
O Município	90	77	O casamento na Rússia, sobre a submissão da esposa ao seu marido	07/11/1896
Sete de Setembro	13	23	Educação popular, pelos atos que se conhece o indivíduo	02/12/1886
Sete de Setembro	16	26	Fatal consórcio, sobre uma moça que se casou e chegou e encontrou outra no leito com um bebê no noivo	23/12/1886
Sete de Setembro	16	26	Casamento na Holanda	23/12/1886
O Catholico	98	105	Deveres da família	24/09/1876
Sete de Setembro	21	31	Deveres do pai	05/02/1887
Sete de Setembro	22	32	Regras de decência para a família e submissão da esposa ao seu marido	29/01/1887

Sete de Setembro	23	33	Conselhos, religião como a base da verdadeira moral pública	12/02/1887
Sete de Setembro	24	34	Conselhos, sobre a vigilância sobre os filhos, e, principalmente, sobre as moças	19/02/1887
Sete de Setembro	19	47	Poemas associando a filha ao lar e o filho a vaqueiro	31/07/1888
Sete de Setembro	20	48	O que faremos com nossas filhas? Artigo americano orientando a educação feminina para os afazeres do lar	11/01/1888
Voz do Povo	46	108	Escândalo, pede-se as autoridades para tomar providencias sobre uma casa, da qual sai palavras escandalosas que afetam a moral familiar.	24/08/1884

Temática: Igreja

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
17º Distrito	09	132	Discurso sobre a igreja combatendo os males do mundo novo	18/10/1885
Monitor do Norte	03	115	Ultramontanistas, influenciando o povo contra o novo sistema de cobrança	27/12/1874
Monitor do Norte	03	115	Ultramontanistas, sobre o bom ladrão	27/12/1874
Monitor do Norte	13	117	O Catholico, sobre mentiras de uma passeata com mais de duas mil pessoas, dentre elas, sessenta virgens, senhoras, rapazes, seminaristas, acompanharam. No entanto, não passava de 200 pessoas	07/03/1875
Monitor do Norte	32	119	As mães de família, publicação assinada por “um pai de família” apelando para as “virtuosas e boas mães de família”, proibirem as suas “jovens e inocentes filhas” de lerem um artigo no periódico o Cathólico, recheado de imoralidades.	18/07/1875
Monitor do Norte	37	121	Uma festa por um vestido, sobre um padre que se relacionava com duas moças	22/08/1875
Monitor do Norte	48	124	Que tal? Sobre um padre que abusou de 4 meninas, que tinham de 11 a 12 anos.	24/10/1875
Monitor do Norte	47	125	Irmãs de caridade, apesar de acreditar que as irmãs são excelentes professoras, a crença, a distância da família, o fanatismo e os castigos cruéis, atrapalham a formação da criança	31/10/1875
Monitor do Norte	47	125	Irmãs de caridade, apesar de acreditar que as irmãs são excelentes professoras, a crença, a distância da família, o fanatismo e os castigos cruéis, atrapalham a formação da criança	31/10/1875
Monitor do Norte	47	125	Fanatismo, sobre uma mãe que abandona os oito filhos para seguir o hábito de religiosa, “que não se propague entre as famílias”	31/10/1875
Monitor do Norte	04	126	Confissão de crianças, crítica a educação religiosa	09/01/1876
Monitor do Norte	09	128	Proibição de cantos de senhoras nas Igrejas	13/02/1876
O Jequitinhonha	119	01	População de Curumatay homenageando a chegada do novo bispo de Diamantina	27/05/1863

O Jequitinhonha	130	13	Missões do bispado da Diamantina, sobre apresentação das educandas do Colégio Nossa Senhora das Dores	09/06/1872
O Município	78	74	A Igreja e a República	06/08/1896
Sete de Setembro	29	38	Poema sobre a Caridade	26/03/1887
Sete de Setembro	35	39	Aniversário do Bispo	05/05/1887
Sete de Setembro	39	41	Convite religioso	03/06/1887
Sete de Setembro	42	43	Festa de São João Batista, acompanhada de povos, virgens e padres	28/06/1887
Sete de Setembro	3	44	Novos bispados, diante do sucesso de Diamantina é aprovado a criação de novos bispados na província do Amazonas	24/09/1887
Sete de Setembro	25	51	Agustus senhores representantes, sobre a relação estado e Igreja	01/10/1888

Temática: Diamantina

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
17º Distrito	17	136	Mistérios ou escândalos de Diamantina, nos últimos 50 anos. (Leitura só para homens). Sobre a divulgação de dois grossos volumes de 300 páginas cada um para assinatura. Diz ser um “interessantíssimo romance histórico-realista”.	29/01/1886
Sete de Setembro	01	15	Conservador, crime contra a mulher por um liberal	07/09/1886
Sete de Setembro	10	20	Trabalho masculino	11/11/1886
Sete de Setembro	31	54	Academia de Direto, sobre um jovem que passou por uma importante etapa de ensino (notícias após a do concurso de beleza)	12/12/1888
Sete de Setembro	31	54	Gabriel Rabelo, aprovado com distinção em um exame que fez em Ouro Preto (notícias após a do concurso de beleza)	12/12/1888
O Município	140	84	Despesas de Diamantina	21/12/1897
Sete de Setembro	13	23	Iluminação pública	02/12/1886
Sete de Setembro	13	23	Concerto musical	02/12/1886
Sete de Setembro	13	23	Diamantina na indústria da lapidação	02/12/1886
Sete de Setembro	36	40	Diamantina, sobre a cidade e à comparando com Jerusalém	12/05/1887
O Jequitinhonha	04		Maravilhas da imprensa	
Sete de Setembro	13	23	Échos da Imprensa, consideremos e censuremos	02/12/1886
Monitor do Norte	20	129	Jornal de modas, notícia sobre um jornal com o texto em português e francês sobre modas e romances.	30/04/1876

O Município	212	104	Jornal de modas	19/09/1899
-------------	-----	-----	-----------------	------------

Temática: Poemas

Jornal	Edição	Doc.	Assunto	Data
Monitor do Norte	20	129	Amor e Medo, sobre um rapaz com medo de se declarar para a amada	30/04/1876
Sete de Setembro	36	57	Tarde romântica	15/01/1889
Sete de Setembro	36	57	Mergulho	15/01/1889
Sete de Setembro	46	61	Poema Arrependida, autor exaltando a virgindade feminina	02/06/1889

ANEXO II – OS JORNAIS DE DIAMANTINA

Jornal	Edição	Data	Doc.	BND	APM	BAT
17° Districto	1	12/07/1885	131	X		
17° Districto	2	30/07/1885		X		
17° Districto	3	07/08/1885		X		
17° Districto	4	23/08/1885		X		
17° Districto	5	02/09/1885		X		
17° Districto	6	11/09/1885		X		
17° Districto	7	23/09/1885		X		
17° Districto	8	04/10/1885		X		
17° Districto	9	18/10/1885	132	X		
17° Districto	10	25/10/1885		X		
17° Districto	11	01/11/1885		X		
17° Districto	12	09/11/1885		X		
17° Districto	13	17/11/1885	133	X		
17° Districto	14	26/11/1885	134	X		
17° Districto	15	13/12/1885	135	X		
17° Districto	16	24/12/1885		X		
17° Districto	17	29/01/1886	136	X		
17° Districto	18	11/02/1886		X		
17° Districto	19	19/02/1886		X		
17° Districto	20	23/02/1886		X		
17° Districto	21	09/03/1886		X		
17° Districto	22	18/03/1886		X		

17° Districto	23	27/03/1886		X		
17° Districto	24	09/04/1886		X		
17° Districto	25	01/05/1886		X		
17° Districto	26	12/05/1886		X		
17° Districto	34	13/10/1886		X		
17° Districto	40	02/12/1886				X
A Ideia Nova	20	31/05/1880		X		
A Mocidade	1	12/05/1878			X	
A Mocidade	18	24/09/1878			X	
A Verdade	9	19/02/1885	109			X
Liberal do Norte	14	11/09/1887				X
Liberal do Norte	18	18/09/1887			X	
Liberal do Norte	25	08/12/1887	14		X	
Liberal do Norte	26	15/12/1887			X	
Liberal do Norte	33	04/03/1888			X	
Liberal do Norte	46	20/05/1888				X
Monitor do Norte	3	27/12/1874	115	X		
Monitor do Norte	5	10/01/1875		X		
Monitor do Norte	6	17/01/1875		X		
Monitor do Norte	7	24/01/1875		X		
Monitor do Norte	8	31/01/1875	116	X		
Monitor do Norte	9	07/02/1875		X		
Monitor do Norte	10	14/02/1875		X		
Monitor do Norte	11	21/02/1875		X		
Monitor do Norte	12	28/02/1875		X		
Monitor do Norte	13	07/03/1875	117	X		
Monitor do Norte	14	14/03/1875		X		
Monitor do Norte	15	21/03/1875		X		
Monitor do Norte	17	04/04/1875		X		
Monitor do Norte	19	18/04/1875		X		
Monitor do Norte	22	09/05/1875	118	X		
Monitor do Norte	23	16/05/1875		X		

Monitor do Norte	24	23/05/1875		X		
Monitor do Norte	26	06/06/1875		X		
Monitor do Norte	27	13/06/1875		X		
Monitor do Norte	28	20/06/1875		X		
Monitor do Norte	29	27/06/1875		X		
Monitor do Norte	31	11/07/1875		X		
Monitor do Norte	32	18/07/1875	119	X		
Monitor do Norte	35	08/08/1875	120	X		
Monitor do Norte	37	22/08/1875	121	X		
Monitor do Norte	38	29/08/1875	122	X		
Monitor do Norte	39	05/09/1875		X		
Monitor do Norte	40	12/09/1875		X		
Monitor do Norte	41	19/09/1875	123	X		
Monitor do Norte	43	03/10/1875		X		
Monitor do Norte	45	17/10/1875		X		
Monitor do Norte	48	24/10/1875	124	X		
Monitor do Norte	47	31/10/1875	125	X		
Monitor do Norte	49	14/11/1875		X		
Monitor do Norte	51	28/11/1875		X		
Monitor do Norte	52	05/12/1875		X		
Monitor do Norte	53	12/12/1875		X		
Monitor do Norte	2	26/12/1875		X		
Monitor do Norte	3	02/01/1876		X		
Monitor do Norte	4	09/01/1876	126	X		
Monitor do Norte	7	30/01/1876	127	X		
Monitor do Norte	8	06/02/1876		X		
Monitor do Norte	9	13/02/1876	128	X		
Monitor do Norte	10	20/02/1876		X		
Monitor do Norte	12	05/03/1876		X		
Monitor do Norte	13	12/03/1876		X		
Monitor do Norte	14	19/03/1876		X		
Monitor do Norte	15	26/03/1876		X		
Monitor do Norte	16	02/04/1876		X		
Monitor do Norte	18	16/04/1876		X		

Monitor do Norte	20	30/04/1876	129			X
Monitor do Norte	33	06/08/1876				X
Monitor do Norte	49	10/12/1876				X
Monitor do Norte	15	15/07/1877		X		
Monitor do Norte	34	06/01/1878	130	X		
Monitor do Norte	16	06/07/1879		X		
O Aprendiz	2	30/08/1893	111			X
O Cathólico	98	24/09/1876	105			X
O Diamantinense	5	15/11/1892				X
Jornal	Edição	Data	Doc	HEMD	APM	BAT
O Estudante	10	21/08/1873		X		
O Estudante	11	28/08/1873		X		
O Estudante	12	04/09/1873		X		
O Estudante	18	17/10/1873		X		
O Estudante	19	24/10/1873		X		
O Estudante	11	02/10/1899			X	
O Futuro	1	08/11/1881	106			X
O Jequitinhonha	119	27/05/1863	1	X	X	
O Jequitinhonha	4	06/09/1868	2			X
O Jequitinhonha	5	13/09/1868				X
O Jequitinhonha	6	20/09/1868				X
O Jequitinhonha	7	27/09/1868				X
O Jequitinhonha	8	04/10/1868				X
O Jequitinhonha	9	11/10/1868				X
O Jequitinhonha	10	18/10/1868				X
O Jequitinhonha	11	25/10/1868				X
O Jequitinhonha	12	01/11/1868				X
O Jequitinhonha	13	08/11/1868				X
O Jequitinhonha	14	15/11/1868				X
O Jequitinhonha	15	22/11/1868				X
O Jequitinhonha	16	29/11/1868				X
O Jequitinhonha	18	13/12/1868				X
O Jequitinhonha	19	20/12/1868				X
O Jequitinhonha	20	27/12/1868				X
O Jequitinhonha	21	03/01/1869	3	X	X	X
O Jequitinhonha	22	10/01/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	23	17/01/1869		X	X	X

O Jequitinhonha	24	24/01/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	25	31/01/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	26	11/02/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	27	21/02/1868		X	X	X
O Jequitinhonha	28	28/02/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	29	07/03/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	30	14/03/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	31	21/03/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	32	04/04/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	33	11/04/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	34	18/04/1869				X
O Jequitinhonha	35	25/04/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	36	02/04/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	37	09/04/1869				X
O Jequitinhonha	38	16/04/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	39	23/04/1869				X
O Jequitinhonha	40	30/04/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	41	06/05/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	42	13/05/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	43	20/05/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	44	27/05/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	45	04/07/1869		X	X	
O Jequitinhonha	46	11/07/1869		X	X	
O Jequitinhonha	47	18/07/1869		X	X	
O Jequitinhonha	49	01/08/1869		X	X	
O Jequitinhonha	50	08/08/1869	4	X	X	
O Jequitinhonha	51	15/08/1869		X	X	
O Jequitinhonha	1	31/10/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	2	07/11/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	3	14/11/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	4	21/11/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	5	28/11/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	6	05/12/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	7	12/12/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	8	19/12/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	9	26/12/1869		X	X	X
O Jequitinhonha	10	02/01/1870				X
O Jequitinhonha	11	09/01/1870	5			X
O Jequitinhonha	12	16/01/1870				X
O Jequitinhonha	13	23/01/1870				X
O Jequitinhonha	14	30/01/1870	6			X
O Jequitinhonha	15	06/02/1870				X
O Jequitinhonha	16	13/02/1870				X
O Jequitinhonha	17	20/02/1870				X

O Jequitinhonha	22	27/03/1870				X
O Jequitinhonha	23	03/04/1870		X	X	X
O Jequitinhonha	24	10/04/1870				X
O Jequitinhonha	25	17/04/1870				X
O Jequitinhonha	26	24/04/1870				X
O Jequitinhonha	27	01/05/1870				X
O Jequitinhonha	28	08/05/1870	7			X
O Jequitinhonha	29	15/05/1870	8			X
O Jequitinhonha	30	22/05/1870				X
O Jequitinhonha	31	29/05/1870				X
O Jequitinhonha	32	05/06/1870				X
O Jequitinhonha	33	12/06/1870				X
O Jequitinhonha	34	19/06/1870			X	X
O Jequitinhonha	35	26/06/1870				X
O Jequitinhonha	36	03/07/1870				X
O Jequitinhonha	37	10/07/1870			X	X
O Jequitinhonha	38	17/07/1870				X
O Jequitinhonha	40	31/07/1870	9			X
O Jequitinhonha	41	07/08/1870				X
O Jequitinhonha	42	14/08/1870	10			X
O Jequitinhonha	43	21/08/1870				X
O Jequitinhonha	45	04/09/1870				X
O Jequitinhonha	46	11/09/1870	11			X
O Jequitinhonha	47	18/09/1870				X
O Jequitinhonha	48	25/09/1870				X
O Jequitinhonha	192	06/07/1871	12			X
O Jequitinhonha	130	09/06/1872	13	X	X	
O Lábaro do Futuro	1	15/01/1882		X		
O Lábaro do Futuro	2	29/01/1882		X		
O Lábaro do Futuro	3	12/02/1882	137	X		
O Lábaro do Futuro	4	28/02/1882	138	X		
O Lábaro do Futuro	5	11/03/1882		X		
O Lábaro do Futuro	6	25/03/1882	139	X		
O Lábaro do Futuro	7	09/04/1882	140	X		
O Lábaro do Futuro	8	28/04/1882	141	X		
O Lábaro do Futuro	9	16/05/1882		X		
O Lábaro do Futuro	10	03/06/1882		X		
O Lábaro do Futuro	11	23/06/1882		X		
O Guaicuhy	22	17/10/1881	113	X		
O Guarany	5	31/01/1878	114	X		

O Guarany	9	02/03/1878		X		
O Município	10	05/09/1894				X
O Município	11	16/09/1894				X
O Município	17	24/01/1895				X
O Município	24	20/04/1895				X
O Município	25	27/04/1895				X
O Município	26	04/05/1895				X
O Município	27	11/05/1895				X
O Município	28	18/05/1895				X
O Município	29	25/05/1895				X
O Município	30	01/06/1895				X
O Município	31	08/06/1895				X
O Município	32	15/06/1895	62			X
O Município	33	22/06/1895				X
O Município	34	29/06/1885	63			X
O Município	35	06/07/1895				X
O Município	36	13/07/1895				X
O Município	38	27/07/1895				X
O Município	39	03/08/1895				X
O Município	40	10/08/1895				X
O Município	41	17/08/1895				X
O Município	42	31/08/1895				X
O Município	43	07/09/1895				X
O Município	44	28/09/1895				X
O Município	45	05/10/1895				X
O Município	46	12/10/1895				X
O Município	47	19/10/1895				X
O Município	49	03/11/1895	64			X
O Município	50	15/11/1895				X
O Município	51	23/11/1895				X
O Município	52	30/11/1895				X
O Município	53	07/12/1895	65			X
O Município	54	14/12/1895	66			X
O Município	55	26/12/1895	67			X
O Município	56	04/01/1896	68			X
O Município	57	11/01/1896	69			X
O Município	58	22/01/1896	70			X

O Município	60	05/02/1896	71			X
O Município	61	12/02/1896				X
O Município	62	25/02/1896		X	X	X
O Município	Denuncia	08/03/1896				X
O Município	64	14/03/1896	72			X
O Município	65	21/03/1896				X
O Município	66	31/03/1896		X	X	X
O Município	67	11/04/1896				X
O Município	68	22/04/1896				X
O Município	69	01/05/1896				X
O Município	70	09/05/1896		X	X	X
O Município	71	18/05/1896				X
O Município	72	23/05/1896		X	X	X
O Município	73	30/05/1896	73			X
O Município	74	10/06/1896				X
O Município	75	20/06/1896				X
O Município	76	29/06/1896		X	X	X
O Município	77	10/07/1896		X	X	X
O Município	78	06/08/1896	74	X	X	X
O Município	79	06/08/1896		X	X	X
O Município	80	13/08/1896		X	X	X
O Município	81	21/08/1896	75			X
O Município	82	29/08/1896	76			X
O Município	84	26/09/1896		X	X	X
O Município	85	03/10/1896				X
O Município	86	10/10/1896		X	X	X
O Município	87	17/10/1896				X
O Município	88	24/10/1896		X	X	X
O Município	89	31/10/1896				X
O Município	90	07/11/1896	77			X
O Município	91	15/11/1896				X
O Município	92	21/11/1896		X	X	X
O Município	93	28/11/1896				X
O Município	94	05/12/1896	78			X
O Município	95	12/12/1896				X
O Município	96	19/12/1896		X	X	X
Folhas Avulsas						X
O Município	97	26/12/1896	79			X

O Município	98	02/01/1987	80	X	X	X
O Município	99	16/01/1897	81			X
O Município	100	23/01/1897				X
O Município	101	06/02/1986				X
O Município	102	13/02/1896				X
O Município	103	20/02/1897		X	X	X
O Município	104	06/03/1897				X
O Município	105	13/03/1897				X
O Município	106	20/03/1897				X
O Município	107	27/03/1897				X
O Município	109	10/04/1897		X	X	X
O Município	110	24/04/1897				X
O Município	111	01/05/1897				X
O Município	112	08/05/1897				X
O Município	113	15/05/1897		X	X	X
O Município	114	22/05/1897		X	X	X
O Município	115	05/06/1897	82	X	X	X
O Município	116	12/06/1897		X	X	X
O Município	117	19/06/1897		X	X	X
O Município	118	28/06/1897		X	X	X
O Município	119	10/07/1897				X
O Município	120	17/07/1897				X
O Município	121	24/07/1897				X
O Município	122	31/07/1897				X
O Município	123	07/08/1897				X
O Município	125	21/08/1897				X
O Município	126	28/08/1897				X
O Município	127	04/09/1897				X
O Município	128	11/09/1897				X
O Município	129	18/09/1897				X
O Município	130	25/09/1897	83			X
O Município	131	02/10/1897				X
O Município	132	09/10/1897				X
O Município	133	16/10/1897				X
O Município	134	26/10/1897				X
O Município	135	06/11/1897				X
O Município	136	13/11/1897				X
O Município	137	20/11/1897				X
O Município	138	27/11/1897				X
O Município	139	04/12/1897				X

O Município	140	21/12/1897	84	X	X	X
O Município	141	01/01/1898		X	X	X
O Município	142	08/01/1898				X
O Município	143	15/01/1898				X
O Município	144	01/02/1898	85			X
O Município	145	08/02/1898				X
O Município	146	15/02/1898				X
O Município	147	19/02/1898				X
O Município	148	26/02/1898				X
O Município	149	08/03/1898				X
O Município	150	15/03/1898				X
O Município	151	22/03/1898	86			X
O Município	152	29/03/1898	87			X
O Município	153	04/03/1898	88			X
O Município	154	16/04/1898		X	X	X
O Município	155	23/04/1898	89			X
O Município	156	30/04/1898				X
O Município	157	07/05/1898				X
O Município	158	13/05/1898				X
O Município	159	21/05/1898				X
O Município	160	31/05/1898				X
O Município	161	08/06/1898		X	X	X
O Município	162	14/06/1898				X
O Município	163	21/06/1898		X	X	X
O Município	164	30/06/1898	90			X
O Município	165	08/07/1898				X
O Município	166	14/07/1898	91			X
O Município	167	21/07/1898	92			X
O Município	168	29/07/1898				X
O Município	169	06/08/1898				X
O Município	170	13/08/1898				X
O Município	171	20/08/1898				X
O Município	172	27/08/1898	93			X
O Município	173	07/09/1898	94			X
O Município	174	17/09/1898	95			X
O Município	175	26/09/1898	96			X
O Município	176	03/10/1898				X

O Município	177	11/10/1898				X
O Município	178	20/10/1898				X
O Município	179	29/10/1898				X
O Município	180	07/11/1898				X
O Município	181	22/11/1898	97			X
O Município	182	02/12/1898				X
O Município	183	19/12/1898				X
O Município	184	31/12/1898				X
O Município	185	11/01/1899	98			X
O Município	186	21/01/1899				X
O Município	187	30/01/1899				X
O Município	188	07/02/1899				X
O Município	189	17/02/1899		X	X	X
O Município	190	27/02/1899		X	X	X
O Município	191	04/03/1899		X	X	X
O Município	192	11/03/1899				X
O Município	193	23/03/1899				X
O Município	194	06/04/1899		X	X	X
O Município	195	15/04/1899				X
O Município	196	22/04/1899				X
O Município	197	05/05/1899				X
O Município	198	16/05/1899				X
O Município	199	26/05/1899				X
O Município	200	05/06/1899	99	X	X	X
O Município	201	15/06/1899				X
O Município	202	05/07/1899		X	X	X
O Município	203	05/07/1899	100			X
O Município	204	13/07/1899				X
O Município	205	19/07/1899				X
O Município	206	08/08/1899				X
O Município	207	17/08/1899	101			X
O Município	208	26/08/1899				X
O Município	209	04/09/1899	102			X
O Município	210	12/09/1899		X	X	X
O Município	211	19/09/1899	103	X	X	X
O Município	212	02/10/1899	104	X	X	X
O Município	213	13/10/1899		X	X	X

O Município	214	24/10/1899		X	X	X
O Município	215	06/11/1899				X
O Município	216	18/11/1899		X	X	X
O Município	217	28/11/1899		X	X	X
O Município	218	11/12/1899		X	X	X
O Município	220	30/12/1899				X
O Normalista	10	17/10/1886	110			X
O Tambor	31	13/07/1890	112	X	X	X
O Tambor	34	07/08/1890		X	X	
O Tambor	s/n	28/08/1890				X
O Voluntário	3	16/02/1885		X		
O Voluntário	7	02/04/1865		X		
O Voluntário	9	24/04/1865		X		
O Voluntário	16	29/07/1865		X		
Sete de Setembro	1	07/09/1886	15			X
Sete de Setembro	2	16/09/1886	16			X
Sete de Setembro	3	23/09/1886	17		X	X
Sete de Setembro	4	28/09/1886			X	X
Sete de Setembro	5	07/10/1886	18		X	X
Sete de Setembro	6	14/10/1886	19		X	X
Sete de Setembro	7	21/10/1886			X	X
Sete de Setembro	8	28/10/1886			X	X
Sete de Setembro	9	04/11/1886				X
Sete de Setembro	10	11/11/1886	20		X	X
Sete de Setembro	11	18/11/1886	21			X
Sete de Setembro	12	25/11/1886	22		X	X
Sete de Setembro	13	02/12/1886	23		X	X
Sete de Setembro	14	10/12/1886	24		X	X
Sete de Setembro	15	16/12/1886	25		X	X
Sete de Setembro	16	23/12/1886	26		X	X
Sete de Setembro	17	01/01/1887	27		X	X

Sete de Setembro	18	08/01/1887	28		X	X
Sete de Setembro	19	15/01/1887	29		X	X
Sete de Setembro	20	22/01/1887	30		X	X
Sete de Setembro	21	29/01/1887	31		X	X
Sete de Setembro	22	05/02/1887	32		X	X
Sete de Setembro	23	12/02/1887	33		X	X
Sete de Setembro	24	19/02/1887	34		X	X
Sete de Setembro	25	26/02/1887	35		X	X
Sete de Setembro	26	05/03/1887			X	X
Sete de Setembro	27	12/03/1887	36		X	X
Sete de Setembro	28	19/03/1887	37			X
Sete de Setembro	29	26/03/1887	38			X
Sete de Setembro	30	02/04/1887			X	X
Sete de Setembro	31	09/04/1887			X	X
Sete de Setembro	32	16/04/1887			X	X
Sete de Setembro	33	23/04/1887				X
Sete de Setembro	34	29/04/1887				X
Sete de Setembro	35	05/05/1887	39			X
Sete de Setembro	36	12/05/1887	40			X
Sete de Setembro	37	20/05/1887				X
Sete de Setembro	38	26/05/1887				X
Sete de Setembro	39	03/06/1887	41			X
Sete de Setembro	40	12/06/1887				X
Sete de Setembro	41	19/06/1887	42			X
Sete de Setembro	42	28/06/1887	43			X
Sete de Setembro	43	10/07/1887				X
Sete de Setembro	44	23/07/1887				X
Sete de Setembro	45	30/07/1887				X
Sete de Setembro	46	06/08/1887				X
Sete de Setembro	47	13/08/1887				X

Sete de Setembro	48	20/08/1887				X
Sete de Setembro	49	27/08/1887				X
Sete de Setembro	1	07/09/1887				X
Sete de Setembro	2	15/09/1887				X
Sete de Setembro	3	24/09/1887	44		X	X
Sete de Setembro	4	12/04/1888			X	X
Sete de Setembro	5	19/04/1888			X	
Sete de Setembro	6	26/04/1888			X	X
Sete de Setembro	7	03/05/1888			X	X
Sete de Setembro	8	10/05/1888			X	X
Sete de Setembro	9	18/05/1888				X
Sete de Setembro	10	25/05/1888	45		X	X
Sete de Setembro	11	02/06/1888			X	X
Sete de Setembro	12	09/06/1888			X	X
Sete de Setembro	13	16/06/1888			X	X
Sete de Setembro	14	23/06/1888			X	X
Sete de Setembro	15	30/06/1888	46		X	X
Sete de Setembro	16	07/06/1888			X	X
Sete de Setembro	17	14/07/1888			X	X
Sete de Setembro	18	21/07/1888			X	X
Sete de Setembro	19	31/07/1888	47		X	X
Sete de Setembro	20	11/08/1888	48		X	X
Sete de Setembro	21	20/08/1888			X	X
Sete de Setembro	22	29/08/1888			X	X
Sete de Setembro	23	12/09/1888	49		X	X
Sete de Setembro	24	21/09/1888	50		X	X
Sete de Setembro	25	01/10/1888	51		X	X
Sete de Setembro	26	14/10/1888			X	X
Sete de Setembro	27	27/10/1888			X	X
Sete de Setembro	28	06/11/1888	52			X
Sete de Setembro	29	18/11/1888	53			X
Sete de Setembro	30	30/11/1888			X	X

Sete de Setembro	31	12/12/1888	54		X	X
Sete de Setembro	32	24/12/1888	55			X
Sete de Setembro	33	06/01/1889				X
Sete de Setembro	35	30/01/1889	56		X	X
Sete de Setembro	36	15/01/1889	57			X
Sete de Setembro	37	28/02/1889			X	X
Sete de Setembro	38	07/03/1889				X
Sete de Setembro	39	14/03/1889	58			X
Sete de Setembro	40	28/03/1889			X	X
Sete de Setembro	41	06/04/1889	59			X
Sete de Setembro	42	14/04/1889				X
Sete de Setembro	43	28/04/1889	60			X
Sete de Setembro	44	06/05/1889				X
Sete de Setembro	45	19/05/1889				X
Sete de Setembro	46	02/06/1889	61			X
Sete de Setembro	47	13/06/1889				X
Sete de Setembro	48	27/06/1889				X
Voz do Povo	s/n	s/ data				X
Voz do Povo	9	18/09/1881	107			X
Voz do Povo	46	24/08/1884	108			X

